

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA
SOCIAL**

**LUTA DE GUERREIROS
CASTIGOS DE NINJAS E AMOR DE RAINHAS:
ETNOGRAFIA DE UMA REBELIÃO PRISIONAL**

SAMIRIAN VIVIANI GRIMBERG

**São Carlos
2009**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA
SOCIAL**

**LUTA DE GUERREIROS
CASTIGOS DE NINJAS E AMOR DE RAINHAS:
ETNOGRAFIA DE UMA REBELIÃO PRISIONAL**

SAMIRIAN VIVIANI GRIMBERG

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), sob orientação do Prof. Dr. Jorge Luiz Mattar Villela, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Antropologia Social.

**São Carlos
2009**

**Ficha catalográfica elaborada pelo DePT da
Biblioteca Comunitária da UFSCar**

G861lg

Grimberg, Samirian Viviani.

Luta de guerreiros castigos de ninjas e amor de rainhas:
etnografia de uma rebelião prisional / Samirian Viviani
Grimberg. -- São Carlos : UFSCar, 2009.
141 f.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal de São
Carlos, 2009.

1. Prisões. 2. Ritual. 3. Violência urbana. 4. Desvio social.
I. Título.

CDD: 365 (20^a)



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL
Via Washington Luís, Km 235 - Caixa Postal 676
CEP 13565-905 - São Carlos - SP - Brasil
Fone: (16) 3351-8371 - ppgas@power.ufscar.br



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL

BANCA EXAMINADORA DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DE

Samirian Viviani Grimberg

15/06/2009

Prof. Dr. Jorge Luiz Mattar Villela
Orientador e Presidente
Universidade Federal de São Carlos /UFSCar

Prof. Dr. Piero de Camargo Leirner
Universidade Federal de São Carlos /UFSCar

Prof. Dr. José Carlos da Silva Gomes
Universidade Federal de São Paulo /UNIFESP

Aos meus Pais, ao meu Irmão e a Buba.
In memoriam de Carlos.

AGRADECIMENTOS

Estou voltando para minha casa depois de tanto tempo longe dos meus familiares e verdadeiros amigos. Convites recusados, telefonemas não atendidos, festas e passeios ausentes, cadeira vazia no almoço... Peço desculpas pelas ausências e agradeço a compreensão de todos.

À minha mãe Irma, por ter me ensinado o Amor pelo próximo. Tu és minha borboleta. Ao meu pai Samuel, que desde a tenra infância presenteou-me com a loucura pela escrita, fala e escuta poética da vida. Tu és minha nuvem.

Ao meu irmão Arnoud, por ter me acompanhado no silêncio, no olhar sempre confiante de novos dias, novos sóis. Obrigada por aceitar minhas diferenças e, sobretudo meu modo de amar.

Ao meu Amor, do sorriso e olhar puro. Muito obrigada pelo seu companheirismo. Sem você eu não teria reencontrado a minha essência, especialmente não teria acreditado que sempre há uma segunda chance para ser feliz.

Aos colegas de 2004, 2005 e 2006. Com vocês eu aprendi sobre antropologia durante os seminários e com as discussões dos textos em sala de aula.

Aos integrantes da turma do PPGAS 2007, especialmente à Karina Biondi por sempre disponibilizar, em primeira mão, seus trabalhos e manter um diálogo constante sobre o andamento desta etnografia; a Lecy Sartori pelas conversas, cervejas e torta de morango; aos amigos Gil Vicente e Kleber Felício pela companhia incondicional; a Camila Mainardi pelo incentivo.

À Prof. Dra. Marina Denise Cardoso, por abrir-me um novo horizonte em sua primeira aula, para o curso de graduação em Terapia Ocupacional, no segundo semestre de 1995.

Ao Prof. Dr. Piero de Camargo Leiner por suas considerações pontuais e perspicazes na qualificação.

Agradeço ao Prof. Dr. Marcos Pazzanese Duarte Lanna, pelo interesse dispensado ao tema, orientações e indicações bibliográficas em sala de aula.

À minha amiga Juliana, com quem compartilho minhas alegrias e tristezas, encontros e desencontros, risos e lágrimas, devaneios e realizações. Revisora e crítica das provas, dos trabalhos e desta dissertação. A você Ju, minha gratidão.

À minha amiga Sandra por acreditar que cumpriria esta tarefa e pela humildade em comentar sobre esta etnografia com o Prof. Clovis Barleta que dispensou seu valioso tempo para fazer algumas anotações gramaticais.

Aos meus colegas de trabalho da Clínica Nova Jerusalém que me apoiaram desde o início, especialmente a Sra. Cecília.

Agradeço a todos os reeducandos, reeducandas e técnicos que tornaram possível a concretização desta etapa não só acadêmica, mas principalmente de vida.

Por fim, os meus mais sinceros agradecimentos ao Prof. Dr. Jorge Luiz Mattar Villela, cujas orientações e aprendizados em sala de aula tornaram possível a realização desta etnografia. Tenha certeza que você não foi apenas um orientador, mas sim o Mestre.

A você Jorge, o meu respeito e admiração.

RESUMO

Esta dissertação versa sobre a “mega-rebelião” ocorrida no ano de 2006 nas unidades prisionais do Estado de São Paulo. Vista, sentida e observada de dentro de uma penitenciária, procurei analisá-la como um ritual simétrico e complementar de corpos solidários, resistentes, sofridos e memoráveis que, de tempos em tempos, são retroalimentados pelos policiais, na forma de *blitzes* e *castigos* como *feedback* para oprimir, coagir e imprimir dor e *sofrimento* capazes de causarem efeitos como a domesticação e a docilização dos corpos. A fabricação desses corpos móveis e dóceis que transitaram pelas diversas prisões do Estado, após serem transferidos para outras localidades com o desfecho da rebelião, conferiu ao Primeiro Comando da Capital (PCC) maior expansão territorial, fortalecimento de sua ideologia e transformação dos corpos desiguais em corpos *iguais*. Esta etnografia aborda como os presos *lutaram* em prol do PCC, alimentando-se, retroativamente, da sua própria produção ao consumirem suas substâncias, seus fluidos e suas matérias durante o processo de *luta* e impressão dos *castigos*. Enfim, a rebelião prisional constituiu-se em um ritual simétrico – complementar que marcou todo um *continuum* de condutas e comportamentos de corpos pensantes e resistentes sob os “ideais” do PCC. Fortalecidos pelo *amor eterno* das *companheiras* e confiantes na *justiça divina*, os presos superaram o *sofrimento* e continuaram na *caminhada* rumo à *liberdade*.

ABSTRACT

This dissertation deals with the "mega-rebellion" of 2006 that occurred at the prison units of the State of São Paulo. Seen, felt and observed from inside a penitentiary facilities, I tried to analyze it as a symmetrical and complementary ritual of solidarity, enduring, suffering, and memorable bodies who, from time to time, are fed back by police officers, in the form of *blitzes and punishments* as a *feedback* to oppress, coerce and impart pain and *suffering* capable of causing effects such as domestication and docilization of the bodies. The fabrication of these mobile and gentle bodies that transit at the various State prisons, after being transferred to other locations as a result of outcome of the rebellion, has granted the Primeiro Comando da Capital (PCC) [First Command of the Capital] more territorial expansion, strengthened by its ideology and transformation of unequal bodies into equal bodies. This ethnography approaches on how the prisoners *fought* for the PCC, by feeding themselves, retroactively, of their own production when they consumed their substances, their fluids and their matters during the *fighting* process and *punishing*. At last, the prison rebellion turned out to be a symmetrical - complementary ritual that marked the whole *continuum* of procedures and behavior of thinking and resistant bodies under the "ideals" of the PCC. Strengthened by *the eternal* love of their *partners* and confident in *the divine justice*, the prisoners overcame the *suffering* and continued their *walk* to freedom.

SUMÁRIO

Introdução	11
Acessos e Contextos	22
Entraves e Aberturas Metodológicas	28
Sobre a Etnografia	36
Capítulo 1: PCC: Germe da Prisão e Semente da Revolta	39
1.1. <i>Faculdades</i> do PCC e <i>Seguros de Coisas</i>	47
1.2. Laços de Amizade e Nódulos de Inimizade	50
1.3. Sacralidade da Mulher e da Família	59
Capítulo 2: Rebelião Prisional: um Ritual Simétrico – Complementar	63
2.1. O <i>Sufrimento</i> na <i>Caminhada</i>	70
2.2. As Rainhas e os <i>Jumbos</i> Nutritivos	81
2.3. Lixo Radioativo e Sujeira Radiofônica	89
2.4. O Banquete do PCC	93
Capítulo 3: Sangue, Suor e Lágrimas derramados em prol da Paz	97
3.1. Os <i>Ninjas</i> nas Muralhas e os Homens Seminus no Pátio da Prisão	106
3.2. Castigos, <i>Sufrimento</i> e Justiça de Deus.	109
3.3. Os <i>Bondes</i> da Liberdade	116
Considerações Finais	121
Referências Bibliográficas	128
Apêndice	133
Índice das Cartas	136
Glossário	138

INTRODUÇÃO

Escrever é esquecer.

Fernando Pessoa

Na sexta-feira, doze de maio de 2006, iniciou-se a segunda “mega-rebelião” promovida pelo Primeiro Comando da Capital (PCC), nas unidades prisionais do Estado de São Paulo. Na época, eu exercia a função de Terapeuta Ocupacional (T.O.) de dois Centros de Ressocialização (CR) – masculino e feminino – localizados na cidade de Araraquara/SP, os quais alojavam *reeducandos*¹ (*as*) oriundos das unidades prisionais circunscritas pela Região do Triângulo do Sol². Recordo-me que nesse dia caminhava pelas galerias do CR (masculino) por volta das 18h, carregando duas caixas de papelão cujo conteúdo consistia de origamis de corações e sabonetes decorados com flores pintadas que seriam entregues em homenagem ao Dia das Mães, quando um agente penitenciário, aos berros, ordenou que eu saísse, imediatamente, daquele espaço e fosse até a sala do diretor do CR.

Ao transpor as grades e entrar na sala, fui informada que todos os funcionários iriam sair dessa unidade prisional em comboio, pois receberam um comunicado de que a cidade de São Paulo estava sendo alvo dos “ataques do Primeiro Comando da Capital”. Cumprimos as ordens, mas ao invés de irmos para nossas casas, fomos direto ao bar do centro da cidade. Após uma hora de bate-papo, fomos surpreendidos pelas imagens de violência e pânico dos habitantes da capital paulista. Não tardou muito para que os fregueses pagassem suas contas e fossem esvaziando o bar, lentamente. Levei minha colega e psicóloga do CR para a casa dos seus sogros, por volta das 23h e voltei para São Carlos (cidade onde fixara residência), meio atônita por não compreender os motivos do pânico provocado nas pessoas.

Durante todo o fim de semana, as emissoras de rádio e de televisão exibiram notícias informando sobre as ações do PCC³, sobretudo aumento no número de prisões que aderiam ao

¹ Palavras e expressões nativas serão grafadas em itálico e explicadas, com exceção das palavras em idioma estrangeiro. Reeducandos (*as*) – nome dado aos homens e mulheres que cumpriam pena nos Centros de Ressocialização.

² A região do Triângulo do Sol abrange as cidades de Araraquara, Matão, Rincão, Ibitinga, Taquaritinga e Itápolis.

³ Conforme balanço divulgado pela Secretaria de Segurança Pública do Estado de São Paulo em 22.05.2006, a segunda “mega-rebelião” envolveu ao todo 84 instituições penitenciárias, das quais 10 fora do Estado de São Paulo e resultou

movimento de *luta* em prol do PCC. Meus familiares e amigos ficaram preocupadíssimos com o fato de eu trabalhar no CR e colocar em risco a minha vida. Mas do meu ponto de vista seria difícil algo de mal me acontecer, pois nessa unidade prisional não havia membros do PCC⁴. Minha mãe não concordou com a minha ida ao CR, 15 de maio de 2006, mas procurei confortá-la dizendo que tudo não passava de especulação e estardalhaço da mídia. Então, segui rumo a Araraquara.

Tão logo estacionei meu carro dentro dessa unidade prisional, fiquei espantada com a quantidade de policiais com fardas pretas, encapuzados com *glocks* e outras armas no portão principal do CR. Esses policiais formaram um corredor estreito e os *reeducandos* atravessavam-no para irem trabalhar nas empresas de bloco ou de reciclagem de plásticos. Recordo-me que as atividades cotidianas (alimentação, faxina, administração, trabalho, etc.) só se normalizaram por volta das 10h, quando a Tropa da Polícia Militar deixou a unidade.

Após o almoço, eu estava encostada na parede da sala do setor de psicologia, ouvindo o discurso apavorado do psicólogo que dizia ter violado o desejo dos seus pais de vir trabalhar, pois “o PCC estava agindo nas ruas”, dizia ele. Mesclados aos meus risos, da psicóloga e a angústia do psicólogo, o diretor do CR esbaforido, eufórico e com seu tom de voz eloquente, apressava-os, pois iriam para a cadeia pública localizada na cidade de Rincão.

Num sobressalto, o psicólogo cujo suor escorria pela testa recusou viajar, pois não colocaria sua vida em risco. O diretor caçoou do psicólogo, dizendo: “Tô com medo! Tô com medo, mamãe”. Todos riram da brincadeira, mas apesar da insistência, o psicólogo não mudou de opinião. Diante dessa recusa tomei coragem e prontamente me candidatei em ir com eles.

num total de 299 ataques aos órgãos públicos, 82 ônibus queimados, 17 agências bancárias alvejadas a bombas, 42 policiais e agentes de segurança mortos e 38 feridos – http://www.ssp.sp.gov.br/home/noticia.aspx?cod_noticia=8284.

⁴ Adiante explico para o leitor que no CR não era permitido o ingresso de nenhum indivíduo com suspeita de envolvimento com o PCC.

* * *

Fomos de perua kombi à cadeia pública de Rincão. A pista que interligava o CR a essa cidadezinha estava completamente deserta. Recordo-me que estava uma tarde calorosa e o barulho do motor tornava difícil escutar a voz do diretor e da psicóloga. Durante todo o trajeto, então, falamos em voz alta e compulsivamente do PCC e dos “ataques” do fim de semana. Por ora, ríamos ao imaginar a possibilidade de sermos alvos de alguma emboscada e, conseqüentemente, sermos metralhados, pois na porta do automóvel havia o emblema da Secretária de Administração Penitenciária (SAP) do Estado de São Paulo; logo, poderiam nos confundir como policiais ou agentes de segurança.

Ao contrário de outras vezes em que lá estive não vi pessoas nas ruas, nem carros, nem pessoas nas janelas, sentadas nas calçadas ou qualquer indício que revelaria um padrão de normalidade nas atividades de comércio, trabalho, lazer, etc. As ruas estavam bloqueadas por viaturas da PM, por faixas e cavaletes que interceptavam os acessos. O que quero dizer com isso é que Rincão estava apática, amedrontada e sob um regime de intensa segurança policial. Policiais vinham ao nosso encontro para averiguarem aonde iríamos e com quais propósitos. Senti medo por diversas vezes, principalmente quando fomos recebidos no portão da cadeia pública, por um agente penitenciário que portava uma *glock*.

Entramos, rapidamente, e nos dirigimos para a sala do delegado da cadeia. Os agentes penitenciários – concentrados nos corredores e atentos aos comportamentos dos presos –, estavam prontos para intervir caso suspeitassem de qualquer nova tentativa de *levante*⁵ ou agitação. Segundo o delegado, a cadeia de Rincão, estava sob o controle de três irmãos⁶ do PCC, logo, qualquer

⁵ Não chega a ser uma rebelião, propriamente dita, pois muitas vezes os presos tomam as celas, fazem ameaças verbais e sua duração é efêmera. Não há a destruição total ou parcial do prédio institucional.

⁶ Os *irmãos* seriam os principais responsáveis por não permitirem desavenças no interior da prisão, como também, responsabilizarem-se pela operacionalização do PCC. Retorno a essa temática no subcapítulo 1.1.

tentativa de transferirem demais presos para o CR estaria condicionada, naquele momento, ao cumprimento das ordens do PCC por meio dos *Salves*⁷. Cientes disso, o delegado da cadeia pública e o diretor do CR, a fim de “transparecer um ar de normalidade” solicitaram que um agente penitenciário *cantasse as matrículas* dos presos para serem entrevistados.

Escoltados, com algemas nos pulsos e cabisbaixos, os *primários*⁸ sentavam-se, um a um, defronte ao diretor e psicóloga, e respondiam uma série de perguntas contidas no questionário de triagem⁹. Recordo-me que fiquei impressionada com o fato dos presos – que passaram por esse processo de entrevista (em torno de dez) –, implorarem e chorarem para o diretor os transferir para o CR, pois não queriam morrer, principalmente porque possuíam família, desejavam “dar um rumo na vida”, ter uma oportunidade de trabalho e estudo, e que ali, dentro de uma cadeia pública, não vislumbravam tais oportunidades. Porém havia alguns presos que recusavam, veementemente, em ir para o CR.

Era essa dubiedade de escolhas que eu não compreendia, ou seja, por que alguns *primários* aceitavam as condições impostas para serem transferidos para o CR, e outros não? Até mesmo alguns *residentes*¹⁰ manifestavam a vontade de irem para o CR, porém a aprovação nesse processo estava condicionada ao cumprimento de alguns requisitos exigidos pela equipe. Era comum ouvir do diretor do CR: “Ah! Esse não tem perfil adequado”, ou, “Esse têm”. Ou seja, teriam que satisfazer condições como estudar, trabalhar, ter boa conduta, possuir vínculo familiar e não fazer

⁷ O Salve! é uma palavra que dentro da prisão possui alguns significados que variam em virtude do contexto e da situação vivenciada. Pode ser uma saudação entre presos, um chamado para receber atendimento médico ou jurídico. Aqui, o Salve! – uma palavra-comando que advém das *torres*. Em linhas gerais é como são designadas as unidades prisionais de onde partem as ordens do PCC, e que se ramificam para as outras *faculdades*, isto é, as penitenciárias sob domínio do PCC para que cumpram as ordens, os comunicados e as recomendações do *Partido* para todas as unidades prisionais. Isso é feito pelo *piloto da cadeia*. Como as prisões estavam em pleno fervor das rebeliões, os *irmãos* e *pilotos* estavam no aguardo das resoluções para, então, a cadeia retornar ao seu estado normal.

⁸ Nome dados aos que cumprem pena pela primeira vez e que aguardam a condenação ou a liberdade.

⁹ Esse questionário era composto de uma bateria de perguntas referentes a história de vida desse indivíduo como aspectos relacionados ao nível educacional, socioeconômico, familiar, profissional, motivo do aprisionamento, especialmente vínculo em algum grau com o PCC.

¹⁰ Indivíduo preso por mais de um ano, condenado, ou, que já fora preso em outro momento (também chamado de *reincidente*).

uso de substâncias psicoativas. Algumas vezes, o excesso de gírias e tatuagens, era mal visto pelo diretor e psicóloga, pois sugeria que o “cara era escolado”. Além disso, uma das exigências imprescindíveis era que o *primário* estivesse disposto a *pegar na mixa*, especialmente conviver com os *jacks* (estupradores). Chegava a ser cômico – para não dizer dramático –, quando o diretor do CR, como uma carta embaixo da luva, fazia a seguinte indagação: “Você está disposto a pegar na *mixa*¹¹? Porque lá, preso abre portão para a polícia, ou seja, pega na *mixa*. E, também, mora no mesmo *xis* com os *jacks*”. Imediatamente, os presos respondiam com olhares espantados, surpresos...: “Ah! Isso eu não faço”. Então, diretor e psicóloga trocavam olhares, esboçavam sorrisos e exclamavam: “Mais um para o PCC!”, ou, “Esse é da facção”.

Quando indaguei o diretor do por que alguns *primários* “pegavam na mixa” em detrimento de outros, obtive como resposta a seguinte explicação: “Quando eu pergunto se ele segura a *mixa*, estou tentando quebrar a ética do crime, ou seja, a honra e o orgulho do preso”. Tal explicação soou para mim como um indício que, dentro da prisão, vigorava uma força que *comandava* os indivíduos, porém nem todos seguiam as regras e normas impostas ou eram aceitos pelo PCC¹².

Com o término das entrevistas, voltaríamos para o CR, mas de repente o celular do diretor tocou. Era o diretor do Complexo Penitenciário de Araraquara que solicitou que fôssemos até lá, a fim de realizar a triagem de um preso recém chegado de *saidinha*¹³, o qual estava impossibilitado de descer para o *convívio*¹⁴, pois a penitenciária estava completamente destruída e mais de mil homens

¹¹ *Mixa* é uma chave de ferro amarela, relativamente pesada e que abria todas as grades do CR, principalmente as que davam acesso aos setores administrativos e saída da unidade. Todas as grades permaneciam fechadas. O *reeducando* que ficava de prontidão, abria e fechava, quantas vezes fossem necessárias para que o agente penitenciário e demais funcionários descessem para o convívio, entrassem na cozinha, na galeria, por exemplo.

¹² As prisões do Estado de São Paulo, desde o ano de 1995, sofreram uma transformação no modo como agenciavam as relações entre os presos e os policiais, ou seja, com a insurgência do PCC, tivemos o fim do que os presos denominavam por *patifarias* (condutas reprováveis como extorsão, corrupção, agressão mútua e uso de crack) a partir do momento em que a *disciplina do Partido* entra em vigor nas prisões paulistas. No subcapítulo 1.1 retomarei essa discussão.

¹³ Como os presos denominavam os indultos (extinção da punibilidade) nas datas comemorativas como Dia das Mães, Natal e Ano Novo.

¹⁴ Área externa da prisão onde os presos tomam banho de sol, conversam, jogam futebol, caminham, discutem, etc.

estavam trancafiados em um único *raio*¹⁵ sob fortíssimo esquema de segurança policial. Despedimo-nos do delegado e dos agentes penitenciários, com a seguinte ressalva: “Cuidado! o PCC não cessou os ataques”.

* * *

Inaugurado em 1976, o complexo penitenciário de Araraquara era composto por um Centro de Detenção Provisória (CDP), por uma Ala de Progressão de Regime (APP) e pela penitenciária, propriamente dita. A construção arquitetônica foi inspirada – de acordo com informações obtidas de um ex-diretor que ocupou o cargo de direção dessa penitenciária por doze anos –, no modelo holandês, ou seja, em forma de espinha de peixe. Quer dizer, a penitenciária possuía um *hall* central sendo que os pavilhões e locais de trabalho convergiam para uma gigantesca galeria que lembrava as cartilagens colaterais de um peixe que convergia para o eixo dorsal. O CDP localizava-se dentro e nos fundos da penitenciária; a APP na área externa cercada por alambrados altíssimos. Todo o complexo penitenciário era cercado por enormes muralhas de concreto com quatro torres (pilares) de controle onde agentes penitenciários permaneciam de sentinela dia e noite. Estive nessa penitenciária por quatro vezes (21 de agosto de 2005, 15 de maio de 2006, 28 de agosto de 2006 e 20 de março de 2007) durante a minha incursão etnográfica, o que possibilitou observá-la antes, durante e depois da rebelião e, tão logo concluíram a reforma, em março de 2007.

Lembro-me que ao chegar à portaria principal dessa penitenciária, deparamo - nos com vários camburões da polícia militar, alguns repórteres e vários agentes penitenciários do lado de fora. Fomos recepcionados pelo diretor dessa prisão que, de imediato, nos alertou que estava praticamente inviável transitar pelas galerias e anexos da unidade, a qual fora completamente

¹⁵ Sinônimo de pavilhão para os presos que, no caso dessa penitenciária, estava projetado para abrigar em média 200 presos.

destruída, no último fim de semana. Convidou-nos para ver o estado em que mais de mil homens se encontravam em um único *raio* e a magnitude da demolição empreendida pelos presos na rebelião.

Tão logo me deparei com a fachada da penitenciária, senti meus olhos turvos e espantados ao ver o que os sentimentos de raiva e ódio, canalizados nos comportamentos dos homens, poderiam acionar; senti os meus músculos retesados, narinas congestionadas pelo odor fétido e olhos lacrimejantes pela fumaça. Vi-me diante de um turbilhão de imagens e sensações amalgamadas com o fato de mil e seiscentos homens estarem confinados, as galerias recobertas por entulhos, as paredes, janelas e telhados completamente destruídos, etc. Do lado de dentro, ouvi gritos, estouros e batidas; senti o cheiro de coisas queimadas, de lixo orgânico, etc., que exalava da galeria e do pátio da prisão, enquanto caminhei no chão repleto de cacos de vidros, sujeiras, coisas destruídas, cinzas, etc. Senti a minha pele aquecida pelo calor das paredes, grades e outros materiais que foram queimados pelo fogo nas barricadas feitas com o intuito de bloquear o acesso dos policiais.

Em sentido oposto, fora das muralhas, reuniram-se mulheres (esposas, mães, irmãs, filhas) e outros parentes com cartazes, pedidos de ajuda às entidades competentes para pôr fim ao *sofrimento* de seus entes queridos. Os presos estiveram confinados (por mais de 30 dias) em uma área que abrigaria no máximo duzentos homens, expondo-se a todo tipo de intempéries (sol, chuva, frio, escassez de alimentos, ausência de higiene, etc.), além de terem seus direitos negados como assistência médica, social e jurídica. Os reflexos dessas ações se alastraram até meados do mês de agosto, quando se iniciou o processo de transferência por meio dos *bondes* para outras instituições prisionais.

Os dois parágrafos supracitados sintetizam o momento no qual a pesquisa de campo se insere dentro de uma perspectiva antropológica. Contudo, descreverei no subcapítulo 2.2 – As Rainhas e os *Jumbos* Nutritivos – como as presas alojadas no CR feminino permitiram-me o acesso

aos conteúdos de cartas escritas pelos seus esposos ou amásios durante a “mega-rebelião” cujos revelaram as tensões políticas, psíquicas e morais dos presos diante dos vários níveis de poder a que estavam submetidos. Ou seja, ora eram os agentes penitenciários locais, ora os policiais militares da Tropa de Choque, ora os agentes do GATE; em termos nativos, os *ninjas*. Os enunciados das cartas denunciaram o modo como foram abordados pelos *ninjas* durante os *choques*; revelaram as reivindicações dos presos quanto aos seus direitos e explicitaram quais foram seus medos, suas angústias, suas saudades, suas infelicidades.

Os presos escreveram numa folha de papel as memórias de um tempo de outrora, as projeções de um tempo longínquo, em especial, aquelas vividas com a família, e agora tão sonhadas e almeçadas por voltar a viver. Na análise das cartas, encontrei relatos de uma memória escrita localmente, i.é., de dentro da penitenciária que, devido aos conteúdos velados de intimidações, chantagens emocionais e pedidos de ajuda, mobilizaram as mulheres e demais parentes a tomarem parte nessa *luta* despertada pelo *Partido*. Esses homens conseguiram fazer com que a rebelião atingisse os sentimentos de amor das mulheres que atrás das muralhas (ou até mesmo presas no CR feminino) se aglutinassem no corpo das *Guerreiras de Fé*, uma extensão feminina dos *Guerreiros da Luz*. Por meio da análise das cartas pude compreender o que se passou por detrás das barricadas de entulhos e da cortina de fumaça. Como escreveu Villela (2008):

Nesse sentido, o estudo das correspondências pode apresentar a vantagem de mostrar um ponto de confluência entre o que é dito e pensado e o que é feito e executado permitindo analisar o que Foucault chamou de “regimes práticos”, os regimes de prescrição de conduta e os “efeitos de codificação relativos ao que se deve saber”. Permite situar-se no lugar de encadeamento do dito e do feito, de regras impostas e de razões fornecidas (pp. 183-184).

Assim sendo, procurei olhar, ver, sentir e cheirar a rebelião prisional como um ritual¹⁶ simétrico e complementar. Como a literatura sobre rituais cobre um vasto campo da produção acadêmica, decidi partir do modelo etnográfico de um dos seus mais ilustres representantes, Victor Turner (2005), justamente porque ao que me parece esta etnografia revelou alguns contrapontos com o conceito de “liminaridade” desse antropólogo. Além disso, do que analisei do campo, a revolta dos presos não sublinhou apenas a presença de gastos e excessos, mas sim de perdas e sobras. Logo não estaria restrita à ideia de círculos recíprocos (uma espécie de *toma lá, dá cá*).

Como procurei demonstrar no decorrer do texto, a rebelião produziu restos, sujeiras, impurezas, carências, entulhos e infortúnios que, somados às substâncias e fluidos que se desprenderam dos corpos dos presos, propiciou a cada um dos indivíduos vivenciarem um estado de *sofrimento* que os tornou *iguais*¹⁷. Porém, como atingir seus aspectos mais obscuros diante da multivocalidade e multicorporalidade presente nesse ritual? Afinal, não se tratava apenas de analisar a rebelião em si, mas ir além do que estava na superfície e descobrir como, por meio dela, seria possível descobrir outros conteúdos. Para responder a essa indagação, fiz uso de duas premissas básicas:

1^a. – os presos *aprenderam* a respeitar e a *lutar* pelos *ideais* de *Paz, Justiça, Liberdade e Igualdade* que, somados a uma série de outras regras e normas de *convívio*¹⁸, condicionaram-nos aos mesmos comportamentos, hábitos e atitudes;

2^a. – o estado de *sofrimento* vivenciado durante o processo da rebelião comportou um outro aprendizado que permeou os corpos, ou seja, os *castigos* oriundos das *blitzes* policiais, as quais objetivaram a moralização e normatização dos comportamentos dos presos. O *sofrimento* interligou

¹⁶ Os estudiosos de rituais têm prestado atenção em como eles são performáticos e vivenciados pelos seus participantes, isto é, os atores no ritual são vistos como agentes conscientes na reprodução do modelo. Isso significa que mais do que representar diretamente a estrutura social, o ritual faz parte do processo político (Barnard & Spencer, 2002, p. 490).

¹⁷ Sobre o modo como *sofrimento* ocasionou nos presos autênticos sentimentos de solidariedade e igualdade, ver Capítulo 3.

¹⁸ Ver subcapítulo 1.1 e apêndice.

e *igualou* cada um deles, homens encarcerados, ao compartilhar de coisas em comum afinal seguiam no mesmo compasso – a *caminhada*.

Com isso constatei que estava diante de um ritual que poderia ser esmiuçado por meio da teoria da cismogênese simétrica e complementar, desenvolvida por Bateson (2008). Um ritual que foi retroalimentado pelos policiais, na forma de *blitzes* e *castigos* como *feedback* para oprimir, coagir e imprimir dor e *sofrimento*, capazes de causarem efeitos como a domesticação e a docilização dos corpos. Na verdade, a rebelião constitui um ritual que marcou todo um *continuum* de condutas e comportamentos que atravessaram as relações sociais, perfuraram as muralhas, esvaziaram as avenidas e ruas da cidade de São Paulo e do interior.

A rebelião prisional denominada pelos presos e policiais – de *mega* –, consistiu num ritual que germinou dentro das *mentes* de uma coletividade da resistência, e produziu como fruto o caos, a desarmonia, o desequilíbrio, a desordem, a dilapidação e a ostentação. Um ritual do *sofrimento*, de modo a fazer emergir novas concepções de vida, morte, amizade, família, etc. Ritual que condensou um amplo leque de atitudes, crenças, sentimentos, emoções e comportamentos, ou seja, o processo de fazer vir à superfície o que estava na profundidade; o tornar público o que era privado; algo essencial para a manutenção do *Partido* com a glorificação da *Igualdade* entre os desiguais.

Diante disso passo a apresentar na seção seguinte, como foi a minha trajetória em campo construída mediante acessos em diferentes contextos prisionais. Procurei não bloquear ou estancar o objeto empírico de estudo em teorias antropológicas que pudessem engessá-lo, mas sim seguir o fluxo das relações entabuladas pelos presos de maneira a não estancá-lo, bloqueá-lo, encaixá-lo.

Com a sistematização dos dados obtidos em campo pude verificar que a rebelião condensou uma gama variável de atores sociais, de códigos, de símbolos, de signos e substâncias – o que não só trouxe potência como também revelou a magnitude territorial do PCC; logo, aí residia a porta de

entrada para essa escrita etnográfica¹⁹. Nos próximos dois tópicos, descrevo os aspectos essenciais do fazer etnográfico sob diferentes ângulos e percepções, ou seja, o ver, o ouvir, o cheirar, o tocar e o “sentir-se afectada” (Favret-Saada, 2005). Relato como foi a minha peregrinação nos Centros de Ressocialização (masculino e feminino), desde os contatos iniciais aos percalços vivenciados na pesquisa de campo e, como por meio dessa experiência em campo, reuni material etnográfico suficiente para compreender o processo de uma rebelião prisional. Ou seja, descrevo como foi o transpor das grades, galerias e olhares, estritamente masculinos, de quando convivi com centenas de homens e compartilhei da aurora e do crepúsculo, do sol e da chuva, do céu e do *inferno* que coexistiam em duas dimensões que ora se contrapunham, ora se complementavam, ou seja, a liberdade da vida e a morte do aprisionamento.

I

Acessos e Contextos

No ano de 1997, concluí a minha graduação em Terapia Ocupacional (T.O.) na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), e desde então exerci a profissão em asilos, hospitais psiquiátricos, clínicas geriátricas, comunidades terapêuticas (que são especializadas no tratamento de uso abusivo de álcool e de substâncias psicoativas), porém nunca em uma prisão.

Lembro-me que no ano de 2005, li uma matéria no jornal – *A Tribuna* –, do município de São Carlos, a respeito de um curso profissionalizante para formação de cabeleireiras, oferecido por uma cidadã araraquarense, às presas alocadas no Centro de Ressocialização feminino.

¹⁹ Contudo, ressalto que a aquisição de coerência e inteligibilidade somente foi possível devido ao convívio diário nos Centros de Ressocialização; unidades prisionais que me ofereceram subsídios necessários para o entendimento do que subjaz à rebelião. Em outras palavras, a lógica que estava imersa na rebelião pode ser desvelada pela realidade desfragmentada, viscosa, exótica e tensa compartilhada com os *reeducandos* (as) de ambos os Centros de Ressocialização, tornando-a familiar e modeladora das conexões que nutriram de sentido e significado essas ações reativas, e demais conteúdos que estavam encobertos por elas.

Imediatamente resolvi verificar se, no quadro de funcionários dessa instituição, havia uma terapeuta ocupacional ou algo do gênero, ou seja, pessoas voluntárias que trabalham com artesanato, por exemplo. De posse do número do telefone, liguei para essa unidade prisional, e agendei com a gerente da ONG uma visita com o intuito de conhecer o trabalho realizado, embora a minha verdadeira intenção fora desde o início “vender o meu peixe”, ou seja, conseguir um emprego.

Na verdade, eu mal sabia que essa visita extrapolaria uma mera expectativa empregatícia, pois na verdade esse contato tornou-se, *a posteriori*, o pontapé inicial para a realização do que viria a ser esta pesquisa antropológica. Embora a gerente dissesse que nunca ouvira falar da profissão, Terapeuta Ocupacional, isso não inviabilizou a minha visita ao local, pois segundo ela, a ONG estava em busca de um profissional com experiência no tratamento e recuperação de usuários de drogas. De posse dessa informação, tratei de elaborar um projeto de intervenção e planejamento de um setor de terapia ocupacional para essa unidade prisional, com base na minha experiência prévia em outras “instituições totais” (Goffman: 1974).

Não me lembro ao certo qual foi o dia da semana que agendei a visita, mas sim o horário, i.é., às 11h. Como a maioria das pessoas, eu não me encontrava totalmente imune aos preconceitos e crenças infundadas em relação à vida atrás das grades. Logo, eu estava extremamente apreensiva, pois não sabia o que encontraria dentro de uma prisão. Assim sendo, ao entrar na unidade feminina, deparei-me com um fluxo de *reeducandas*²⁰ caminhando pelos corredores em direção às suas *casas*²¹ com canecas e frutas nas mãos; algumas tinham braços e pernas tatuados; outras estavam cabisbaixas, tristonhas; obesas ou extremamente magras; outras exaltadas, falantes e com passos apressados no corredor principal. Enfim, percebi que eu estava diante de uma realidade extremamente diversa de todas aquelas em que estive em doze anos de atuação profissional. A prisão diferiu de outras seja no cheiro, no ar abafado, na iluminação rarefeita, e em especial, por

²⁰ Modo como as presas eram chamadas pelos agentes penitenciários, diretores e demais funcionários da equipe técnica (advogado, dentista, psicóloga, terapeuta ocupacional e assistente social).

²¹ Nome dado por elas às celas da cadeia. Já eles [os presos] além de *casas*, também chamavam de *barracos*.

uma forte sensação de tensão e desconforto intermitentes, pois a qualquer momento pode acontecer alguma situação emergencial. Talvez eu não devesse atribuir apenas a esse motivo, o porquê da sensação de ter sido arrebatada com toda força e velocidade, por essa sensação de estranhamento, de medo, de insegurança quando da primeira vez que coloquei os pés nessa unidade prisional, mas o fato é que essas sensações desagradáveis foram a pedra de toque para a sistematização das impressões subjetivas contidas neste estudo antropológico.

Apesar disso, não deixei de manter os meus curiosos olhos fixos no trânsito daquelas presas e funcionários (as) que circulavam de um lado para o outro, enquanto sentia que meu corpo afundava no pequeno sofá preto que me fora oferecido para sentar no *hall* da prisão – enquanto aguardava a gerente da ONG. Depois de meia hora de espera fui convidada pela gerente para ir à sua sala. Conversamos sobre a rotina do CR, o trabalho exercido em conjunto, com a Secretaria de Administração Penitenciária, os desafios, etc., em torno de uma hora, quando de repente fomos surpreendidas por um homem de terno e gravata, que encostado à porta da sala, ouvira o desfecho da nossa conversa. A gerente apresentou-o como sendo o presidente da ONG, o qual estendeu suas mãos, e demonstrou estar interessado numa possível intervenção profissional. Esse argumentou que avaliaria o meu currículo, com os demais membros da ONG e que, em breve, entraria em contato.

Durante quinze dias vivenciei uma das fases mais angustiantes da minha vida pessoal e profissional. Desempregada e sem alusão de qualquer outra proposta empregatícia, permaneci horas a fio na espera desse telefonema. Sem obter qualquer retorno após esse lapso de tempo, tomei a iniciativa de entrar em contato com o presidente. Consegui o telefone da DIG (Delegacia de Investigação de Entorpecentes) onde ele exercia o cargo de delegado, e para meu alívio, ele mesmo atendeu, gentil e afetuosamente, a ligação. Eu não acreditei quando esse disse que a gerente do CR masculino estava no aguardo de minha visita, e que depois teríamos um segundo encontro, só que dessa vez na presença do tesoureiro da ONG.

Instantes após, já com os contatos telefônicos da unidade masculina, liguei para obter informação sobre a localização, e agendar a data e o horário em que faria a visita. Estávamos no mês quente e chuvoso de fevereiro de 2005. Tendo em mãos uma cópia do mesmo projeto de T.O., outrora entregue à gerente da unidade feminina, segui rumo ao CR masculino. Tinha em mente apenas uma vaga explicação dada pelo recepcionista dessa unidade, no tocante à sua localização: Rodovia Araraquara – Ribeirão Preto, km 75, atrás de um canavial. Dirigi em torno de 50 minutos pela rodovia que interliga as cidades de São Carlos e Araraquara, e depois cerca de 20 minutos, Araraquara – Ribeirão Preto (km 75), quando vi um *outdoor* da Usina Maringá. Segui em frente até a portaria da usina, e perguntei para os funcionários sobre como chegar ao CR masculino, e um deles disse-me: “Vá por aquela estradinha de terra ali até o fim”.

Era uma manhã quente, e depois de cinco minutos dirigindo nessa estrada de terra – cortada por várias ramificações, atalhos e barrancos feitos nas encostas para evitar que as enxurradas invadissem o plantio –, comecei a sentir uma leve sensação de desespero por ter a impressão de estar perdida. A estradinha não tinha fim, e eu indagava: Onde está a prisão? Quando de repente consegui enxergar, embora longe, a caixa d’água da unidade prisional, com o insígnia da bandeira do Estado de São Paulo, em seu ápice. Fiquei mais aliviada, porém com maior expectativa. Cheguei ao fim da estrada; dobrei à direita e mais ½ km - eis que vejo a portaria da prisão.

Fui recepcionada por um homem que a princípio pensei que fosse um funcionário e só mais tarde percebi que se tratava de um *reeducando* que conquistara sua liberdade, e que estava ali, como responsável pelo controle e fiscalização da portaria, por ser essa uma das atribuições ocupacionais delegada pelo diretor segurança-disciplina aos *reeducandos* que alcançam esse patamar de confiabilidade. Segui em direção ao portão principal, e toquei a campainha; agora sim, um agente penitenciário abriu o portão e solicitou meus documentos pessoais. Anotou-os em um livro, e só então encaminhou-me até a sala da gerente.

Nesse pequeno trajeto algumas coisas despertaram a minha atenção. Primeiro que em cada grade dessa unidade prisional havia um *reeducando* de camiseta branca e calça jeans, com uma chave amarela nas mãos, também chamada de *mixa* pelos presos; segundo, que era um espaço retangular onde estavam distribuídas dez salas (com exceção de dois banheiros – masculino e feminino), sendo que no lado esquerdo localizavam-se as do corpo técnico da ONG, formado por uma assistente social, um médico, um enfermeiro, dois advogados, um odontologista, três psicólogos, um administrador, um recepcionista e uma gerência; e do lado direito, um diretor, três funcionários responsáveis pelo setor de prontuários, dois no almoxarifado e um diretor segurança-disciplina.

Cumprimentei a gerente e sentei-me na cadeira por ela indicada. Após desligar o telefone, comentou que estava ciente da minha visita, e que havia solicitado ao diretor de segurança-disciplina que nos acompanhasse nessa visita, pois era expressamente proibido às mulheres terem acesso ao *convívio*, sem que estivesse na presença de um funcionário, na maioria das vezes de um agente penitenciário. Em torno de uma hora e meia, circulei por todos os espaços – internos e externos – da unidade prisional. Cheguei a interagir com alguns presos. O diretor de segurança fazia questão de explicar sobre o regramento disciplinar, os horários de trabalho e lazer, as medidas cabíveis em caso de descumprimento das normas e regras comportamentais.

Tão logo acordei em reunião com o presidente e tesoureiro da ONG a carga horária e rendimentos mensais pela prestação de serviços de Terapia Ocupacional, comecei a trabalhar, diariamente, tanto no CR feminino como no CR masculino. Assim, durante dois anos e três meses cruzei de ponta-a-ponta do asfalto aquela estradinha. Pude ver o plantio e o corte de três safras de cana, sentir as baixas temperaturas de três rigorosos invernos e o abafado calor de dois verões enluarados. As chuvas torrenciais deixavam aquela estrada de terra quase intransitável; os violentos relâmpagos iluminavam todo o canal enquanto todos nós – presos e funcionários –

compartilhávamos da rarefeita luz dos geradores de energia, quando do corte da mesma, em virtude das tempestades. Logo, nós, funcionários, tínhamos que aguardar a calmaria das chuvas para, então, trilharmos a estrada lamacenta rumo às nossas casas.

Além disso, como a prisão masculina fora construída por blocos de concreto, a sensação era como se estivéssemos dentro de uma câmara fria, e não havia agasalho que mantivesse nossos corpos aquecidos. Em contrapartida, os verões além de densos, coincidiam com a época da colheita da safra, i.é., de queimada. Consequentemente, isso elevava a temperatura dentro da unidade prisional. Ouvíamos os ruídos dos pés de cana-de-açúcar em chamas, enquanto fazíamos nossas tarefas. Ao cessar do fogo, todo o pátio da prisão encontrava-se repleto de fagulhas acinzentadas e pretas, e as roupas que estavam nos varais ficavam pintadas por essas minúsculas faíscas. Os *reeducandos* retiravam as peças de roupas, os lençóis brancos, etc. e balançavam-nas a favor da brisa, enquanto outros jogavam futebol, exercitavam-se, conversavam, fumavam, *pedalavam*²², etc.

De fato, era uma paisagem exótica, especialmente, às 7h, quando eu cruzava a estrada de terra e encontrava com o ônibus de bóias-frias. Eles caminhavam sobre o canavial tombado e queimado, com garrafas e marmitas térmicas, facões e foices afiados, dentre outros utensílios. Muitas vezes, essa estrada de terra estava lamacenta, devido à chuva da noite anterior, o que dificultava mais ainda o trajeto devido às enormes poças de água. Dirigia muito devagar... Lentamente. Cumprimentava-os, afinal de contas essa não era a primeira vez que tínhamos que compartilhar daquela estreita estrada, do barro e do tempo. Chegava quase a parar meu carro para dar passagem; ouvia algumas piadinhas, e seguia em frente.

Como era tempo de queimada, e os pés de cana-de-açúcar encontravam-se tombados sob a terra úmida, era natural que pequenos animais como preás e ratos ficassem expostos à predação das cobras. Estranho foi a associação-livre que fiz na hora, que apesar de ínfima, conservava certo grau

²² Significar caminhar de um lado para o outro, ininterruptamente.

de equivalência com a *população* que residia nos *barracos* dessa prisão, pois essa não se apresentava como compacta e homogênea. Por ora, cabe dizer que, no CR, conviviam no mesmo espaço institucional, uma multiplicidade de homens que cometeram os mais variados crimes como estupro, roubo, tráfico, etc., como veremos adiante. Na próxima seção, sigo com a descrição etnográfica dos principais problemas identificados em campo.

II

Entraves e Aberturas Metodológicas

Como o leitor pôde notar, a minha trajetória de pesquisa mesclou vivências em diversos tipos e regimes prisionais caracterizando um campo fragmentado, desconexo e truncado, o qual apontava para diferentes direções e sentidos, por conseguinte, acarretou alguns problemas. A seguir, descrevo cada um deles.

Primeiro, um duelo de forças. Eu era terapeuta ocupacional do CR, masculino e feminino, sendo que nessas unidades prisionais coexistiam dois aparatos de poder, a SAP (Secretária de Administração Penitenciária do Estado de São Paulo) e a ONG-APAC (Associação de Proteção e Assistência Comunitária) – ambas responsáveis pela administração, coordenação e gestão dos recursos administrativos, financeiros e humanos, além da manutenção da ordem e da disciplina –, tanto na unidade prisional masculina como na feminina. Porém, esses dois aparatos disciplinares entravam em choques constantes pelas diferenças ideológicas ao traçar as diretrizes de trabalho e saberes postos em prática direcionados à *população*.

Essas divergências de gestão dos recursos e ideologias contrárias no modo como os presos eram assistidos, ocorriam em diversas instâncias, como por exemplo: nos procedimentos burocrático-administrativos (liberação da visita-íntima, controle da segurança do prédio, gastos na

aquisição de bens permanentes e não-permanentes, etc.); nas regras de disciplina (horários, uniformes, atividades de trabalho e lazer) e nas condutas de punição/castigo (corte da visita íntima, uso do telefone, lazer, isolamento, etc.) para aqueles que por algum motivo infringiam as normas institucionais. E em outras vezes, negociavam formas de manter uma relação amigável camuflada pela troca de gentilezas, concessões e serviços, sobretudo quando as ordens partiam diretamente de uma instância maior, ou seja, do secretário da SAP, Nagashi Furukawa²³.

Na verdade, esse entendimento não se deu, imediatamente à minha entrada na prisão, pois eu estava maravilhada com a possibilidade de ser uma das pessoas que zelariam pelos direitos dos presos, na contrapartida dos funcionários da SAP, que fiscalizavam o cumprimento dos deveres por parte da massa carcerária. Não se faz necessário estender por ora essas questões de cunho ideológico e político para que se perceba que eu estava numa espécie de fogo cruzado. Afinal, desde o início fui advertida pelos técnicos da ONG para não me aproximar, em demasia, dos funcionários da SAP, pois “eles não sabem lidar dignamente com os presos, e sim nós, que somos da ONG”, dizia-me o tesoureiro da ONG.

O segundo problema: ser mulher em um universo masculino. Diferentemente de outros profissionais que possuíam salas privativas para exercerem suas funções, eu dependia da boa vontade dos agentes penitenciários, para ter livre acesso às dependências internas, galerias e ao próprio espaço reservado único e exclusivamente aos *reeducandos*, i.é., o *convívio*. Aproximar-me dos agentes penitenciários e do diretor do CR – de acordo com a orientação de um preso após alguns meses em campo –, daria a impressão para os demais que eu *corria com os homens*, ou seja, de que eu estava ali a “mando dos homens” para obter informações como, por exemplo, quem consumia e/ou vendia drogas, e depois repassá-las aos policiais. Assim sendo, como busquei sanar esses entraves de acesso?

²³ Na época esse era o secretário da SAP, que pediu demissão do cargo em decorrência da Mega-Rebelião. No seu lugar assume Antônio Ferreira Pinto até o presente momento.

Na verdade, a solução encontrada foi obter a confiança tanto dos funcionários da SAP, como dos presos, para que eu pudesse transitar pelas dependências do CR; o que só ocorreu após o primeiro ano de trabalho. O que eu busquei em primeira instância foi estabelecer um vínculo para que o *reeducando* se sentisse acolhido e seguro para expor sua história de vida, livremente, oportunamente. Aos poucos, ficou explícito para a *população* que eu não estava ali para “entregá-los aos homens”, além deles terem percebido o diferencial não só do trabalho, mas na forma como que eu os tratava. Nas palavras dos presos: “A senhora aqui trata todo mundo igual. Não faz distinção entre ladrão e *jacks*. Nós vemos a senhora cumprimentar todo mundo. Pára, conversa e dá atenção”. Com o passar do tempo, aproximadamente, após um ano e meio de trabalho, tive a ligeira impressão de que eu não fazia mais parte da equipe técnica; ou seja, diferentemente de outros técnicos que almoçavam com a equipe, participavam das festas, dos lanches da tarde, e cafezinhos, a mim ficou reservado, o *convívio* juntamente com os *reeducandos*.

Com relação ao fato de eu ser mulher, digo de passagem que o acesso e confiabilidade foram conquistados, também de modo gradual, sobretudo por ter buscado a todo custo, não um lugar ao sol, e sim, à sombra. Ou seja, nas duas primeiras semanas de trabalho, no CR masculino, tratei de conhecer, individualmente, cada um dos duzentos *reeducandos* ali alojados, por meio de um roteiro de entrevistas a fim de delinear o perfil educacional, sócio-econômico, familiar, profissional e social; e, de posse dessas informações, elaborei um projeto de intervenção terapêutica ocupacional²⁴.

²⁴ De posse de duzentas entrevistas reuni informações suficientes para elaborar o programa das Oficinas Terapêuticas (Espaço terapêutico destinado a uma série de atividade artesanais, plásticas e expressivas. Durante o período de permanência desenvolvi as seguintes Oficinas: de papel reciclado, crochê, cestaria, marcenaria, mosaicos, música, dança e teatro) que, gradativamente, despertaram o interesse da massa carcerária em aderir aos trabalhos manuais com mais afinco, por se tratar de atividades que contabilizavam na remissão do tempo de cadeia (três dias trabalhados equivaleriam a um dia a menos, no total da pena a ser cumprida). Durante a realização dessas Oficinas, era de *praxe* conversar com os presos sobre os mais variados assuntos (tráfico, família, esportes, sexualidade, etc.), o que acabou proporcionando a formação de vínculos de amizade, confiança e respeito.

Na verdade, atribuo a esse contato inicial com os *reeducandos* o ponto de partida responsável por favorecer a minha presença dentro desse universo masculino²⁵. Não poderia me esquecer do turbilhão de códigos nativos, de gírias, de expressões típicas da linguagem na cadeia, bem como fragmentos de histórias de vidas, motivos da condenação, sentimentos dispersos, etc. que foram apresentados e verbalizados por esses homens, sem ao menos perceberem de que se tratava de uma linguagem incompreensível para mim. Por diversas vezes, essas conversas foram interrompidas pelo barulho ruidoso das máquinas da fábrica de blocos de concreto, situada atrás da muralha, que penetrava pelas *ventanas* (pequenos círculos abertos) das paredes dessa sala. Além disso, a quentura da sala se misturava com a poeira da estrada de terra, onde vários caminhões transportavam os feixes de cana-de-açúcar, até a usina açucareira. Assim, sucederam-se os primeiros quinze dias de trabalho.

Ao final da tarde, encontrava-me esgotada, pois a diversidade e intensidade dessas narrativas não só me impressionavam pelo conteúdo explicitado, como também causavam a sensação de que eu estava diante de homens inocentes e vítimas da opressão do Estado. Era como se meus olhos estivessem obstruídos já que permaneci indo àquela prisão, sem entender o que poderia ser explicitado naquele contexto tenso, viscoso e em contínuo desequilíbrio.

Lembro-me que em diversas ocasiões, eu permanecia várias horas no pátio da prisão, ora observando, ora conversando com algum *reeducando*. Apesar de ser algo corriqueiro, chamo a atenção para o fato de eu estar, diariamente, participando e de prontidão para atender as demandas fossem elas afetivas, familiares ou institucionais. Interessante notar que tal conduta profissional teve repercussões positivas no transcorrer do tempo da minha estada naquela prisão porque em diversas ocasiões tive que atuar como uma espécie de pára-raio institucional, ou seja, tornei-me o principal elo de mediação nas relações estabelecidas entre os presos e o corpo técnico da unidade prisional,

²⁵ Os reflexos e implicações decorrentes do meu convívio diário com essa *população* foram delineados no subcapítulo 2.1. As *Rainhas* e os *Jumbos* Nutritivos.

representado pela SAP e ONG – fato esse que contribuiu, significativamente, para que os *reeducandos* não me vissem como uma espiã e sim, como uma profissional e uma amiga deles. Em síntese, pouco a pouco, conquistei respeito pessoal e credibilidade, pois como eu estava na coordenação de Projetos e Oficinas pautadas, especialmente na Lei de Execuções Penais (LEP), conforme orientação do diretor do CR, isso proporcionou aos presos outras vivências que não só o trabalho nas empresas terceirizadas.

Assim sendo, ao final do primeiro ano de trabalho houve uma procura significativa dos *reeducandos* pelas atividades oferecidas pelo Setor de T.O., e com isso consegui abrir novos espaços. Ressalto que é irrelevante discutir, neste texto, os motivos que levaram os adeptos do “trabalho pesado” qualificarem essas atividades como “mamão com açúcar”, “trabalhinho de mulher”, “sombra e água fresca”, ou, coisas do gênero, pois essas atividades aconteciam em lugar fresco e arejado, muito diferente dos trabalhos externos, como a fábrica de blocos e a empresa de reciclagem, por exemplo. O que é válido é perceber que a minha formação profissional, como terapeuta ocupacional, facilitou o destrave de algumas supostas trancas e me aproximou dos *reeducandos*, sobretudo pelo fato de eu ter compartilhado da alimentação, guloseimas, café, dias de sol, temperaturas baixíssimas de inverno, afetos, queixas, fofocas, e por outro lado, das rotineiras *blitzes*, ameaças de *bonde*, uso abusivo do poder e formas veladas de intimidação e *humilhação*.

Sanados esses dois problemas, identifiquei um terceiro quando tive como tarefa acomodar as minhas observações a uma descrição antropológica, pois me vi diante de um material particularmente diverso e desarticulado, ou seja, o material etnográfico foi obtido de unidades prisionais completamente díspares quanto às normas e às condutas de convívio interno entre os presos, sobretudo no modo como eram estabelecidas as relações com os policiais. Retomarei no subcapítulo 1.1 as principais diferenças existentes entre as prisões do PCC e as da *oposição*.

Por ora, explico ao leitor que as prisões da *oposição* corresponderiam a unidades onde não conviviam *irmãos* e demais membros batizados no PCC. Abrigavam indivíduos que cometeram crimes como estupros, parricídios, infanticídios (os *coisas*), etc., ou eram delatores, traidores e ex-profissionais da justiça estatal e demais que optavam em não se filiar ao PCC. Um outro ponto essencial a ser salientado é que uma parcela significativa desses *reeducandos* possuía algum tipo de vínculo seja afetivo, familiar ou de amizade com as *reeducandas* do CR (feminino). E essas, por sua vez, também tinham relações de parentesco ou de amizade com os presos da penitenciária e de outras unidades prisionais, nem sempre dentro do âmbito do Estado de São Paulo.

Ora, a forma utilizada para estabelecer a comunicação entre essas unidades prisionais se fazia por meio das missivas (cartas escritas à mão) e dos *jumbos*²⁶ que os familiares e amigos se encarregavam de levar e distribuir para seus entes queridos nos dias de visitas. Sem se esquecer que há outras formas de estabelecer contato como o uso do telefone público, de celulares, recados que os próprios familiares, amigos e parentes que se encarregam de passar adiante, ou seja, o boca a boca.

Como resolver esse impasse? Mediante os dias de convivência e trabalho no Centro de Ressocialização (masculino) notei que os *reeducandos* que ali se encontravam em algum momento da *caminhada* foram *irmãos* ou *primos*, porém em virtude dos descumprimentos da *disciplina do PCC* foram expulsos do *convívio*, todavia isso não os impediu que assimilassem os *aprendizados*²⁷ que porventura foram obtidos nas *faculdades*²⁸ do PCC. Além disso, os *reeducandos* estavam familiarizados com os sinais e os signos existentes no momento em que se iniciavam as rebeliões dentro da prisão.

²⁶ Sacolas, bolsas, pacotes, embrulhos contendo uma variedade de coisas como cigarros, refrigerantes, doces, creme dental, desodorante, sabonete, prestobarba, roupas, produtos de higiene doméstica, etc. Era expressamente proibida a entrada de comidas, doces ou salgados caseiros, salvo raríssimas exceções.

²⁷ Explico no subcapítulo 1.1 como os presos *aprendiam* sobre a *disciplina do PCC* dentro das *faculdades*.

²⁸ Nome dados para as prisões que estão sob comando do PCC. São nas *faculdades* que se tem contato com todas as regras, normas e códigos existentes no PCC, ou seja, é onde acontece todo aprendizado necessário para que o preso possa sobreviver ao longo da sua *caminhada*.

As constantes transferências – a que estiveram submetidos durante o cumprimento da pena – favoreceram a incorporação e a acumulação de um conteúdo infundável de relatos, lembranças, vivências, enfim de *aprendizados*. Contudo, o fato de terem passado em cadeias do PCC não significou que possuíam laço vigente (de filiação) com o *Partido*, mas outrora poderiam ter tido.

Nas multiplicidades dos discursos de encarceramento, devido à convivência no CR masculino, encontrei respaldo para compreender como os presos constituíam os laços de amizade entre si e inimizades com os policiais; como se *misturavam*, como se evitavam, como estabeleciam as trocas e favores entre si, enfim, como conviviam com as igualdades e as diferenças²⁹. Em resumo, realizei o meu trabalho de campo em três contextos prisionais, ou seja, nas cadeias públicas, na penitenciária (ambas sob influência do PCC) e nos Centros de Ressocialização. Logo, o material colhido em campo caracterizou-se por sua diversidade e heterogeneidade. Descrimino cada uma dessas fontes de pesquisa:

1) Das cadeias públicas observei o que me fora permitido ver de dentro das salas onde entrevistávamos os presos. Durante a semana a equipe do CR masculino (diretor, psicóloga e assistente social) visitava as cadeias públicas que pertenciam à região do Triângulo do Sol. Nessas entrevistas de triagem buscavam avaliar o perfil pessoal, psicológico, educacional, social e familiar do preso. Eu não interferia nas decisões da equipe, logo, permanecia apenas observando os procedimentos técnicos, atitudes dos presos entrevistados e a dinâmica prisional.

2) Da penitenciária pude observar toda a infra-estrutura, a dinâmica, os procedimentos de segurança e disciplina, interagir com agentes penitenciários e acompanhar as entrevistas de triagem realizadas pela equipe do CR masculino. Destaco como descrito acima – no tópico *Amnésia* –, a visita realizada no dia 15 de maio de 2006, na qual tive acesso ao interior dessa unidade prisional (menos de 24h após ter sido destruída pelos presos).

²⁹ Aspectos que exploro no subcapítulo 1.2.

Ao pisar nos destroços, na sujeira e na imundície do chão daquela penitenciária, e sentir aquele cheiro dentro do meu nariz, notei que estava diante de um universo prisional formado por categoriais com expressões e conteúdos como puro/impuro, limpo/sujo, inorgânico/orgânico, ordem/desordem, composição/decomposição, vivo/morto. Recordo-me que nesse dia em especial, permaneci por 3 h dentro da penitenciária, tempo suficiente para que eu pudesse observar o estado de destruição: milhares e milhares de telhas espatifadas no chão, metros e metros de vidros quebrados, vários objetos espalhados (pastas, documentos, pedaços de ferro, plásticos, etc.), paredes completamente destruídas pelo fogo, ferragem das grades e objetos retorcidos, etc. – uma quantidade imensurável de sujeira e de lixo. Por detrás daqueles entulhos ouviam-se os gritos, as ameaças de morte e de vingança dirigidos para aos funcionários e diretores dessa instituição.

3) Outras duas fontes de material foram obtidas de dentro dos Centros de Ressocialização:

a) do masculino: três relatos de experiências de encarceramento que foram gravados com o consentimento dos presos e observação participante por dois anos e três meses. O convívio diário me proporcionou a absorção de um conjunto de informações, expressões, falas, simbologias, códigos e gírias próprias das pessoas que estavam encarceradas. A princípio esse caleidoscópio me causou vertigens e estranhamentos pelos motivos enumerados acima³⁰. Porém foi dessa unidade prisional que obtive a caixa de ferramentas necessária para conferir inteligibilidade ao que vivenciei nas visitas realizadas na penitenciária (palco de uma rebelião);

b) do feminino: além do convívio de um ano e seis meses, reuni quarenta cartas³¹ escritas pelos presos às suas mulheres (esposas, amásias, irmãs, filhas) quando a *cadeia virou* nos meses de maio e julho de 2006. Por ora, cabe esclarecer que as *missivas* escritas às esposas ou amásias foram de extrema importância para a construção desta dissertação.

³⁰ Ver supra - Entraves e Aberturas Metodológicas.

³¹ Saliento que todos os nomes que apareceram nas cartas, foram substituídos por fictícios como um estratagema para preservar todos aqueles e aquelas que colaboraram para a feitura desta etnografia. O modo como obtive essas missivas foram descritos no subcapítulo 2.1.

Esclareço que todo arcabouço nativo foi decorrente das informações, narrativas, simbologias e códigos – colhidos durante o período de pesquisa de campo –, que somados à constante evocação da memória³² existente tanto na oralidade (relatos) como na escrita desses homens (cartas), compuseram as matrizes desta etnografia. Em seguida, apresento ao leitor, como condensei os dados etnográficos e o modo que encontrei para dispô-los no texto etnográfico.

Sobre a Etnografia

A construção deste texto antropológico passou por vários ensaios teóricos até resultar neste, que acredito ser o que mais se aproximou do que vivenciei durante a minha incursão etnográfica. Explicitar por meio de algumas dezenas de páginas o que inúmeros atores sociais empreenderam no ano de 2006, exigiu de mim relativa capacidade de síntese, criatividade e expressividade.

Procurei apresentar um estilo de escrita que envolvesse o leitor na *luta* dos *guerreiros* que, como veremos no Capítulo 1 – PCC: Germe da Prisão e Semente da Revolta –, não é recente, pois o PCC nasceu de uma *luta* contra as injustiças do sistema carcerário. Neste capítulo apresento os principais atores sociais do PCC, com suas respectivas funções e “posições políticas” (Biondi: 2009: 80), os quais formaram a liga dos *guerreiros* que *lutaram* e *sofreram* em prol do *Partido*. Em

³² Antropólogos estudam o que os indivíduos lembram e como isso é afetado pelo que é permitido lembrar. Entre os estudiosos temos W. H. R. Rivers e Gregory Bateson. Esse último em seu livro *Remembering* (1932) demonstrou que as pessoas ao lembrar-se de uma história eram influenciadas pelo modo de verem as coisas. Outro estudo é de Halbwachs, que em seu livro *La Memoire Collective* (1950) enfatizou que o ato de lembra-se é sempre social, porque o que era lembrado tinha que ser socialmente aprovado e construído por meio de um processo de interação e acomodação do que os indivíduos não foram amplamente conhecedores. Alguns escritores têm desenvolvido a idéia de “memória distributiva”. O que isso significa é que a memória de um grupo pode ser distribuída igualmente nas mentes de seus membros, mas que a distribuição dessa memória pode ser trazida através de momentos como os rituais. Nos mesmos moldes Frederick Barth (1987) argumenta que determinados rituais das sociedades podem servir para organizar a distribuição da memória, além de fixar certas representações e significados que subseqüentemente informam percepções e performances futuras. Já os antropólogos britânicos tais como Malinowski, Radcliffe-Brown e, mais tarde, Edmund Leach enfatizaram o aspecto pragmático das coisas, argumentando o que as pessoas lembravam no contexto social era usado para legitimar instituições ou reivindicar status ou direitos.

contrapartida, os *traidores*, os *caguetas* e os *coisas* – formados pelas dissidências do PCC –, que atuaram na retroalimentação do ritual. Descrevo sobre o caráter nutricional incrustado nos corpos dos *traidores* do PCC que, em conjunto, com o lixo, a sujeira, os destroços, os restos e as sobras encheram as caçambas de eficácia. Apresento também, como as mulheres e demais familiares reforçaram essa *luta*, ou seja, do lado de fora das muralhas, exigiram resoluções por parte do Estado e órgãos do poder público.

Reforço a ideia de compreender o processo de uma rebelião prisional como um ritual que consome e produz, no capítulo 2 – Rebelião Prisional: um ritual simétrico – complementar. Aqui, apresento a descrição etnográfica do processo germinativo da revolta até o seu desfalecimento. Mostro como a rebelião foi capaz de produzir substâncias, símbolos, signos, sentimentos e comportamentos contrapondo com o conceito de “liminaridade” de Turner. Abordo a função das mulheres nesse ritual que, com seus *jumbos* nutritivos, alimentaram os homens e nutriram o PCC de força e eficácia ao exibirem faixas e cartazes, palavras e comportamentos de *luta* seguindo os mesmos *ideais* de seus entes queridos.

Por fim, temos uma *luta* que se desdobrou em *sofrimento* – uma reviravolta – que os conduziu à *paz*, à *liberdade*. Porém sem antes transpor o *corredor polonês*, as *blitzes*, os *choques* dos *ninjas* – tema do terceiro e último capítulo: Sangue, Suor e Lágrimas derramados em prol da Paz –, os presos não se proclamariam como fiéis *guerreiros* do PCC. Sem dor, sem *sofrimento*, sem orações a *luta* perderia sua eficácia. Procuro mostrar que a rebelião e a *blitz* policial foram partes constituintes de um estado *continuum* dentro da prisão, ou seja, a *paz* entre os presos e a *luta* contra os policiais. Tratou-se do ressurgimento de uma solidariedade moral por meio do *sofrimento* que induziu um “processo de desindividualização”, o qual uniu e misturou os corpos no pátio da prisão.

Tivemos o arquear dos corpos, o escorrimento do cansaço de homens desolados e esquecidos pela Secretaria de Administração Penitenciária (SAP) que seguiram ora com os ânimos

exaltados, desconjurados com a *justiça dos homens* e com medo por terem seus esforços malogrados diante da força do Estado; ora crentes e esperançosos na *justiça divina* ao conjurarem a possibilidade de saírem do *inferno* ao ouvirem o *cantar da matrícula*, e conseqüente transferência para outras unidades.

Em síntese, com a formulação de argumentos lógicos e explicativos, procurarei descrever, etnograficamente, a operacionalização desses “mecanismos de integração” e de “desintegração”, sob o ponto de vista nativo. Ademais, embora se tratasse de ações coletivas e contingentes, essa repousou numa realidade pragmática, ou seja, deteve certa racionalidade, coerência e significação a qual explicito neste texto.

Capítulo 1

PCC: Germe da Prisão e Semente da Revolta

Só no céu existe o círculo perfeito, na terra estão os arcos quebrados.

Victor Turner

Muitas são as versões sobre a origem do PCC dentro das prisões paulistas, sobretudo as de cunho mnemônico como, por exemplo, “fundação: que teria sido em 1989, na Casa de Detenção do Carandiru; em 1991, em Araraquara; que se originou de outros grupos prisionais chamados Serpente Negra ou Guerreiros de David; ou que sua origem se deu em uma partida de futebol” (Biondi: 2009: 47). Embora conteúdos contraditórios sejam embutidos e propagados pelos próprios presos e membros do *staff*, um aspecto é unânime, ou seja, o fato de a história do PCC ser a história da *luta* pelo fim do abuso do poder, dos maus-tratos, das punições severas, dos subornos, dos estupros, do uso abusivo de *crack*, etc., que predominavam nas prisões antes de seu aparecimento em de 31 de agosto de 1993, e consolidação em 1995, segundo relato de Marcola à CPI do Tráfico de Armas³³.

Em termos nativos isso equivaleria dizer que o PCC acabou com a *patifaria* que reinava no interior dos presídios, antes de sua fundação. De acordo com as informações de um ex-diretor dessa penitenciária³⁴, antes de 1993, o que existia nas prisões eram os *manda-chuvas*, os *temidos*, os ditos *matadores*, ou seja, elementos que matavam por qualquer coisa. Eram lideranças diluídas, ocas e sem força representativa no sistema prisional, mas conhecidos e lembrados³⁵ pela brutalidade e violência com que puniam todos aqueles que descumprissem com as normas internas ou desagradassem, mesmo que por motivos frívolos, os *donos da cadeia*.

Ao longo desses quinze anos de existência do PCC, a versão mais difundida pela mídia televisiva é que o *Partido*, liderado por Marcos William Camacho (o Marcola), em parceria com outros *irmãos* (Mizael, Geleião, Cesinha) consolidou, gradativamente, dentro da prisão uma

³³ A íntegra do relatório: http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/20060708_marcos_camacho.pdf

³⁴ Essa é a mesma penitenciária que estive em 2006 quando ocorreram as rebeliões nos presídios do Estado.

³⁵ Em campo obtive relatos que os membros filiados ao PCC não concordam com atos violentos, mortes de crianças e idosos. Isso seria atribuído aos membros dissidentes, ou seja, pertencentes a outras organizações como Serpentes Negras e Seita Satânica, as quais formaram uma das principais rivalidades do PCC - o CDL (Comando Democrático Liberdade).

consciência coletiva que aprumou a bandeira da *luta* e da solidariedade. Assim, falar de prisão é também expor algo na iminência de acontecer, ou seja, uma rebelião.

Na verdade, Foucault (2006) já havia observado a existência de rebeliões num período compreendido entre os anos de 1971 – 1972 na prisão de Attica (Estado de Nova Iorque) e na central de Clairvaux (França). Para esse autor a revolta dos presos não objetivava a destruição das prisões ou a fuga em massa, mas reivindicações muito precisas, exigências simples que incidiam, principalmente, sobre a rotina e administração das prisões. Ou seja, tais conjuntos de acontecimentos não podiam mais ser interpretados a partir da noção de revolução, mas deviam ser pensados como formas de resistência a relações de poder. Assim, defino o poder como algo que existe em relação envolvendo forças que se chocam e se contrapõem (Foucault, 2006), o que me levou a analisá-lo em termos de combate, de confronto, de *luta*. Ora, se o poder consiste em relações de forças múltiplas e móveis, desiguais e instáveis, então, é provável que ele não emane de um ponto central, mas sim de instâncias periféricas, localizadas e moleculares. São elementos constitutivos da própria definição de poder a capacidade de recalcitrar, de insurgir-se, de rebelar-se e de resistir-se. Assim sendo, tendo como pano de fundo as prerrogativas de Foucault (2005 [1977]), teço considerações sobre essa forma de resistência, não direcionada pela literatura antropológica e sociológica sobre prisão, mas sim de estudos que se aproximaram, ao menos em parte, e com afinidades suficientes para exercer relativa atração a ponto de favorecer o diálogo com o modelo nativo (Chaves: 2000; Gluckman: 1963; Wolf: 1969).

De fato, o PCC com seu *ideal* nos movimentos de *luta*, sobretudo na forma de rebeliões condensou esforços para angariar para si um maior número de membros filiados ao *Partido*³⁶, acumular memórias, símbolos e fortalecer o vínculo de solidariedade. Por meio de uma forma ritualizada de resistência – a rebelião –, detentora de uma linguagem particular, o PCC, encontrou

³⁶ Expressão nativa que denota filiação direta com o Primeiro Comando e cumprimento de todas as regras e condutas existentes no Estatuto do PCC.

os meios (os corpos dos presos) e os recursos necessários para justificarem suas reivindicações em matéria de direito, de *status*, de poder, e com isso conseguir promover a re-atualização estrutural nos moldes dos *Kachins* analisados por Leach (1996) o qual esclareceu:

Se quisermos evitar a anarquia, os indivíduos que compõem uma sociedade devem em tempos em tempos ser lembrados, pelo menos em símbolo, da ordem básica que presumivelmente guia suas atividades sociais. Os desempenhos rituais têm essa função para o grupo participante como um todo; eles tornam momentaneamente explícito aquilo que de outro modo é ficção (p.: 78).

O antropólogo supracitado entendia que toda sociedade possuía uma brecha para mudar, reforçar ou esgotar o modelo em que ela estava fundamentada. O que representava uma crítica ao estrutural-funcionalismo de Evans-Pritchard e Radcliffe-Brown – para quem as estruturas sociais tendiam ao equilíbrio –, ao primar pelo contraditório, pelo conflituoso, enfim pelo que ele denominou por “equilíbrio móvel total” (equilíbrio dinâmico). Segundo Leach a ordenação sistêmica dos fatos históricos dependia da mudança nas categorias verbais o que, ao final, era ilusório, pois os sistemas sociais não eram máquinas e a ordenação que se observava era fruto de um rearranjo de conceitos, e não de relações realmente existentes. Com base nisso, reforço o argumento que o sistema prisional mantinha-se em contínuo estado de desequilíbrio e de transformação: uma mutação perpétua.

O Primeiro Comando da Capital foi proclamado pelos meios televisivos e fontes jornalísticas como a “maior organização criminosa” do Estado de São Paulo que articulou, motivou, promoveu e regeu a “mega-rebelião” de 2006. Composta de múltiplos atores sociais, ou seja, os principais – a população carcerária e as mulheres; os coadjuvantes – os diretores das penitenciárias, os responsáveis pela Secretaria de Administração Penitenciária, o governador do Estado e os secretários da segurança pública e os figurinos – os familiares, amigos e cidadãos da cidade de São Paulo e interior.

Foram setenta e três rebeliões que aglutinadas formaram a placa-mãe da *solidariedade* alcançada pelo PCC, ao longo de sua existência perante a *população*, por terem sustentado o *ideal* da *Paz, Justiça, Liberdade e Igualdade*. Com depredações de ônibus, mortes de policiais civis, paralisações de escolas e empresas, declarações e ameaças públicas aos representantes da Segurança Nacional, e, sobretudo, com a destruição total ou parcial dos prédios e suas instalações, o *Partido* com seus *guerreiros*³⁷ – geraram fatos, notícias, polêmicas e pânico na população. Ou seja, foram manchetes de inúmeras reportagens que se propagavam nos rádios, noticiários da TV e jornais impressos para dentro dos lares e ouvidos da população local, regional, nacional, e até mesmo internacional³⁸.

De acordo com os dados divulgados pela Secretária de Segurança Pública essa foi a rebelião mais incisiva da história do sistema penitenciário do Estado de São Paulo, pelos seguintes motivos: maior número de presídios rebelados do Estado de São Paulo; pânico provocado na população da cidade de São Paulo e interior paulista; situação caótica em que permaneceram os presos de algumas penitenciárias (Araraquara, Mirandópolis e Itirapina), e impasse político provocado entre as autoridades da Secretaria de Administração Penitenciária (SAP), da Segurança Nacional, do Governo Estadual, da Organização dos Estados Americanos³⁹ (OEA) e dos cidadãos urbanos⁴⁰.

A promoção dessa rebelião na esfera pública contribuiu para que o PCC acumulasse força perante o Estado e, conseqüentemente, fosse capaz de colocar em xeque os aparatos do poder

³⁷ Os presos se autodenominavam de *guerreiros*, pois a despeito dos castigos, *sofrimento* e retaliação policial, sobreviveram e continuaram a *caminhada*.

³⁸ Fontes das notícias dos “ataques do PCC”: <http://www2.senado.gov.br/bdsf/simple-search?query=PCC>

³⁹ Representada pela Corte Interamericana dos Direitos Humanos realizou audiências públicas e redigiu um texto com onze medidas provisórias que deveriam ser reavaliadas pelo governo brasileiro perante a situação que se encontravam cerca de mil e seiscentos homens da Penitenciária de Araraquara. Os ativistas da Corte exigiram do governo brasileiro medidas de segurança para a massa carcerária do complexo penitenciário de Araraquara. Entre as medidas solicitadas pela OEA, temos:

- a convocação de uma audiência pública com o Estado brasileiro (a ser realizada no segundo Fórum de Entidades Nacionais de Direitos Humanos semestre de setembro);
- a permissão de acesso de médicos aos presos doentes, a redução da superpopulação do presídio;
- a permissão de entrada e visita de familiares dos presos;
- a realização de uma investigação das denúncias apontadas pelas organizações de direitos humanos;
- a tomada de medidas imediatas para proteger a vida e integridade dos detentos, entre outras.

⁴⁰ Ver <http://www2.senado.gov.br/bdsf/bitstream/id/18550/1/noticia.htm>

estatal, da segurança pública, da democracia, do senso de justiça e das leis, além de ampliar sua extensão territorial. O PCC mostrou, tanto para os dirigentes do sistema penitenciário do Estado de São Paulo quanto para as demais autoridades, que não possuía um território delimitado, ou seja, não estava restrito apenas ao interior das instituições prisionais. Os órgãos representativos do poder estatal esqueceram-se, entretanto, de que do outro lado da muralha, as famílias, os parentes e os vizinhos não eram apenas expectadores ou ex-vítimas da opressão do sistema carcerário, ao contrário, eles *corriam com o Partido*.

Afinal, se a “mega-rebelião” englobou uma série de unidades prisionais, então o problema estava em como entender essa gramática tão quebradiça e estilhaçada. Que ferramenta metodológica poderia aplicar para apreender as categorias e significados contidos na rebelião prisional? De antemão, alerto o leitor que a prisão não se caracteriza por ser estática, equilibrada e inerte; logo, a “mega-rebelião” ao assumir a feição de um fenômeno espontâneo, caótico e orgástico estaria decalcada sobre essa base vulcânica. Reflexamente, o modo como as relações sociais, entre presos e policiais, eram constituídas estiveram marcadas pela tensão, atrito, rivalidade, vingança e ressentimentos.

Assim sendo, compreender como os presos e os policiais conviviam no interior de uma prisão poderia me revelar pistas e indícios de como e por que acontecia uma rebelião. Logo, como a prisão corroborou com a insurgência de comportamentos e atitudes que induziram à revolta? Afinal de contas se, para Barbosa (1998), os *Comandos* nasceram da amizade e da aliança⁴¹, então as rebeliões emergiriam de onde? Como? Por quê? Quais foram os mecanismos funcionais e operacionais (de eclosão e de resolução)? Como foi o desenrolar dessa rebelião? Quais as conexões

⁴¹ Segundo atesta Barbosa (1998): “Os Comandos nascem dentro das prisões. Mas não enquanto organização; nascem enquanto comportamento. Amizade, aliança, é o que está na base dos comandos. Ela foi a responsável pelo seu surgimento. Por sua consolidação. E é justamente por ser este o seu fundamento que os comandos não se apresentam de forma cristalizada. A própria dinâmica do tráfico origina dissemos, passagens de um lado para outro, rupturas internas. Poderá chegar um tempo que surjam novas marcações e novas alianças venham a dissolver as antigas, levando consigo os antigos símbolos. Afinal, a linguagem é um espelho da guerra” (pp. 139-143).

que existiram entre o PCC e a rebelião? Houve sentimentos de vingança, raiva ou ódio recalçados? O que inflamou a *população*⁴²? Quais substâncias nocivas foram disseminadas no tecido institucional, a ponto de fabricarem homens com forças suficientes para corroerem as grades, diluírem com todo ímpeto as paredes de concreto e tintas, debulharem as telhas, retorcerem os ferros e espatifarem os vidros das janelas? Que entendimento provocou tanta destruição, sujeira e demolição?

Ora, como isso se tornou possível? Veremos no decorrer desta etnografia que o modo como foram constituídas as relações entre presos e policiais, no interior da prisão e, depois no processo de uma rebelião prisional, fizeram parte de um estado *continuum* e complementar. De fato, durante os meses que antecederam a “mega-rebelião” não havia nenhuma suspeita de que o ponto de ebulição do sistema prisional do Estado de São Paulo estava no ápice⁴³ pois, de certo modo, tornou-se comum ouvir ou ler, uma hora ou outra, que em determinada cadeia os presos se amotinaram, recusaram banho de sol, fizeram greves brancas (quando os presos se recusam a depor em juízo), jejuns coletivos, etc. Rebeliões como essa, de 2006, dentro do território prisional paulista⁴⁴ são mais rarefeitas, sobretudo por que esteve mergulhada em uma conjuntura política e social atípica, ou seja, era ano eleitoral. Nesse ínterim, vazaram rumores e especulações de que o PCC planejava derrubar a candidatura à Presidência da República de Geraldo Alckmin⁴⁵.

⁴² Termo nativo utilizado nas prisões para designar a massa carcerária.

⁴³ Talvez o que estava acontecendo eram *levantes* esporádicos, mas que não chegavam a ter a propulsão do evento da “Mega-Rebelião”. Esse é o caso, por exemplo, da leitura antropológica de um evento ocorrido no Centro de Detenção Provisória de São Bernardo do Campo/SP, duas semanas antes de estourar a Mega-Rebelião (Biondi, 2007). Nesse trabalho, a pesquisadora nos oferece com detalhes precisos a negociação entre o *irmão* do PCC e o representante legal da polícia para o desfecho do mesmo. Esse relato etnográfico não só serviu de estímulo como foi o ponto de partida para a reflexão de outras temáticas não retratadas nessa experiência de campo.

⁴⁴ A primeira rebelião orquestrada pelo PCC ocorreu em 1994 no presídio de Tremembé, interior paulista (Souza: 2007: 25). Para citar algumas rebeliões que marcaram o sistema prisional brasileiro, sobretudo, àquelas ocorridas no Estado de São Paulo, temos: 19 de março de 1982, na Casa de Detenção de São Paulo; 20 de março de 1985, na Casa de Detenção de São Paulo; 12 de junho de 1986, na Penitenciária de Araraquara; 15 e 16 de setembro de 1986, em Presidente Venceslau; 29 de julho de 1987, na Penitenciária do Estado; O Massacre do Carandiru, em outubro de 1992; 26 de março de 1995, na Penitenciária I de Tremembé. Destaque para a mega-rebelião ocorrida no dia 18 de fevereiro de 2001, que se espalhou por 29 presídios do Estado de São Paulo.

⁴⁵ Fonte: <http://www2.senado.gov.br/bdsf/bitstream/id/53169/1/noticia.htm>

Em decorrência desses boatos o estratagema lançado por Nagashi Furukawa⁴⁶, foi transferir os supostos líderes – sem motivos plausíveis –, para um presídio de segurança-máxima onde vigorava o regime disciplinar diferenciado (RDD). Esses últimos permaneceram dentro dos *bondes* por mais de oito horas sem a mínima assistência médica, jurídica, higiênica ou alimentar. De acordo com Marcos William Camacho (o Marcola) – no Relatório da CPI do Tráfico de Armas (2005) –, tal situação provocou a revolta da *população* alojada em outras unidades prisionais. Essa última se une em prol da lealdade, solidariedade e companheirismo aos *irmãos*.

Logo, resolver o problema de segurança, não se resumia apenas em desmontar o esquema dos supostos líderes, isto é, dos *irmãos* do PCC que estavam dentro das prisões e de seus correligionários os *primos leais*, os *faxinas*, os *pilotos da cadeia*⁴⁷, transferindo-os para o RDD (Regime Disciplinar Diferenciado). Com a pregação de uma ideologia de *luta*, os dias 13 e 14 de maio de 2006, tornaram-se não só um marco na história das prisões do Estado de São Paulo como para o PCC. Algo que ficou registrado na memória da *população*, por consolidarem os sentimentos de solidariedade e de lealdade, uma vez que a *união faz a força*, e no PCC, são *um por todos e todos por um*.

Desse modo, a rebelião prisional não se resumia na destruição do prédio institucional e demais instalações físicas. Como procurarei mostrar, corpos foram produzidos, memórias foram consolidadas por meio de substâncias (sangue, suor e lágrimas, por exemplo), de emoções (raiva e ódio), de carências (ausência de alimento, água, higiene), da balbúrdia e do assujeitamento. No subcapítulo seguinte, apresento os principais atores sociais responsáveis pelo dinamismo interno da prisão e aqueles que figuraram como dissidências, ou seja, como *oposição ao Partido*.

⁴⁶ Nagashi era Secretário da SAP, em 2006. Em entrevista a revista – Caros Amigos (2006) –, comentou: “Me elegeram o culpado da vez”. Como essa rebelião estava sendo planejada pelo PCC para estourar no mês de agosto – período de plena efervescência política – para desestabilizar, senão derrubar, a candidatura de Geraldo Alckmin (em reunião com os coordenadores da Segurança Pública, da Polícia Civil e da Polícia Militar), Furukawa, antecipou o seu plano tático, ou seja, de transferir os líderes do PCC para o RDD.

⁴⁷ Apresento no subcapítulo 1.1, os atores sociais e suas respectivas funções e posições políticas dentro do sistema prisional.

1.1 Faculdades do PCC e Seguros de Coisas

Antes de explicar o processo de uma rebelião prisional optei por apresentar ao leitor, como no interior de uma prisão há atores sociais que trabalham em prol do *Partido*, ou seja, aqueles que *lutam* e se *sacrificam* para o bem estar de todos. E, outros que não se *misturam* com os primeiros, ou seja, os da *oposição* (contra o PCC) como os *traidores*, os *caguetas* e os *coisas* que conforme descrevo no subcapítulo 2.4, tornam-se as principais vítimas nos rituais de morte do PCC.

Primeiro os que pertencem ao PCC. Quando um indivíduo comete um crime, geralmente é encaminhado para uma cadeia pública ou um Centro de Detenção Provisória (CDP), na condição de *primário*. Nelas permanece *sumariando a fita* por um tempo indeterminado até o momento em que vai ao fórum, para ser julgado culpado ou inocente. Essas unidades prisionais também são denominadas pelos presos de *faculdades do crime – locus* espacial e temporal responsável pela aquisição, assimilação e incorporação dos *aprendizados* pautados na *disciplina do Partido* –, onde convivem os *irmãos*, os *pilotos* e os *primos*, os quais propagam e incentivam a *mentalidade de luta*.

Dentro dessas *faculdades* eles exercem funções específicas a depender da “posição política⁴⁸” que ocupam dentro da prisão. Início com aquele que dentro da unidade prisional é visto como um elemento mediador ou articulador político, ou seja, o *irmão*. Responsável pela aplicação e propagação dentro da prisão dos princípios ideológicos do PCC e pela negociação com os membros do *staff* em momentos de crises, ou, em casos de impasses internos entre os próprios presos.

Os *irmãos* administram o fluxo contábil oriundo das mensalidades pagas pelos membros filiados ao *Partido*, e de outras fontes ilícitas e ilegais como o tráfico de drogas, armas, roubos de cargas, taxas recolhidas dos egressos, etc. Eles estão incumbidos tanto de receberem o dinheiro como também de aplicarem (distribuição) o mesmo. Ou seja, o dinheiro é revertido em drogas,

⁴⁸ Biondi (2009) utiliza o termo “posição política” a fim de esclarecer o caráter mutável que caracteriza cada uma dessas posições tanto as dos *irmãos* como as dos *primos* e *faxinas*. Ou seja, elas não são estanques, pois a depender do momento podem ser atualizadas, ou melhor, substituídas por outros membros.

aquisição de armas, aparelhos celulares, pagamento dos advogados, subornos, resgate de presos, etc. Além disso, compram cestas básicas aos menos favorecidos, pagam o transporte para as visitas, oferecem suporte financeiro para famílias carentes, promovem festas, etc.

O *faxina* é quem recebe o preso recém admitido (conhecido como *primário*) quando vai para o *convívio* (o pátio) da prisão. Imediatamente, é interrogado sobre caguetagem, artigo penal infringido, condutas na rua, etc., a fim de confirma a veracidade das informações que foram repassadas pelo *primário*, e que constam no seu *papel*⁴⁹.

O *faxina* fiscaliza a cadeia, limpa a galeria, paga a bóia; faz a *correria*, ou seja, é quem coloca para dentro da prisão drogas, cachaça, etc. É o que nos revela o depoimento de um *reeducando* que, durante a sua *caminhada*, exerceu a função de *faxina* em uma cadeia pública de uma cidade do interior do Estado de São Paulo, mas que estava no CR, em virtude de uma *mancada* com um *irmão* do PCC.

O Faxina toma conta de tudo. Ele fica solto. Ele é um preso com um pouco mais de confiança do que os outros. Ele vai até a rua colocar o lixo. A função dele é: limpar a galeria, pagar a bóia e intermediar as negociações entre presos e funcionários (...). Então, o faxina tem que ser um cara correria... Tem que ser um cara que traga droga pra dentro, traz a pinga... É o preso que segura a cadeia. O faxina acaba sendo... Hoje tem as facções, hoje geralmente os faxinas são das facções. Mas antigamente, o cara que ficava na faxina, ficava na palavra. Nada podia acontecer se não passasse pelo aval do faxina.

Os *pilotos da cadeia* zelariam pelo bem estar interno da prisão, e transmitiriam as decisões dos *irmãos* para os *pilotos do pavilhão* que, por sua vez, repassariam para a *população*. Trata-se do preso de confiança responsável pela *palavra* na cadeia, já que é quem transmite o *Salve* para as demais *torres* que, segundo Biondi “são as posições políticas das quais partem as diretrizes, comunicados e recomendações do *Partido* para todas as suas unidades, os chamados *salves* (p. 90)”.

⁴⁹ Segundo relatos do meu campo, o que vale dentro da prisão é o *papel*. Esse *papel* consiste em um documento redigido pelo juiz onde constam os motivos da prisão, ou seja, que artigo penal – o preso em questão – cometeu na rua.

Os *primos correm* com o *Partido*, ou seja, estão *lado a lado*, apesar de ainda não terem sido *batizados*. A *população* é composta pelos presos que estão no *convívio* e que *lutaram* e se sacrificam, direta ou indiretamente, pelo PCC, ou seja, formaram a liga de *guerreiros* responsável pelo dinamismo interno e de externo das cadeias.

O meu trabalho de campo revelou a existência de presos que configuram como *oposição* ao PCC. Dentre as dissidências destaca-se o Comando Revolucionário Brasileiro da Criminalidade (CRBC) que apesar de não possuir dados suficientes para pormenorizá-lo, posso aferir que convivi – no CR masculino –, com aqueles vistos como oposição, ou seja, *coisas*, *caguetas*, *traidores* e *ex-policiais*. Ou seja, no CR conviviam indivíduos que cometeram crimes como estupros, homicídios, latrocínios, tráfico de entorpecentes, etc., e, compartilhavam os mesmos espaços e dividiam as mesmas celas.

Como disse acima nas cadeias do *Partido* não entram *coisas*. No seu limite a eles está reservado o *seguro*⁵⁰, logo, encontra-se vedado o acesso ao *convívio* com os demais presos. Além disso, os *jacks* não tomam banho de sol em horários compatíveis aos demais; suportam os maus tratos como água quente jogada em seus corpos, ofensas, humilhações, etc. por parte dos demais presos. O que mais me chamou atenção foram os relatos de encarceramento que, revelaram como e por que os *coisas* e *traidores* tornavam-se reféns durante o processo de uma rebelião, ou seja, como eram sacrificados nos rituais de morte⁵¹.

No CR, também convivi com *caguetas* ou *passarinhos* os quais delatavam para os agentes penitenciários quem fazia uso de substâncias psicoativas ou qualquer comportamento não tolerado como agressão, comércio ilícito de bugigangas, prostituição, mentiras, etc. Havia também *ex-policiais*, *reincidentes* e homossexuais. Então, como explicar que no CR todos eram tratados com os

⁵⁰ Espaço destinado aos presos cujas vidas são ameaçadas por outros prisioneiros.

⁵¹ Ver subcapítulo 2.3.

mesmos direitos e deveres? Essa era a filosofia da unidade prisional, ou seja, o que a equipe técnica denominava por “processo de ressocialização”. Porém não foi o que observei *in loco*.

Por diversas vezes, presenciei como os *primários* eram recriminados por aqueles “com mais tempo de casa”, ou seja, como serviam de alvos de piadinhas, chacotas e agressões verbais por parte dos *residentes*. Diziam os primeiros que os *nóias* (usuários de drogas), os *pensões* (homens que foram presos por não cumprirem com os deveres de prestar auxílio aos filhos) e os agressores domésticos tiravam *cadeia de poeta* por que cumpriam de um a três anos de condenação.

Assim sendo, a convivência no CR possibilitou-me aglutinar um material etnográfico que, se a primeira vista, transpareceu como algo divergente e incongruente com o objeto de estudo, veremos à luz do modelo etnográfico de Bateson (2008) que, os *reeducandos*, reproduziram comportamentos simétricos aos existentes nas prisões do PCC. Tal constatação foi extraída do campo, pois como já explicitado, os *reeducandos* em algum momento da *caminhada* estiveram nas prisões do PCC, sobretudo no Complexo Penitenciário. Na próxima seção descrevo como no interior de um presídio, são estabelecidas as relações de amizade ou de *traição* entre próprios presos, e de inimizade com aqueles que, em certa medida, podem ser vistos como imagens espelhadas dos primeiros, ou seja, os policiais.

1.2 Laços de Amizade ou Nódulos de Inimizade

Para compreender a rebelião prisional como um ritual simétrico – complementar foi necessário conhecer, em primeira instância, como os presos constituíam seus laços de amizade, tendo como contraponto, a possibilidade iminente de serem *traídos* pelos seus pares. Como também

explicitar em que solo político os laços de inimizade foram construídos com aqueles que figuraram como os principais inimigos, ou seja, os policiais.

Com referência ao estabelecimento dos vínculos amigáveis existentes entre os presos, deparei-me com uma tarefa embaraçosa devido às sutilezas subjacentes, no tocante ao modo como eles constituem suas amizades. Ou seja, elas se apresentaram misturadas ora por laços de parentesco – afins ou consangüíneos –, ora por interesses, ora por favores, dentre outros. Em suma, a finalidade última dos vínculos de amizade objetivava o cumprimento do que fora determinado pela *disciplina do Partido*.

A amizade dentro dos presídios, muitas vezes, iniciava-se na rua e continuava como um prolongamento da *caminhada* dentro da prisão. Conforme me relatou um *reeducando* em situação de campo, ao *ser pago no raio*, optou em ir para o *xis* onde estava um “velho conhecido” da rua. Na época era quem *segurava a cadeia*, conseqüentemente, esse se encarregou de apresentá-lo para a *população* como “um cara bom e que veio para a cadeia sem caguetar”. Com isso garantiu a *paz* do seu amigo, ou seja, condições de “tirar a cadeia de boa”, haja vista ter contado com as costas quentes, ou seja, de um *piloto do raio*.

Se você quiser morar comigo, demorô. No oito. Não, eu vou pro 7, que eu tinha um amigo meu lá, que era mais velho, já tinha ficado varias vezes preso. Era um dos maiores traficantes da cidade, e eu trabalhava com ele, né... A droga que vinha do Paraguai pra gente... Vinha pra ele e eu distribuía a droga. Aí eu fui para o xadrez dele, descemos para o pátio. Na hora de descer, ele falou para mim: Ô, você me conhecia na rua, hoje você vai me conhecer na cadeia. Aqui eu sou o Pablo Escobar! Na hora que nós descemos para o pátio... A cadeia de Araraquara era famosa, por causa das mortes, judiavam muito... Em 93 tinha aquele negócio de bater muito em primário, bater em que chegavam... Ele chegou comigo em cima da escada, olhou para o pátio, na época tinha 116 presos, ele olhou e falou: Ô faz favor aqui todo mundo. Todo mundo olhou. Esse é fulano de tal... Trabalha comigo, é traficante e eu não quero saber, de um “A” com ele. Porque quem mexer com ele tá mexendo comigo. Cara bom, veio pra cadeia sozinho, não trouxe ninguém, não caguetou ninguém. É dos nossos. Aí o pessoal falou assim: Você garante? É amigo seu? Ele é meu irmão. Demorô vamos jogar bola então... Aí eu desci, para jogar bola. Mas eu pesava muito. (...)

Outras vezes a amizade nascia de um favor prestado dentro da cadeia, ou como resultado do ditame moral do PCC. Na narrativa seguinte, observei a presença de um elemento crucial para o estabelecimento da confiança entre os presos, ou seja, *não abraçar a de polícia*.

Ladrão que é ladrão, não abraça a de polícia.

O Luiz acabou tomando um bonde pra lá também. Ele era meu amigo pra caramba. E as pessoas, às vezes, falava mal dele, que ele era sem-vergonha, e coisa e tal... Mas é o negocio que eu falo não fez nada pra mim não fez nada pra ninguém. Não quero saber problemas dos outros com os outros. E acabaram colocando ele lá no xadrez. E a polícia ascendeu. Ele matou um cara na comarca de Araraquara e foi de bonde pra lá. Ele teve que fugir. Chegou lá, ele desacatou a carcereira... E a carcereira pra fuder com ele, ascendeu a dele. Falou um monte de besteira e pagaram ele no primeiro barraco. E ele sabia que eu tava lá... E aí quando eu tava dormindo, eu acordei com um cara me acordando: Acorda, Acorda, tão batendo num amigo seu ali na frente. Eu acordei e ouvia ele me gritar Ohhh Pedro chamava eu... Gritava e grudava na grade e nego pau pau pau...socava e jogava pro chão...e naquela época o nosso barraco era o mais temido na cadeia. Era os mais velhos, os mais loucos. E eu grudei na grade e falei: O que ta acontecendo aí? Ele grudou na grade: Pelo amor de Deus, me tira daqui, os caras vão me matar... Mas ele era um cara bandido. Ele tinha matado mais de 20 pessoas... Aí eu gritei: Oh que ta acontecendo aí? Ah Pedro a Dona Soraia falou que o cara é isso... Aquilo... Ai eu falei: E aí maluco, o cara é bandido. Você ta de brincadeira? É, não sei o que... Olha é o seguinte: Desce todo mundo pro pátio, na hora do sol, que a gente vai sumariar essa fita aí, seus vagabundos. E se vocês colocarem a mão nele, vai morrer todo mundo... Você tá abraçando de policia. Quem te falou é polícia. Algum ladrão falou pra você que o cara é sem vergonha? Veio alguma mensiva de outra cadeia falando que o cara é sem vergonha? Ai ele viu que tinha feito um erro. Porque uma coisa que não pode acontecer na cadeia é você acreditar no que a polícia fala. A polícia chega lá e fala: esse cara é estuprador. Você tem que ver o papel dele pra ver se ele é estuprador. Sabe, você não pode cata e bater. De repente a polícia põe lá um assassino que ele tem bronca, que matou um policia, fala que ele é estuprador, você mata o cara pra eles. Então, foi o que aconteceu ali: ele tinha desacatado uma policia, e a policia ascendeu a dele e coisa e tal...

Contudo apesar de atribuírem ao PCC pelo fim das *patifarias* mediante a inclusão dos princípios e normas de convívio entre seus pares – sobretudo, pela adição do termo *Igualdade* ao lema *Paz, Justiça e Liberdade* –, isso não fez da prisão um local isento de desavenças, disputas, fofocas e acusações. Formados pelo conjunto dos traidores, *caguetas* e *passarinhos*, a depender da gravidade da deslealdade ou *traição* podiam ser expulsos do *convívio*, mortos ou usados como

vítimas nos sacrifícios. Os dados de campo apontaram que na prisão do PCC, todos deviam *correr pelo certo*; caso contrário seriam alvos das sanções e punições do *Partido*; em outros termos há uma expressão na cadeia que diz: *Os gatos perseguem os ratos. Os ratos que entregam os próprios ratos aos gatos devem pagar com a própria vida.*

Assim, aquele que *caguetava* para a polícia os *mocós*⁵² de drogas e celulares, esquemas de fuga, assuntos confidenciais do PCC, etc., podiam ter a cabeça como prêmio, o corpo queimado com inúmeras escoriações, além de condecorados e enfeitados com objetos de artesanato; ou, de forma mais branda serem colocados para *lagartear*, i.é., estariam incumbidos de assumirem funções como os *laranjas*⁵³; os *tamanduás* da cadeia que podem ou não serem sacrificados – questão abordada no subcapítulo 2.2.

Por ora, retifico novamente que as *faculdades* seriam os espaços destinados para que o *primário* recebesse todo tipo de orientação, normas e condutas vigentes dentro do universo prisional. Os *aprendizados* ocorriam em um tempo relativo e que transcorrido o período de adaptação, não seriam mais tolerados *mancadas* ou *dá milho* na prisão, pois o *primário* estaria apto a conviver no cotidiano prisional, conforme me explicou um *reeducando* que outrora havia estado em uma penitenciária:

Quando eu entrei nesta cela, o mais velho, Sr. Umberto. que tinha 80 anos para tirar, deve estar tirando uns 19 anos... Aí, o Umberto, Dona Samirian... 1, 46 de altura... E ele falava com tanta gíria, tanta gíria... só que ele falava com a mão...aquela mão que encosta em você e te empurra. Aí!Meu! Maluco! Aí!Meu! Aí!Meu! E tudo que ele ia falar, tudo Aí!Meu! Aí!Meu! Aí!Meu! Ele simplesmente ficou 2 horas e meia, me explicando qual era o procedimento da cela: o que eu podia e o que eu não podia. Exemplo: Tua faxina, uma vez por semana é tua faxina. O que consiste tua faxina? Você tem que levantar 05h30min da manhã pegar o pão, o leite. Mas antes de pegar o pão, o leite, tem que lavar as mãos.

⁵² Esconderijos.

⁵³ Esses últimos não sofrem qualquer tipo de cobrança por parte dos *irmãos* do PCC; no seu limite o que pode acontecer é serem usados como *laranjas*. Os *laranjas* são presos que em algum momento da *caminhada* deram *milho*, e por isso eram usados para segurarem droga, celulares, armas brancas, e em último grau, a prática de homicídios. Muitas vezes, esses presos se sujeitam a isso, o que em termos nativos corresponderia *abraçar* tudo, numa tentativa de ganhar confiança, moral ou demonstrar bravura e coragem.

Depois colocar aqui em cima, deixar as coisas tudo prontinho. Ai beleza. Quando todo mundo se alimentou, você limpa a cela. Lava banheiro, lava cortina, lava isso. Quando vem o almoço, você pega o almoço. Então, aquele dia é todo teu. Então, pelo menos lá era assim: nós éramos em 16 pessoas na cela. Então, eu ia fazer a faxina nos 16 dias. E algumas pessoas são solidárias. Elas te ajudam, porque elas também precisam de ajuda. Porque elas estão presas há 5 anos, 6 anos, 10 anos, há 20 anos. Ela não tem sabonete, não tem pasta de dente, ela não recebe visita, foi abandonado pela esposa ou a família abandonou.

De fato, o que se esperava nas *faculdades* é que todos conhecessem a *disciplina do Partido* a qual se dava pelo simples fato de presenciar eventos corriqueiros ou ordinários, ou seja, quando borbulhava um *debate* (briga, discussão com ou sem agressão física) entre dois presos que porventura se envolveram em alguma *fita*⁵⁴. Isso garantia que o *aprendizado* fosse assimilado, de modo que nenhum outro preso ousasse fazer igual como, por exemplo, descumprir com às normas internas. A sanção viria da mesma forma senão mais intensa. Na verdade, não era exigido por parte dos *irmãos* que os demais presos se envolvessem na brigas, mas apenas que presenciassem, conforme me explicou um preso durante minha incursão a campo:

Uma visita parece que mexeu com a outra visita. Então, você vai avisa o faxina, vem o piloto. Aí, o cara tem que sair do raio. Aí, eu não sei aonde eles conseguem arrumar ferro. Na realidade eles pegam o concreto. Eles rancam. Eles conseguem tirar aquela armação de concreto. Eu não sei o que eles fazem, mas eles conseguem achar onde está e consegue tirar. Eles fazem lampiana, outros fazem faca, tem vários nomes, né? E de repente, as pessoas estão ali, e você vê. Aí, eles entraram dentro da cela. Já, entraram batendo no cara. Então, parece um formigueiro (bru blu bru blu) entra, pá...pá...um já dá uma furada, outro já vem dá mais uma furada. Mas você tem que estar ali. Porque se você não fizer parte também, sobra para você também. Então, não adianta você acaba sendo cúmplice. Porque você vê a pessoa. Você tem que estar ali. Porque é uma covardia, 10, 20, 30,40 pessoas contra uma pessoa só. É uma covardia. Você tem que tá lá. Não precisa fazer nada. Só você estando em pé e vendo o que está acontecendo, tá ótimo. Por quê? Porque, até para você lembrar: Olha se você fizer algo de errado, mesma coisa que está acontecendo com ele, vai acontecer com você também. Então, aquilo psicologicamente vai te acabando com você. Aí eles vão lá, pega o cara, puxa. Aí vem o agente e leva ele embora para outro local. Vem o faxina, chama o agente, e tira. Acabou.

⁵⁴ Confusão, fofocas, desentendimentos, rivalidades que geram ferrenhas discussões, muitas vezes, brigas físicas denominadas nas prisões por *fita*.

Em síntese, percebemos que todos são amigos de todos, porém se um deles tende a sublevar-se perante os demais, então, todos se voltam contra e tratam de eliminá-lo do *convívio*. Com isso, o pátio da prisão torna-se uma arena política para a resolução dos *debates* (brigas, desentendimentos) – que ocorriam com certa frequência no cotidiano prisional. O depoimento abaixo ilustra como amigos podem ser convertidos em *traidores*, e vice-versa.

Pô, você viu o que o cara fez?

A cadeia que, às vezes, você pensa que tá boa, ela não tá. Porque, às vezes, pra ela virar pro seu lado, é rapidinho. Aconteceu comigo uma vez, eu tava lá em Santa Ernestina. Quando você acha que ela tá boa, é porque ela tá meio ruim. Quando tá tudo bem, todo mundo dando risadinha, alguma coisa vai acontecer. Porque a cadeia não é assim. Aconteceu duas vezes. Nós tava em Américo, tinha o finado Diego tava com o peito estufado. Era ele, o Geraldo cheio de bater nos outros, de ser os donos da cadeia, de tomar e extorquir os irmão, ia lá tomava relógio. Aí eu um pouco mais consciente, um dia sentei com o finado Diego... Pô Diego isso não tá certo o cara tá tomando os outros. Pó, é verdade. Aí, um dia sentou o Paulo. Pó, você viu o que o cara fez? Não tá legal. Vamô virar essa coisa? Vamô. Começamos se conscientizar aí a gente juntou em cinco: eu o João, o Paulo o Pedro mais um outro, o Marcelo. Vamô enfrentar? Vamô. Eles tinham o bolinho deles. A gente formou o nosso. Eles nem perceberam. De repente, o Pedro. tava lá na galeria começou a discutir com o Diego partiu pra cima dele, batendo. Nós já levantamos todo mundo e catamos o Diego. Derrubamos ele, chutamos a cara dele, bateu a cabeça na grade. Só aqui deu 18 pontos. Ele chorou que nem uma criança. Pediu pelo amor de Deus. O Sr. Arnaldo entrou deu um tiro de 12 dentro da cadeia. Quer dizer ele nem viu a cadeia ficar louca pro lado dele. Aí nenhuma cadeia aceitava ele. No fim a cadeia dele já tinha vencido, a Dona Soraia já ligou pro fórum - acabaram dando alvará de soltura para ele naquele dia. Ajudamos ele ainda. Ele ia ficar preso mais alguns dias, mas ele já tinha cumprido os 2 terços dele.

Cabe dizer que existe uma contradição atrativa presente nessas relações de amizade, em virtude da existência de uma desconfiança. Por exemplo, entre dois ou mais presos podem se alternar ora um estado hostilidade, ora de amizade. Cooperação e hostilidade não são antagônicas por que cada preso procura fazer seu *corre*, logo, podemos resumir os vínculos de amizade na seguinte expressão: *se for para chorar a minha mãe, que chore a dele*.

O Cara pá, pá, pá... Mas, eu coloquei um pano.

Eu tava e tinha um cara no mesmo pique... Metidão. Todo mundo no barraco tinha medo dele. E eu comecei a bater de frente com ele, e comecei a bater de frente com ele... Ele falava, eu falava. Eu debatia. Eu falava: Aqui não, aqui é ladrão, meu amigo, aqui não. É que não sei o quê. Aí ele tentou virar a cadeia pro meu lado. Ele chegou e falou: É que esse Pedro não sei o que... Vou catar esse cara que ele tá a mais...E pá pá pá. Vamos esperar ele dá um pé. Ficou assim. O xadrez inteiro, logo que eu cheguei, fazia uns 2, 3 meses que eu tava ali, os caras foi, foi... Ele só ficou esperando um pé meu. Aí um dia ele quis brigar comigo: Falou, falou um monte... Eu comecei a discutir com ele, mas eu percebi que eu era de fora, o pessoal mais da cidade dele e coisa e tal... Eu pensei assim: Se eu brigar com esse cara, ele não vai entrar sozinho, os caras vai entrar e eu vou apanhar. Vou apanhar do resto do barraco inteiro. Aí fiquei na minha. É que não sei o que, que eu sou ladrão, que pá pá pá... Eu fiquei na minha. Eu fiquei quieto. Passou uma semana ele discutiu com outro, depois discutiu com outro. Aí um dia, o que aconteceu: Saiu o sol, eu tava dormindo. Acordei 1 hora. Fiquei a noite inteira assistindo filme, fui dormir de manhã, acordei 1:10 já tinha saído o sol. O japonês tava tomando banho. Ele tinha dado sete facadas na mulher dele. Aí japonês saiu, sentou do meu lado: Pô Pedro o cara esses dias atrás, você não tá sabendo de nada, mas a gente tava meio assim com você, o cara ascendeu a sua, por isso e aquele outro, mas na verdade... Eu já tinha percebido... Pô esse cara já tá a mais. Ele já brigou com você, comigo, com aquele outro. Esse cara na tá muito certo. Ah, você viu ontem? Vamos na grade e sentamos: Oh Luís. faz favor. Pô esse cara tá louco. Tirou eu ontem, eu já matei dois, porra, e esse cara fica pá... Eu não vou poder fazer nada? Oh. Túlio faz favor: Oh esse cara, tá... Vamô catar ele a hora que ele entrar? Vamo catar demorô. A cadeia virou com ele assim em 2 minutos. Ele tentou virar pro meu lado, o cara pá, virou pro lado dele. No fim a hora que ele entrou dentro do barraco, os caras iam catar ele, eu fui e pus um pano: Deixa quieto vamos conversar. Aí ele ficou pianinho. A partir de hoje você não fala mais nada dentro do barraco. Você não tem mais voz aqui.

Mentir, sentir-se *dono do pedaço* ou *dono da cadeia*, abusar dos mais fracos, estar em dívida com alguém, são os principais fatores responsáveis pelo engendramento dos *debates*. Se autorizados pelos *Salves* advindos das *torres* com o aval do *piloto da cadeia* formam-se os *bolinhos* – um conjunto variável de presos (4, 5, 10, 20, ou mais) –, contra um outro *bolinho*, ou até mesmo um único indivíduo, para que o impasse seja resolvido.

Aqui, não tem Dono do Pedaco.

Porque eu conheci um cara o Gerson que mataram ele dentro da cadeia. Era um cara metido dentro da cadeia, o cara mais nojento que tinha. Você ia fazer alguma coisa, ele tava lá e: Oh to me alimentando? Que é isso? Oh a querissa no meu café!!! Que não sei o quê... Era cheio de ser o limpimho, tomava 10 duchas por dia pra se mostrar. E, Ohh esse colchão aí? E essa zica aí maluco. Aí ele saiu de saidinha temporária e não retornou. Ficou fugitivo. Pegaram ele 30 dias depois. Ele ficou 30 dias na rua, ele ficou 30 dias sem tomar banho, chegou na cadeia tudo sujo, tudo cagado, fedendo, tava dormindo no meio da cana a hora que a policia catou ele. Aí ele chegou lá já tinha folgado com um monte de gente. A gente catou ele nos 3, 4 e demos um pau bem dado nele, demos uma pisa nele, arreventamos ele, fizemos ele dar uns 20 pontos na cara e jogamos ele lá no canto e dissemos: e a partir de hoje você não fala mais nada aqui porque você é mais querrissa que todo mundo. Então, o cara na rua ele é um lixo, chega na cadeia ele quer se sentir o rei, o limpimho, o dono do pedaco (...).

Como vimos não há uma hierarquia rígida e estruturada em posições fixas e bem definidas, pois na prisão a mobilidade social é constante e, às vezes, muito veloz. A plasticidade se dá de duas formas. Ou aqueles que não possuem nenhum prestígio usam de outros meios para galgar os degraus como poder aquisitivo (dinheiro), *pagam uma madeira* (fazem pequenos favores como lavar roupas, por exemplo), demonstram coragem e valentia (seguram drogas, armas, e até homicídios). Ou se tornam merecedores e aptos para serem *batizados* no PCC – tornando-se os *irmãos* como expliquei acima⁵⁵.

Contudo, o que me interessa destacar é que a efetividade política dos vínculos de amizade apareceu quando os presos se aliaram ao processo *de luta*, e com isso demonstraram sua lealdade e fidedignidade ao PCC. Com exceção das pessoas idosas, evangélicas ou aquelas que não eram filiadas ao PCC, todo restante formou o corpo dos *guerreiros* que não temiam a morte, as bombas, as borrachadas, os *castigos* e *lutaram* para transpor a fronteira do *sofrimento*.

Como disse outrora⁵⁶ não podemos nos esquecer que há todo um conjunto de aparatos disciplinares e sanções normativas existentes na prisão, que retroalimentam a coerção, a punição e o

⁵⁵ Ver subcapítulo 1.1.

⁵⁶ Ver capítulo 1.

assujeitamento dos presos. De certa forma, o biopoder existente na prisão foi determinante na constituição de nódulos hostis firmados entre os presos e membros do *staff*, sobretudo com os policiais. Por outro lado, benéfico no que diz respeito ao fortalecimento dos laços de amizade entre os presos por despertarem sentimentos de solidariedade e união⁵⁷.

Na verdade, não podemos falar em amizade – no sentido estrito do termo –, entre preso e policial, pois no limite o que percebi em campo foram relações de hostilidade⁵⁸, de intimidações, de chantagens veladas e humilhação. No próprio CR verifiquei que os *reeducandos* possuíam comportamentos contraditórios no modo como se relacionavam com os agentes penitenciários, pois eles não faziam distinção entre os funcionários da ONG e da SAP. O que predominava no CR não eram relações de reciprocidade, mas sim de extorsão, de corrupção e de poder.

Diante dessa variedade de cruzamentos e desencontros de informações, fui em busca de indícios que pudessem elucidar que sentido lógico permeava as relações entre presos e policiais, sobretudo durante o processo de rebelião. Esclareço, portanto, que a minha pretensão não foi elaborar uma teoria antropológica que explicasse esse tipo de ritual, mas sim entender como, independentemente, de ser um presídio do PCC ou uma prisão da *oposição* – presos e policiais –, exibiam os mesmos comportamentos simétricos e complementares, respectivamente.

Voltarei a essa temática no capítulo 3. Em seguida, faço algumas considerações sobre o envolvimento da mulher e demais parentes no processo da rebelião prisional.

⁵⁷ Ver capítulo 3 desta etnografia.

⁵⁸ Porém sem o efetivo exercício de tal prática, pois os presos estão amparados por leis que condenam qualquer prática ilícita de castigo, punição, tortura ou arrebatamento, salvo em casos que estejam amparados pela legitimidade estatal. Sem se esquecer que os presos também contavam com as comissões representativas dos Direitos Humanos, como a OEA.

1.3. Sacralidade da Mulher e da Família

O abandono das esposas ou amásias, a ausência no crescimento e na educação dos filhos, a convivência por anos distantes de seus entes queridos, o enfrentamento de doenças ou a morte de familiares, o desprezo e o preconceito de amigos durante a *caminhada*, configuravam como verdadeiros martírios dentro da prisão. De fato, as mulheres foram apontadas pelos seus maridos como fonte de força e de equilíbrio emocional para que fossem capazes de continuarem na *caminhada*.

Nos casos de ausência nos dias de visitas, na falta de comunicação (via cartas ou telefonemas), nas discussões amorosas e, principalmente, separação conjugal, por exemplo, também induziria a um estado de profundo desespero e angústia, a tal ponto de evoluir para quadros depressivos ou de transtornos psiquiátricos. Em termos nativos, esse estado psíquico-emocional, ou seja, de completo desamparo e sensação de abandono era causado pelo *táio* – um elevado grau de ansiedade e medo –, gerado pela ausência da esposa. Uma vez que, a mulher era tratada como uma posse (propriedade) dos maridos ou amásios, então, encontrava-se submissa aos imperativos masculinos. Atitudes de ciúmes, de desconfianças e de autoritarismo caracterizavam os vínculos afetivos e amorosos entre presos e suas respectivas esposas.

Conhecidas como *mulas*⁵⁹ dentro do sistema penitenciário, elas atuavam como o centro do equilíbrio emocional e psíquico dos homens, basicamente pelas seguintes razões:

1ª) As mulheres nutriam as prisões por intermédio dos *jumbos* (sacolas de produtos perecíveis e não perecíveis), além de proverem à família;

2ª) As mulheres faziam os *corres* para seus entes queridos tanto na rua quanto dentro da cadeia, ou seja, transmitiam os recados da rua, transportavam drogas, celulares, dinheiro, etc.

⁵⁹ Mulheres que transportam para dentro da prisão celulares, drogas, além dos *jumbos*.

3º) As mulheres exerciam funções políticas na rebelião de caráter plástico, pois ao mesmo tempo em que foram telespectadoras, também apontaram como as protagonistas da rebelião.

Contudo eram também as *rainhas*. Ao contrário do que poderíamos imaginar, não foram passivas na conjuntura ritualística da rebelião prisional, pois foram as peças-chave dessa trama. As *rainhas* foram incumbidas de uma variabilidade de funções devido à liberdade de se movimentarem tanto dentro como fora da prisão. Na verdade, elas foram essenciais nas articulações políticas e econômicas, por que sustentaram a vitalidade e vivacidade da prisão por meio dos *jumbos*, além da própria vida familiar fora da prisão⁶⁰. De acordo com o meu trabalho de campo, as *rainhas* exibiram comportamentos similares aos homens, ou seja, elas *lutaram* pelos mesmos *ideais* de seus esposos ou amásios. Em síntese, pelo fim da opressão carcerária.

De fato, com o desfecho da rebelião elas assumiram a dianteira e atuaram como as principais protagonistas por meio de reivindicações feitas às autoridades responsáveis pelos Direitos Humanos defronte à portaria da penitenciária, ou se sacrificando em prol do bem-estar dos maridos. A constatação empírica da relevância das mulheres se deveu ao fato de eu ter observado *in loco*, o movimento do CR feminino na época do ocorrido⁶¹.

A partir do momento, em que o diretor dessa penitenciária liberou a entrada dos *jumbos* e desbloqueou as cartas para circularem entre as prisões, os sentimentos de angústia, medo e desespero ecoaram em tom uníssono de *sofrimento* e pedidos de ajuda. As *rainhas* tornaram-se tanto as mártires da *luta* como as salvadoras dos seus maridos e amásios, pois reivindicaram perante as autoridades governamentais e estatais, a tomada de atitudes e decisões cabíveis para por fim ao *inferno*. Ou seja, elas se agitaram, exigiram resoluções, paralisaram as oficinas de trabalho, uniram-

⁶⁰ Como os maridos permanecem, em alguns casos, por anos a fio presos e, conseqüentemente, impossibilitados de serem os provedores da família, então, elas se tornam os carros-chefes no que diz respeito à sustentação familiar, educação dos filhos, cuidados com a casa, etc.

⁶¹ Ver subcapítulo 2.1.

se para suprir as carências de alimentos, de vestimentas e de afetos de seus entes queridos por meio dos fluxos de *jumbos*, *sedex* e *missivas*.

Dentro da cadeia não se vislumbrava futuro, e sim desprezo, humilhação e exclusão. Estar preso implicava em perdas e em renúncias irreparáveis decorrentes do tempo perdido por detrás das grades, que parecia acelerar o processo de envelhecimento, haja vista o não aproveitamento da vida, do crescimento dos filhos, da ausência de um trabalho e de não ser considerado um cidadão de direito. No depoimento seguinte, o preso me relatou quais eram seus sentimentos por estar anos atrás das grades e ter que conviver, diariamente, com o distanciamento dos filhos e do amor da esposa.

Eu estou Envelhecendo.

A minha mulher tinha me abandonado que pro preso é a pior coisa, minha ex-mulher, porque hoje eu tenho uma mulher... Sofri muito no começo porque você estar numa cadeia sem visita é a coisa mais triste do mundo. Eu tava louco pra ir embora. Eu não via meus filhos já fazia um tempo. Minha ex-mulher não deixava. Levou uma vez, duas vezes, depois não levou mais, porque ela queria que eu aceitasse uma situação que era impossível. A gente tá preso, mas tem um lado sentimental. Então, eu queria sair queria ver meus filhos. O juiz negou a minha condicional, aquilo me deu uma revolta enorme por dentro. (...). Aqui o cara tem que ter um controle psicológico muito grande. Às vezes eu vejo gente chapando: Porra! Eu vou ter que ficar mais tempo. Calma. Calma. Põe sua cabeça no lugar. Se você parar pra pensar, você enlouquece. É um dia após o outro aqui. Você tem que viver só um dia. Você vive o dia. Amanhã eu não sei se vou estar aqui. Eu posso morrer. Mil coisas podem acontecer no próximo segundo. Minha mãe tava conversando comigo e caiu morta. Então, você tem que tirar um dia de cada vez. E assim, vou lutando. Agora o que eu vou falar pra você eu tô envelhecendo. Eu preciso sair logo daqui, porque eu quero aproveitar a minha vida, o que eu não aproveitei até hoje. De andar de cabeça erguida, normal, de trabalhar, de viver do lado do meu filho pequeno que nasceu agora, porque os meus filhos eu não criei, né. Eu quero criar meu filho. E quero educar ele do meu jeito. Mostrar pra ele a vida. Eu quero poder sentar numa praça e ver ele jogar bola. Eu quero fazer mil coisas, que eu ainda não fiz. Eu percebi hoje que tenho muita coisa pra fazer. Tenho uma mulher que gosta de mim, tenho um filho que depende de mim. Tenho um irmão que é legal pra caramba comigo. Me ajuda pra cacete. E isso aqui não tem futuro. Na cadeia você é um lixo.

Como demonstrei neste capítulo, antes mesmo de ocorrer uma rebelião dentro da prisão, os indivíduos *aprenderam* como conviver uns com os outros, como deviam estabelecer os vínculos de amizade entre os pares e de inimizade com os policiais, como fazer a *disciplina do Partido* ser mantida e respeitada por todos. Enfim, aos amigos o *convívio* e aos *traidores* o *seguro*.

No capítulo seguinte, descrevo quais foram as minhas observações, sensações e emoções vividas no dia 15 de maio de 2006 – com base na minha memória – que, na verdade, constituíram o alicerce deste trabalho o qual me detive para fazer a análise antropológica.

Capítulo 2

Rebelião Prisional: Um Ritual Simétrico – Complementar

Toda vida é, obviamente, um processo de demolição.
Fitzgerald

Cadeia cercada por policiais, celas destruídas, telhados espatifados, janelas estilhaçadas, objetos destruídos, paredes queimadas e milhares de homens seminus de *castigo* no pátio da penitenciária – essas foram as imagens que circularam nos canais da mídia brasileira e internacional, após a sua destruição total. Contudo, por detrás de uma espessa cortina de fumaça, das salientes camadas sobrepostas de entulhos queimados e de paredes que se esfarinhavam no chão, escondia-se uma *população* que navegava em sonhos de liberdade, em delírios saudosos da família e pedidos de clemência mesclados com gritos, expressões de ódio, revolta e promessas de vingança.

Na verdade, tanto as atitudes dos presos mais valentes e ousados, como as orações e solicitações de ajuda aos familiares e órgãos dos Direitos Humanos pelos mais devotos, foram sufocadas pelo medo dos *ninjas* – policiais e agentes penitenciários – que estavam dispostos e permaneciam em cima das muralhas, ora atirando com balas de borracha, ora lançando bombas de pimenta – numa tentativa de intimidar a *população* sob suspeita de qualquer indício de agitação. A *população* aguardava angustiada e ansiosa, pois a qualquer momento, a cadeia poderia ser invadida pelo *choque da casa*⁶² ou o *choque de fora* realizado pela Tropa dos PM ou GATE (Grupo de Ações Táticas Especiais). No entanto, toda agitação corporal e tensão psíquica estavam misturadas com a esperança, ou seja, com a expectativa de terem os números das matrículas *cantados* por um agente penitenciário, e assim estarem autorizados para pegarem uma carona nos *bondes*⁶³. Na verdade, todos permaneceram embolados e confinados em um único *raio* (pavilhão) dessa penitenciária, partilhando a carência de alimentos, as mudanças climáticas, o *sofrimento*, a angústia e a esperança de saírem daquele *inferno*.

⁶² Como os presos chamavam a *blitz* realizada pelos agentes penitenciários que trabalhavam na própria unidade prisional.

⁶³ Como descrevi no subcapítulo 3.3, os *bondes* constituíram a única via possível para saírem do *inferno* em que se encontravam. Afinal, só depois de mais de trinta dias de *castigo* foi que a SAP (Secretaria de Administração Penitenciária) do Estado de São Paulo tomou as devidas providências para transferi-los para outras unidades prisionais.

Alguns presos foram feridos por balas de borracha, borrachadas dos cassetetes dos policiais (quando passaram pelo *corredor polonês*), pelos cacos de vidros no chão da galeria e durante o *corre-corre* para fugir da represália policial e dos cachorros. Enfim, o pátio da prisão se transformou em uma arena política por aglutinar e mesclar conteúdos de sacralização e dessacralização, de pureza e perigo, de limpeza e sujeira, de contágio e poluição, de sacrifício e salvação. Os presos se autodenominavam de *Guerreiros da Fé*, *Guerreiros da Luz* e, por esse motivo deveriam suportar e tolerar qualquer tipo de sofrimento e privação, a despeito de qualquer *humilhação* ou *castigo* imposto. Como se vê, puro e impuro conviviam juntos, de tal forma que no pátio da prisão se instalou algo semelhante às cerimônias estudadas por Marcel Mauss onde,

anima-se todo o corpo social num só movimento (). Este movimento rítmico, uniforme e contínuo, é a expressão imediata de um estado mental em que a consciência de cada um é monopolizada por um só sentimento, uma só idéia alucinante - a da finalidade comum (Mauss, 1974: p.161).

A *população* se sacrificou em favor de uma ideologia que fora embutida pelo PCC, mas na verdade o que estava sendo colocado em risco era a própria sobrevivência individual. Com a entrada do *choque* na cadeia, todos permaneceram sentados no chão do pátio: *seminus*, com as mãos nos ombros do companheiro à frente, a cabeça dobrada sobre os ombros e o barulho dos latidos dos cachorros dentro dos ouvidos. No silêncio, estavam entregues à sorte; uniram-se para consumir as matérias energéticas da *solidariedade* e as substâncias poluentes do sacrifício – ambas responsáveis pela restauração cósmica e coletiva da ordem moral, pois o PCC nada podia fazer em prol da *população*, a não ser se nutrir dos ingredientes econômico-simbólicos dos restos e sobras da rebelião prisional.

Um passo à frente. Com isso, os laços de solidariedade moral foram revivificados, pois ativou a memória dessa coletividade por meio da união dos corpos suados e nus, pela mistura do

sangue derramado nas galerias, pelas substâncias energéticas e contagiosas da revolta e da vingança. Alguns se proclamaram como legítimos *guerreiros* do PCC, fiéis escudeiros e leais *irmãos* que iriam até os confins da *luta*; já outros, tirados como *bunda-moles*, permaneciam alheios às situações de caos; outros demonstravam suas insatisfações, frustrações e decepções, não em virtude de não terem alcançado a glória da vitória, pois o que importava era estar em *luta* contra a opressão e coerção do sistema penitenciário, mas sim porque se encontravam entregues ao acaso e à vontade dos dirigentes da segurança estatal que não faziam valer seus direitos como seres humanos, argumentavam os presos.

Com o fim do quebra-quebra, seguido do acordo pela paz entre Estado e PCC, instalou-se no pátio da penitenciária o estado de *sofrimento*. Todos compartilharam do que sobrou, ou seja, dos restos de comida, dos cobertores, da sujeira, do odor fétido, etc. Os homens seminus formaram uma mistura de sangue, suor e lágrimas, angústia e *frenesi*, calor e frio. Esse estado de êxtase e de embriaguez ideológica transbordou para fora das muralhas, e contaminou aquelas que são o sustentáculo, não só da família, como também da própria estabilização econômica do presídio, ou seja, as companheiras. Aqui, abro espaço para fazer um breve comentário. A princípio poderíamos supor um patamar secundário às mulheres, ou seja, que a elas esteve relegado um envolvimento de pouco valor no processo dessa rebelião.

Contudo, por meio da observação empírica e dados do campo, não atribuí a eficácia somente aos homens, pois na verdade o que tivemos foi uma mescla entre homens e mulheres. Enquanto os primeiros articularam, pensaram, sentiram, obedeceram e agiram com as próprias mãos contra todos aqueles que representavam a esfera estatal e policial, as companheiras, no mesmo compasso, foram as mártires da *luta*, co-autoras por fazerem os *corres* para entrada dos *jumbos*⁶⁴ dentro da penitenciária.

⁶⁴ Sacolas com alimentos, produtos de higiene pessoal, cobertores, chinelos, roupas, etc.

Assim sendo, reverenciadas pelos homens como as *rainhas*, são elas que assumem a dianteira com desfecho da rebelião prisional. Estiveram por cerca de trinta dias na portaria da penitenciária, onde proferiam suas reivindicações com gritos de protestos, cartas que denunciavam a situação caótica dos entes queridos, cartazes e pedidos de providências para os órgãos estatais e políticos. Notei que aos homens estava reservado os ciclos das prodigalidades, e às companheiras os ciclos de abastecimento. Em outras palavras, elas são incumbidas de recarregar e requilibrar por meio dos *jumbos* nutritivos a despensa da prisão, e com isso livrá-los do preço da desgraça, da carência e do frio.

Afundados na imundície, na sujeira e no cheiro de podridão moral, o embate continuou entre os *ninjas* e os *guerreiros*, durante os sucessivos dias que antecederam o início da transferência para outras unidades prisionais. De cima das muralhas, os *ninjas* atiravam com balas de efeito moral (de borracha e bombas ou spray de pimenta); e a *população* devolvia com palavras ofensivas e promessas de vingança. Por dias a fio, permaneceram em estado de tensão, principalmente, quando suspeitavam que, a qualquer momento, o *choque dos ninjas* poderia invadir a cadeia. O perigo e o medo contagiaram a todos. Restaram-lhes as noites de inverno, onde o mundo íntimo de cada um deles se contrapunha ao irreal; o silêncio à missiva de amor; o corpo dobrado e enfileirado à ginga de capoeira; a surdez causada pelo barulho do helicóptero e pelas bombas às melodias de violão; o barulho do desespero ao murmúrio das orações.

Assim, espalhados, misturados e unidos em um único *raio* da penitenciária, os homens seminus não fraquejaram, e continuaram *pedalando*⁶⁵ ou abrindo *tatus*⁶⁶. Permaneciam atentos aos imprevistos da ordem do dia como a chegada de algum *salve*, a entrada do *choque*, o horário das refeições, a entrega de *jumbos*, o *cantar* da matrícula, a visita dos políticos, etc. Afinal, a despeito de qualquer *humilhação* imposta, a *luta* não poderia cessar. A cada instante, os presos se agitavam

⁶⁵ Significa caminhar de um lado para o outro no pátio.

⁶⁶ Buracos feitos com as mãos ou com pequenas ferramentas para fuga.

ao som das bombas lançadas pelo helicóptero da PM, que contrabalanceava com os corpos apáticos pregados no chão sob o calor do sol do meio dia; o desespero, o cansaço e o sofrimento com a esperança de um *bonde*; a descrença na *justiça dos homens* na crença da *justiça divina*.

Embora estivessem conscientes de que um retorno viria na forma de *castigo*, uma das únicas saídas que os presos encontraram foi permanecerem em estado de entorpecimento e assujeitamento. Os corpos silenciaram-se; ficaram letárgicos pela restrição de espaço e concentração de energia; sufocaram-se pela fumaça; restringiram-se nos movimentos e gestos por estarem confinados e embotados. Foi quando a crença em Deus passou a ser instituída de modo unívoco na atmosfera prisional, a ponto de formar couraças que resistiram a qualquer tipo de *castigo*, privação ou punição. Abriu-se uma fenda religiosa por onde emanava a fé que iluminava a escuridão das noites de inverno; uma fresta de esperança que dias melhores estavam por vir e que, em breve, saíam do *inferno*.

A *população* clamava por um Deus misericordioso por meio de orações advindas dos mais variados cantos – tímidas ou exaltadas – mas que em conjunto formavam o cântico religioso da legião dos *Guerreiros da Fé*. As palavras de Bataille (1975) sintetizam o parágrafo anterior:

Com o cristianismo a alternância de exaltação e de angústia, de suplicios e de orgias, constituindo a vida religiosa, é levada a se conjugar por um tema mais trágico, a se confundir com uma estrutura social doente, dilacerando-se com a mais suja crueldade. O canto do triunfo dos cristãos exalta Deus porque ele entrou no jogo sanguinolento da guerra social, porque ele ‘precipitou as potências do alto de sua grandeza e exaltou os miseráveis’. Seus mitos associam, a ignômia social, a desgraça cadavérica do supliciado ao esplendor do divino. (...) Conforme a palavra atribuída ao Cristo, dizendo que tinha vindo para dividir, não para reinar, a religião não procura de modo algum fazer desaparecer o que outros consideram como a chaga humana: sob sua forma imediata, na medida em que seu movimento permaneceu livre, ela, ao contrário, se atola em uma imundície indispensável a seus tormentos extáticos (p. 43).

As orações dos presos adquiriam um sentido a partir do momento em que as consequências por suas ações delirantes, uma espécie de “orgia agonística mental” (Bataille: 1975: 43), chocou-se de frente com a retaliação policial e destruição completa da prisão; a coragem ao medo, o *frenesi* com a palidez, o dia com a noite, etc. A fé condensada nas orações buscava restituir a ordem divina, o mundo íntimo daqueles que se viam tratados como *bichos*, como não-humanos, como desafortunados de sorte, paz, bens e objetos pessoais, enfim, tudo o que absorviam lembranças e afetos como fotografias, cartas de amor e presentes diversos.

No período pós-rebelião, o que se tinha e se via eram coisas queimadas, molhadas, quebradas e espalhadas pelas galerias e dependências do Complexo Penitenciário. Daí a não preocupação em guardar alguma coisa como reserva, pois tudo fora consumido, intensamente, por uma violência agonística que encontrou no *sofrimento* o escudo protetor contra o risco da morte e holocausto total. Os presos tornaram-se o reflexo de suas próprias ações, isto é, “o feitiço virou contra o feiticeiro”, e esses passaram a se alimentar da própria ideologia, dos próprios sonhos e devaneios. Enfim, estavam entregues à própria sorte ou azar, e em virtude disso se encontravam como *ratos*⁶⁷ que vagueavam à mercê da vontade de um outrem representado pela Secretaria de Administração Penitenciária do Estado de São Paulo (SAP).

Embebidos pela memória de *lutas* travadas em tempos remotos, a *população* se nutria do resto, da sobra e da sujeira de modo a preservar o espírito guerreiro e garantir a fermentação da lealdade e solidariedade ao PCC. Ao contrário do que se poderia supor, não se trata de prejuízos na balança econômica, já que se se perde em bens e mercadorias – ganha-se em capital de símbolos e memórias corporificadas –, algo imprescindível para o enriquecimento, enrijecimento e expansão territorial do PCC. Por fim, após terem enfrentado os intempestivos dias e noites confinados em um único *raio*, de resistirem a todo e qualquer tipo de carência de recursos de sobrevivência –

⁶⁷ Lembro de um comentário de um agente penitenciário: “Pareciam ratos que corriam para dentro dos buracos quando ouviam o helicóptero”.

retaliações, *castigos* e punições –, só restava aos mesmos aguardarem pelos *bondes* que os transfeririam para outras unidades prisionais.

Uma espera angustiada e insone que consumiu todas as energias fisiológicas para dar continuidade à revanche. Diante disso, murmúrio de orações oriundas de vários cantos da penitenciária somava uns aos outros, a ponto de condensar uma nuvem de proteção celestial contra qualquer tipo de represália dos policiais. Com essa situação caótica – após a destruição total do prédio prisional e decorrentes perdas ostentatórias dos bens pessoais –, a *população* depositou nas mãos de Deus tanto a salvação de suas vidas, como a possibilidade de uma liberdade promissora.

Os presos clamavam por *justiça divina*, embora não demonstrasse culpabilidade pela violência, caos da prisão e homicídios. Os *Guerreiros da Fé* com seus corpos desfalecidos se curvaram e se prostraram diante das imposições dos órgãos legitimadores do poder estatal. Agora, restava-lhes apenas esperar o *bonde* para, então, seguirem silenciosos à exaustiva *caminhada* rumo à liberdade.

No próximo subcapítulo, explico como o trabalho de campo direcionou para a presença de uma ideia de simetria e complementaridade no processo de uma rebelião, optei por esclarecer de que modo o *sofrimento* apareceu na maioria dos discursos nativos. Depois continuarei com a proposta de explicar como o PCC – nascido em terreno prisional –, beneficiou-se desse ritual não só para a sua expansão territorial, mas também para o fortalecimento e a manutenção de sua existência nos presídios do Estado de São Paulo.

2.1. O Sofrimento na Caminhada

Lembro-me que toda vez que eu passava pela principal grade do CR masculino por volta das 8h, olhava sempre na mesma direção para ver se lá estava sentado – com os tornozelos cruzados, as

costas arqueadas, o pescoço dobrado, o olhar fixo com as palmas das mãos estendidas sobre a pequena mesa –, aquele homem grisalho, alto, branco e magro que murmurava compulsivamente palavras bíblicas. Pouco a pouco, todos os demais funcionários da unidade prisional iam chegando e se dirigindo para a cozinha. Concentravam-se no corredor enquanto aguardavam pelo café fresquinho. O que mais me impressionava não era tanto o conteúdo das fofocas, mas como aquele homem a despeito do barulho, das gargalhadas e das piadinhas não se desconcentrava de sua leitura.

E assim passaram-se dois anos e alguns meses – tempo em que lá permaneci –, com aquela mesma cena repetindo-se: risadas, cafezinhos, fofocas e murmúrio da bíblia. Mas, esse *reeducando* para minha surpresa foi um dos três interlocutores que mais contribuiu para a realização desta dissertação. Apesar de trabalhar no setor de prontuário da unidade prisional o dia todo, sempre se mostrou uma pessoa extremamente solícita para com minhas dúvidas e necessidades rotineiras.

Recordo-me que numa tarde de sábado – enquanto eu cumpria a escala de plantão do CR –, tive a oportunidade de sentar na sala do setor de psicologia e conversar por horas a fio com esse homem. Esse relatou em pormenores sua história de vida mesclando com sua experiência de aprisionamento, seu *sofrimento*, sua desilusão, mas sempre assinalando sua fé e crença em Deus. Nesse mesmo dia, numa tentativa de explicar a razão de tanta violência entre os homens durante o processo da rebelião prisional, leu o seguinte trecho Bíblico, para mim:

Pois sabemos que a lei é espiritual, mas eu sou carnal. Vendido sobre pecado. Pois, não sei o que estou produzindo. Porque aquilo que quero, isso não pratico, mas aquilo que odeio é o que faço. No entanto, se aquilo que não quero, é o que faço, estou concordando que a lei é excelente. Mas, então quem as produz? Não sou mais eu, mas o pecado que reside em mim. Pois, eu sei que mim, isto é, na minha carne, não mora nada bom, porque a capacidade de querer está presente em mim, mas, a capacidade de produzir o que é excelente, não está presente. Pois, o bem que quero, não faço, mas, o mal que não quer, esse é o que pratico. Se, aquilo que não quero, é o que faço, então, quem o produz, não sou mais eu, mas, o pecado que mora em mim. Faço assim a seguinte lei no meu caso: Que quando quero fazer o que é direito, está presente em mim aquilo que é mal, eu, realmente me deleito na lei de Deus, segundo o homem que sou no íntimo, mas, observem meus membros, outra lei guerreando contra a lei da minha mente; Elevando-me cativo a lei do pecado,

que está nos meus membros. Homem miserável que eu sou. Quem me resgatará do corpo que é submetido a essa morte? Graças a Deus, por intermédio, de Jesus Cristo, nosso Senhor. Assim, pois com a mente eu mesmo sou escravo da lei de Deus, mas, com a minha carne, escravo da lei do pecado. (Romanos 7 Versículos 14-25).

Antes de explorar os rendimentos dessa passagem bíblica para a escrita deste texto, delinearei algumas considerações sobre o modelo teórico do antropólogo Victor Turner e seus seguidores. Parto do conceito de “liminaridade⁶⁸” o qual espelha a ambiguidade, a periculosidade e a negatividade para Turner como também para Edmund Leach (1996) e Mary Douglas (1991).

O modo de ver a “liminaridade” (como algo negativo e excludente) esbarrou nos meus dados de campo, pois ao debruçar-me na análise antropológica percebi que o processo de uma rebelião remetia a algo positivo. Em outras palavras, a experiência do *sofrimento* como um estado, e não como algo perpétuo na vida desses homens – afinal um dia a *liberdade cantaria* –, levou-me à seguinte reflexão: se nos ritos de passagem analisados por Victor Turner (1974) o estar recluso, invisível e isolado foram vistos como negativos e perigosos, na rebelião prisional construiu subjetividades, fabricou corpos e modelou almas.

No pátio da penitenciária mesclava-se a sensação de estarem enclausurados, porém soltos por não mais haver as grades das celas que os aprisionavam. Todos unidos uns aos outros pela mistura de corpos negros, brancos, estrangeiros, religiosos ou ateus, traficantes ou *nóias* (usuários de substâncias psicoativas), enfim *uma pá de ladrão*... Absortos, saudosos do conforto familiar, sedentos de vingança, queixosos pela condição de *sofrimento*, desolamento e isolamento...

Em resumo, eles não estavam nem aqui e nem lá... Ora os presos estavam com os ânimos exaltados e eufóricos, ora deprimidos e desiludidos justamente por viverem em “betwixt and

⁶⁸ Para Turner os *rites of passage* compõe-se de três fases: a separação, a liminariedade e a re-agregação. A fase liminar é uma das mais importantes, pois envolveria um longo período onde os participantes são marginalizados. Durante a liminariedade, o status dos participantes é deliberadamente ambíguo; estão tão separados do processo ritual como da vida social normal. Segundo o autor, esse é o ponto crítico do processo ritual, pois conduziria o desenvolvimento de um sentimento de transcendência da solidariedade social que ele denomina de *communitas*.

between⁶⁹”. À moda dos “novatos” de Van Gennepe a Turner os presos foram apartados, separados e trancafiados caracterizando um duplo processo de reclusão – a exclusão dos excluídos –, porém ao contrário dos primeiros que se viam diante de várias regras e imposições dos mais velhos, os presos não contavam mais com a *correria* do *faxina*, e sim com a habilidade de cada um *fazer seu corre*⁷⁰ – momento pertinente para acionar as *rainhas*. Mas, aqui se interpôs um aspecto extremamente relevante para a construção desse indivíduo, ou seja, conhecer o *sofrimento* para fazer parte do PCC.

Assim, a “liminaridade” existente na rebelião prisional gerou a oportunidade para que cada preso vivenciasse sua própria essência, sua individualidade, sua subjetividade, o seu “eu essencial”, e não o “nós essencial”, a princípio. Ou seja, a rebelião prisional apesar de ter contado com a participação de inúmeros presos, não deixou de proporcionar uma experiência individual, pois cada preso vivenciou, diferentemente, a sensação de estar só, esquecido e abandonado. Daí, a caracterização desse período como algo inexato, desajustado e desarranjado, ou seja, um estado momentaneamente desconectado da *população*, porém arraigado no umbigo de cada um dos presos, que esperavam amargamente pelo *bonde* o qual transferiria para uma outra unidade prisional⁷¹.

Mas, não tardou para que a *população* se conscientizasse que apartados uns dos outros não alcançariam os propósitos de *luta*, pois a desunião poderia ser letal para toda a coletividade. Então, se uniram, mas dessa vez não com comportamentos e atitudes de revide, mas sim de clemência a Deus, de submissão aos policiais, de enfrentamento do *sofrimento* e companheirismo. Como a penitenciária estava completamente destruída, não havia condições dos presos abrigarem-se do frio e da chuva, conseqüentemente, partilharam do imundo chão do pátio da prisão, da comida, do

⁶⁹ Essa expressão pode ser entendida como “aquém e além dos pontos fixos”, “entre dois mundos” e “entre e entrementes”.

⁷⁰ Utilizada pelos presos para explicar as decisões e ações individuais que empreenderam em prol de *buscar uma melhora* durante o período de reclusão, castigos e *sofrimento*. Estados físicos e psíquicos que engendraram o liminar, conforme já discutido em parágrafos anteriores.

⁷¹ Temática do subcapítulo 3.3. Os *Bondes* da Liberdade.

cobertor, das folhas para escreverem suas missivas, etc., e do lado de fora, dos afetos e *jumbos* que foram entregues pelas suas mulheres e familiares.

Assim sendo, o estado de *sofrimento* foi o principal responsável por tornar os desiguais em legítimos *iguais* durante a *caminhada*⁷² – o que foi possível mediante o “processo de desindividualização” (Biondi: 2009:152). O que quero dizer com isso, é que a liminaridade por si só não fabricaria, moldaria ou transformaria os presos, mas sim o estado de *sofrimento*, de *humilhação*, de *castigo*, de reclusão – o estar no *veneno* como eles diziam.

O estado de *sofrimento* transformou essas experiências desindividualizadas em complementaridade, e não em algo excludente; alterou o cada um por si para todos por um; modificou o autogoverno em adesão na rede de relações sociais tecidas pelo PCC. Logo, a liminaridade – de acordo com os dados do campo –, foi engendrada pela individualidade, pela impureza, estar impuro, pela reclusão e pelo estado de *sofrimento*, não o oposto.

Na contramão do pensamento de Mary Douglas (1991) ao dizer que os seres transicionais poderiam ser contaminadores em razão da imprecisão do seu estado (nem lá, nem cá; não ser nem uma coisa nem outra; estar fora-do-mundo), e que a poluição seria um escudo contra a contradição, o que verifiquei em campo, refutou essa constatação. Os presos não estiveram imunes, por exemplo, às substâncias tidas como perigosas (sangue), contagiosas (sujeira) e aos riscos (alimentos estragados e com cacos de vidro), pois as impurezas não imputavam riscos, ao contrário.

As impurezas – espalhadas e misturadas por todos os lados, cantos e espaços da penitenciária –, *misturaram* os presos na medida em que os tornaram como *iguais*, afinal estavam expostos ao mesmo *sofrimento*. Sem prescindir aos *aprendizados*⁷³ que foram adquiridos durante a *caminhada*, na rebelião tivemos a incorporação e assimilação de *aprendizados* oriundos dos

⁷² Algo que também foi atestado por Biondi (2009) em nota: “Depois, os *batizados* no *Mundão* passaram a não ser mais permitidos, pois avaliou-se ser necessário conhecer o *sofrimento* para poder fazer parte da *Família*” (pp. 61). Ou seja, não era mais permitido aos indivíduos se filiarem ao PCC na rua (no *Mundão*); tinham que vivenciar o *veneno*, ou seja, o que é estar no *sofrimento* para serem aceitos como membros do PCC.

⁷³ Diz respeito às regras internas de convívio; o que pode e não pode ser dito ou feito dentro do sistema prisional.

castigos dos ninjas. De fato, somam-se a essas novas memórias – adquiridas em decorrência da *luta* diária –, aquelas que foram operacionalizadas durante a represália policial, onde os corpos foram marcados por pontapés, borrachadas, ferimentos de balas de borracha, empurrões, etc. À medida que os castigos imprimiram aos corpos dor, cortes, ferimentos, mordidas, pancadas, fome, etc., os presos que se encontravam a mercê do acaso e das ameaças constantes dos *choques* encontraram na fé e na crença, as forças motrizes capazes de fazê-los superarem as dificuldades, os castigos, enfim *o inferno* para dar cabo a *luta*.

Contudo os produtos, os efeitos e as substâncias só se mostraram positivos e eficazes ao serem consumidos, pois a rebelião não comportou somente gastos e excessos, mas perdas e sobras. Logo, a rebelião prisional não se restringiu a uma ideia de círculos recíprocos. Em outras palavras, diferentemente da leitura que o princípio da reciprocidade poderia sugerir, na rebelião não tivemos a troca de favores, objetos ou dons que possuíam valores ou seriam constitutivos das alianças políticas, mas sim o consumo de substâncias e fluidos correlatos aos corpos e *mentes firmes e fortes* dos presos solidários e leais ao *Partido*.

Em síntese, no processo de uma rebelião prisional intercalam-se tanto o consumo como a produção, pois se de um lado temos a produção dos corpos, o fortalecimento da ideologia e memória do *Partido*, por outro lado temos o desgaste da força física e mental, a destruição dos objetos e destituição dos bens pessoais, o odor fétido que exalava das galerias, celas e corredores como resultado dos produtos e efeitos da carbonização das vítimas, das excreções dos homens (fezes e urina), das coisas queimadas, molhadas e podres, etc.

Assim, a *população* compartilhou da sujeira, do cheiro, do contato pele-pele, de um canto no chão frio, dos restos de alimento, das orações dos cristãos, das clemências, do *rap* e da capoeira, dos alimentos fermentados, azedos, molhados; da quase nudez, etc. No pátio da prisão intercalou-se –

como um pêndulo –, ora *paz*, ora a *luta*. Afinal, quando menos se esperava, o *choque* invadia o *raio* com suas balas, bombas e borrachadas, conforme escreveu um preso à sua esposa.

Balas, bombas e borrachadas.

Aqui quem chega chegando é seu marido que te ama + que tudo. Amor estou morrendo de saudades de você. Amor escrevi pra você ontem, você me escreve falando se você recebeu a carta, tá. Amor, hoje recebi uma sacola da minha mãe com uns baratos de higiene, amor se você quiser me ajudar me manda envelope e tarifa pra mim. Você nem imagina a falta que você me faz. Mas esses obstáculos que estou passando pode ter certeza que estão me fortalecendo cada vez mais. E meu ódio também aumenta a cada dia. Preta hoje do nada, estávamos no pátio, e os policiais covardes, encapuzado com medo de mostrar a cara, e nós mandar matar la fora, começou a atirar de borracha, em nós e tacar bomba de pimenta. A bala de borracha é do tamanho de uma bolinha de gude grande e você precisa ver o estrago e o rombo que faz. Um tiro pegou na fonte, do mano 1 dedo do olho você precisa ver o estrago, só que na hora, o helicóptero apareceu e filmou. Preta não sei ainda o que vai acontecer comigo, se fico, vou de bonde ninguém sabe nada. Mas você pode ter certeza que jamais vou te deixar por nada nesse mundo e espero o mesmo de você. Amor agora estou com medo de te perder, pois esta chegando a hora de você sair pro mundão, e eu não sei o que vai acontecer comigo. Preta, o barato está um campo de guerra, igual campo de concentração, estamos passando o maió veneno nesse maldito lugar. Mas ta bom. Ai amor vários policia, me reconheceram ai apanhei pra caramba, da penita até aqui eles me trouxeram de cueca pisando no vidro, passando por um cordão polonês, apanhando tomando borrachada, e eles rezando pra mim cair mas não cai, e fiquei firmão. Mas apanhei, porque com certeza bati de frente, e não fiquei dentro de barraco esperando o choque igual vários bunda mole você já me conhece, e deve imaginar aonde eu estava né (risos). Mande um Salve para Paula, Joana, e Tereza. Vou ficando por aqui deixando um super beijo nessa sua deliciosa boca. Desse seu marido Celso.

Após a dilapidação dos bens, dos objetos pessoais e da morte dos *traidores*⁷⁴ houve o aquietamento das vozes e a produção de “virtualidades de existência” (Fausto, 2001: 328), pois o *sofrimento* que foi produzido e consumindo por todos serviu de matéria para fertilizar a lealdade e

⁷⁴ Outra fonte de energia produtiva [uso o termo energia nos termos de Bataille (1975: 171) canaliza-se com a morte do inimigo (traidor do PCC), pois a ideia de consumo, não implica apenas perda, mas sim, gasto produtivo. Daí a explicação do porque de serem condecorados com troféus simbólicos, e terem a cabeça na bandeja que, nesse caso, retratou o triunfo sobre a verdade, em detrimento da mentira e da traição. Como retomarei a esse ponto, com mais detalhes no subcapítulo 3.3 – Banquete do PCC–, apenas adianto que essa exposição pública do inimigo, repercute positivamente na *população* por despertar o mais autêntico sentimento de lealdade ao *Partido*, conforme relatos obtidos durante a pesquisa de campo. Afinal, poucos se arriscariam em ter a cabeça decepada ou estrangulada por um fio de linha de náilon; o crânio escalpado, os olhos vazados e a língua cortada.

solidariedade ao PCC. Posteriormente à destruição, ao desperdício e aos gastos excessivos imbricados na rebelião, os presos se depararam com a potencialização da vida social. Em virtude do estado de confinamento da *população* em um único *raio* que culminou com o esgotamento das forças físicas e energias psíquicas, tivemos por outro lado à produção de pessoas por meio de pessoas como nos explicou Fausto (2001):

Tais relações são mediadas menos por objetos do que por pessoas e constituintes de pessoas, pois estes são sistemas de produção social de pessoas por meio de pessoas, em que a destruição-consumo do inimigo tem papel central e fecundante, embora não seja igualmente elaborado por todas as sociedades da região, nem tenha o mesmo peso simbólico em cada uma delas (p. 333).

Agora, retomo a passagem bíblica que me possibilitou fazer a seguinte reflexão analítica: no processo da rebelião prisional, dois planos – um mental e outro corporal –, foram postos em ação mediante os desejos e vontades dos homens encarcerados. De acordo com o entendimento do preso que leu aquele trecho bíblico, isso significaria que:

Ele [Deus] deixa bem claro que a lei é correta. Que nós devemos, temos por obrigação seguir as leis de Deus, porque elas são excelentes. Isso é uma coisa impressionante. Isso não acontece só aqui na penitenciária, no CR... Isso acontece no nosso dia a dia. Quando Deus estava ao lado do seu filho construindo o universo, ele diz assim: Façamos o homem a nossa imagem. Então eu sou da opinião o seguinte: se nós somos a imagem e semelhança de Deus, então, todos, sem exceção, Dona Samirian, todos, nós temos boas qualidades. Só o que falta? Ensinar essas pessoas a se tornar uma pessoa completamente e competente para praticar a boa obra, e não a má obra. Porque o corpo não vai praticar coisas boas, só vai praticar coisas ruins porque é carnal, mas eu dependo da minha cabeça, do meu subconsciente, isso é extremamente importante.

Faço duas inferências analíticas com relação ao “ponto de vista” desse preso. A primeira proposição seria que o preso precisaria ser ensinado a praticar a boa obra. E a segunda que o corpo não faz coisas boas por que é carnal e comandado pela mente. Logo, como se observa o pensamento

nativo opera por meio de contradições, quer ele tenha consciência disso ou não. Por esse motivo que os corpos foram alvos dos *castigos*, das humilhações, das disciplinas, pois o corpo é visto como sede do pecado, do mal, do perigo, do contágio e da morte. E, a alma? A alma – como sede da libertação e da salvação –, abrigaria o bem e a vida.

Como foi o processo de fabricação desse corpo e mente durante a rebelião prisional? Ora, por meio do *sofrimento* oriundo da *luta* e dos *castigos* os quais condensaram *aprendizados* que foram consolidados quando o preso descolou-se de si e caiu no esquecimento e na invisibilidade social. Momento esse caracterizado pela *luta* de todos pela sobrevivência, pelo acionamento das esposas, amásias e demais familiares, ou seja, quando cada um procurou *fazer seu corre* em prol do Partido.

Durante o período de tempo em que permaneceram confinados num único *raio*, esses corpos foram transformados. Uma transformação que não se resumiu apenas nas tatuagens, no fortalecimento dos músculos, nas posturas corporais viciosas, etc., que porventura foram adquiridas durante a *caminhada*. Essas “metamorfoses” estiveram para além dos ossos e dos músculos; daí o porquê do corpo ser submetido a processos intencionais e periódicos de fabricação (Viveiros de Castro, 1979: 40).

Na próxima carta, temos o relato de um preso que sobreviveu a despeito do frio, da carência alimentar, da chuva, etc. Com seu corpo esmorecido e saudoso de carinhos e afetos de sua esposa, procurou manter sua *mente firme e forte* para superar os infortúnios, pois vislumbrara num futuro próximo a sua *liberdade*.

Mente de homem, Corpo de bicho.

Saudações. Oi Meu Amor. Espero que ao chegar mais está que a encontre com saúde, paz, harmonia. Pois eu me encontro com saúde, firme e forte graças a Deus. Nega estou morrendo de saudade de você, e não vejo a hora de poder chamar você de minha nega para mim matar a saudade. Nega você gostaria de saber como eu me encontro aqui, eu me encontro dormindo no chão, o nosso cochão e a nossa coberta

que nos coloca no chão e dorme na pedra pura. E, muito sofrimento e ainda mais dormindo no cereno e quando chove e aquele corre corre e tiraro os telhados de cima das celas ao quando chove ai entra água pelo candoite. Nega estamos dormindo, aqui no pátio relento porque os barracos estam cheios e eu prefiro dormir do lado de fora com os companheiros. Nega mais logo logo eu vou de bonde aí com certeza acabara o sofrimento. Nega pra onde eu for eu já posso montar o beneficio porque eu já estou tirando alguns meses que são 6 meses. Nega aqui tem culto dos irmãos da igreja e as vezes eu vou orar para que Deus a proteja e sempre pedindo oração para você e a nossa filha, que logo logo você ira ganhar a sua liberdade pois tenha fé. Que Deus tenha piedade de você e de todas que estam ai nece sofrimento. Nega você quer saber também sobre a alimentação so ovo e sopa uma mestura que não tem nada a ver com outras cadeias fruta nem pensar, leite também não, eles não pagam mais. Antes eles pagavam até doce de goiaba mas agora eles não pagam mais. Nega a bóia dece pela corda até parece que nois e bicho nece lugar, temos que ser forte e guerreiro para superar tudo isso. Nega o nosso amor e tão lindo que graças a Deus veio uma filha tão linda que e tudo para mim, e não vejo a hora de poder estar do lado dela que voceis são tudo para mim e a minha saudade aqui e tao grande que não vejo a hora de poder ver ela e você. Nega quero matar toda a saudade de você, e fazer aquele amor que so você sabe fazer eu feliz, e deixa eu loco de amor por você. Nega eu não vejo a hora de estar aos seus braços. Aqui esta indo um desenho para Lílian. Aqui termino com muita saudade. Te amo te amo. Mil beijos. Paulo.

Desse estado de *sofrimento* resplandeceram os *guerreiros* – homens encarcerados que estiveram entre a vida e a morte; o aconchego da família e a indiferença de quem são responsáveis pela tutela; a expectativa da *liberdade* e experiência árdua dos *castigos* e da *luta* constante. Os *guerreiros* foram aqueles que transpuseram o *corredor polonês*, que tiveram seus corpos esculpidos pelos cacos de vidros, latidos dos cães, explosões das bombas de efeito moral, borrachadas, etc. A carta seguinte revelou como do *sofrimento* nasceu o *guerreiro* e como se manteve vivo *firme e forte* apesar das intempéries do dia-a-dia.

Sou Guerreiro de Fé em Deus

Saudades. Oi amor como você está? È com imença saudade de você que desejo em primeiro lugar saúde paz e alegria. Olha amor eu venho agradecer por tudo que você encaminhou para mim o pessoal do Noberto entregou agradeço por tudo e por todos. Eu recebi sua carta do dia 15 de junho e até agora não pagarão mais cartas estou aguardando noticias sua anciosamente mais rápido pocível. Meu amor estou pasando por muito sofrimento estamos dormindo no pátio do cedepe passando frio a noite e muito sol quente durante o dia. Ao me deitar a noite fico olhando o cel vendo a lua, e as estrelas e pensando em você antes de dormir meus olhos se enche de lagrimas só de pensar em você, pasei por muito perigo, mas concegui

ultrapassar por tudo, por que sou guerreiro de fé em Deus, estamos mais de 1400 presos em um só raio do CDP. Não dá nem para andar direito. A comida é das péssimas esmagrei um pouco. Vi muitos amigos feridos pela tropa de choque muito sangue derramado pela galeria e pelo pátio graças a Deus que consegui me proteger das bombas e pelos tiros da polícia, eles foram muito ruins, muita humilhação, fiquei uns dias surdo que o helicóptero soltou uma bomba perto de mim, mais estou bem são um bando de covardes, como você sabe né... Meu amor estou barbudo feito prisioneiro de guerra – tudo isso está parecendo um campo de guerra – o perigo está em qualquer lugar, nem consigo dormir mais direito, acordo assustado por qualquer barulho, e venho a pensar em você sonho com você sempre, e penso que tudo isso se acaba logo. As nossas coisas a tropa de choque jogou tudo fora e foi tudo queimado estamos sem nada. Agora que liberou para escrever cartas. E fiquei sabendo que pode mandar jumbo. Só que tem que trazer aqui na portaria. Essa semana o jumbo era para ser entregue na quarta das 8 da manhã as 4 horas, a semana que vem, eu não sei o dia direito, tem que ligar na penita pra saber o dia certo para entregar o jumbo, vou anotar o que pode mandar se tiver nas suas condições meu amor. Com fé em Deus vou conseguir passar por todo esse sofrimento e vencer o perigo sou guerreiro de fé! O amor que sinto por você é que me dá força para lutar. Finalizo com imensa saudade na esperança de um dia melhor um amanhã para nós dois. Vou anotar o que mais estou precisando urgente: (escova de dente), (sabonete), (pasta de dente), (presto barba), (envelope), (caneta) (e um caderno) sempre estarei pensando em você, amor te amo! Me escreve logo. Não se preocupe. Estou bem. Te amo encontramos em breve.

Observei pelos conteúdos das cartas que apesar das péssimas condições de instalação física, de alimentação, de higiene, dos *castigos* e da represália policial, em nenhum momento os presos sentiram-se derrotados ou fracassados em virtude da palidez e desnutrição da *população* que aguardava, ansiosamente, alguma solução por parte do Estado. O *sofrimento* os conduziu à “soleira” da sobrevivência. Todavia, chegará o momento em que esses corpos voltaram à superfície da vida, revitalizados e revigorados pela experiência amarga da dor, da humilhação e opressão. Durante o *sofrimento* foram produzidas subjetividades outras, reforçados os laços de amizade, expressos os sentimentos de união e exercitados os *aprendizados* adquiridos durante a *caminhada*.

Os corpos se tocaram e trocaram entre si substâncias alheias e contagiosas que fortaleceram o espírito de *luta* e de *Igualdade*. Contudo de nada adiantaria manterem-se *firmes e fortes* se não fosse a presença marcante, leal e cúmplice da mulher. Superaram o *sofrimento*, pois encontraram

guardada no seio da mulher amada sob o véu da proteção celestial. Essa é a temática do subcapítulo seguinte.

2.2. As Rainhas e os *Jumbos* Nutritivos

Trabalhei como terapeuta ocupacional da unidade feminina durante 1 ano e 6 meses. Localizada na mesma cidade interiorana do CR masculino, porém em uma área urbana, abrigava cerca de 100 *reeducandas* com faixa etária entre 18-65 anos de idade que cumpriam pena que oscilava de 2–12 anos de detenção a depender do artigo penal infringido. Esse CR também era assistido pelo corpo técnico da SAP e da ONG, todavia não com os mesmos funcionários. Inclusive os cargos de direção, gerência e segurança interna eram ocupados, exclusivamente por mulheres.

Outrora foi a cadeia pública (masculina) dessa cidade – que deixou de receber presos desde o ano de 2003 –, e atualmente abrigava o CR feminino. Essa unidade em forma de um círculo possuía quinze *casas*⁷⁵ com seis *burras*⁷⁶ cada. Pintada externamente de um branco-pálido, com janelas e portas azuis possuía dois corredores que convergiam para o pátio da prisão que possuía seis tanques de roupas. Lembro-me que logo pela manhã, os varais que eram improvisados no pátio da prisão estavam forrados por lençóis, calças pretas e camisas brancas (roupas do uniforme).

Já a decoração interna variava. Algumas *casas* possuíam cortinas nas janelas; tapetes de crochê nas portas dos banheiros; outras com armários de dispensas repletos de doces, frutas, biscoitos, papel higiênico, material de higiene pessoal e produtos de limpeza. Mas, o que diferenciava consideravelmente eram as *burras* de cada *reeducanda*. A roupa de cama era feita à mão com fios de barbante e desenhos variados, sugeria entre outras coisas a habilidade artesanal de cada uma. O interessante é que fazer crochê dentro da prisão, embora fosse uma atividade

⁷⁵ As presas chamavam as celas de casas. Quando elas queriam conversar, sigilosamente, ou mostrar alguma coisa em particular, elas solicitavam a minha presença em suas casas.

⁷⁶ Camas, também chamada de pedra.

corriqueira e comum, na verdade, era um meio de se alcançar *status* e, conseqüentemente, induzia rivalidades entre as *reeducandas*.

Na unidade feminina havia três empresas que terceirizavam os serviços sob o crivo da gerente da ONG. As *reeducandas* competiam entre si por uma cadeira na fábrica de costura de calça jeans, pois esse era o local de melhor remuneração. As demais se dividiam entre os serviços de faxina, da cozinha, do almoxarifado e das atividades artesanais, com destaque para o crochê. O leitor pode estar se perguntando: por que o crochê induzia disputas entre elas? A resposta que obtive do campo foi que os maridos e os amásios exigiam que elas produzissem – em tempo recorde –, a maior quantidade de tapetes e acessórios, possível.

A princípio essa resposta pode parecer simplista. Mas não é. Compreender a dinâmica do crochê demandou tempo e sensibilidade em campo, afinal de contas o modo como eu convivía com as *reeducandas* diferiu, consideravelmente, se comparado aos *reeducandos*. Ora, elas eram as mulheres daqueles que estavam nas unidades masculinas, e por conta disso eu não podia dar indícios, nem alimentar à imaginação de que eu poderia ser paquerada por um deles. Por isso sempre me posicionei com extremo respeito diante dessas prováveis suspeitas, embora uma ou outra *reeducanda* insinuasse e maliciasse a relação estabelecida entre eu (terapeuta) e seus respectivos companheiros.

Mas, o que quero destacar é a implicação disso para a pesquisa de campo. Quase 80% das mulheres ali alojadas eram esposas, amásias, namoradas, mães, filhas e/ou irmãs dos homens que estavam no CR masculino e/ou na penitenciária. Respondiam pelos mesmos crimes dos maridos com raríssimas exceções. Ou seja, no ato do flagrante elas estavam presentes seja na garupa da motocicleta, dentro de casa ou na rua. Isso quando não eram usadas como *mulas*⁷⁷ pelos maridos.

⁷⁷ Mulheres que transportam para dentro da prisão celulares, drogas, além dos *jumbos*.

Como eu era a única funcionária que trabalhava nas duas unidades prisionais, em períodos diferentes num mesmo dia, não demorou muito para que os *reeducandos* me vissem como um possível elo entre eles e suas mulheres. Então, eu podia baldear materiais de artesanato, cartas, presentes, cigarros da unidade masculina para feminina, e vice-versa. Ou seja, eu fui quer intencionalmente ou não, colocada para transferir os *jumbos*, ou seja, fui *mula*.

Recordo-me que tudo começou quando eu levei o primeiro rolo de barbante para uma das mulheres do CR feminino. Às vezes, me incomodava fazer isso, principalmente quando nos *jumbos* havia produtos comestíveis como bolos, pães e frutas. Geralmente, eles me entregavam no fim da tarde, mas eu iria para a unidade feminina apenas no dia seguinte, pela manhã. Logo, era inevitável que os alimentos não estragassem. Pouco a pouco, fui sendo vista pelos *reeducandos* e *reeducandas* como um ponto de referência no tocante à prestação de auxílios de ordem afetiva, em casos de briga conjugal, até como cupido e como disse acima, como *mula* por mediar tanto a entrada como a saída dos *jumbos*.

Isso perdurou por um longo tempo. Até o momento em que a diretoria do CR feminino alegou que eu corria sérios riscos em colocar para dentro da cadeia drogas, celulares até mesmo algum tipo de arma. Diante do perigo iminente, a diretora do CR pôs fim ao trânsito de *jumbos* por meio de um memorando interno, que circulou pelas dependências da unidade, proibindo qualquer tipo de entrega por parte de funcionários da SAP e da ONG.

Não me senti melindrada com essa atitude, mas os *reeducandos* e *reeducandas*, sim. Sobretudo, por que colocaram em xeque o amor, o carinho e o respeito que diziam ter por mim e que jamais pensariam em causar qualquer tipo de dano pessoal. Procurei contornar a situação por meio de argumentos outros, mas todas as tentativas foram em vão.

Diante dessa proibição instalou-se um divisor de águas entre *população* e direção das unidades prisionais. Não que as relações tenderam a um alto nível de hostilidades, mas eu diria que

camufladas pela falsa impressão imputada aos diretores e funcionários de que não se indignaram com tal imposição. Recordo-me que depois desse memorando, as *reeducandas* passaram a solicitar atendimentos com mais assiduidade, além de solicitarem a inserção nas oficinas e grupos terapêuticos, confidenciarem particularidades, etc. Essa aproximação do universo feminino fez com que se diluíssem quaisquer suspeitas ou ciúmes delas em relação ao meu convívio diário com seus maridos e amásios. Desse modo, foi que pude compreender como eram tecidas as relações entre marido e esposa dentro do universo prisional.

De posse das observações em campo somadas às conversas e leituras das cartas, permitiram-me inferir que os homens exercitavam a supremacia sobre a mulher seja pela imposição da voz, chantagens emocionais ou ameaças para que elas obedecessem a seus desejos e vontades. Maridos e amásios eram extremamente intolerantes quando contrariados, o que soou para mim como indícios de submissão feminina. Cito alguns exemplos: a mulher era proibida de conversar com outro preso; a mulher que se ausentava nos dias de visita abria brecha para que seus esposos ou amásios desconfiassem de sua fidelidade; a mulher que não respondia as cartas era alvo de desconfianças e falsas acusações; a mulher que não estava de prontidão nos dias de ligação telefônica eram recriminadas por eles, etc.

Por outro lado, paradoxalmente, engrandeciam-nas como *rainhas*. Elas deviam *fazer os corres* dentro e fora das prisões, ou seja, deviam procurar soluções para diversos problemas como os de ordem judicial e familiar, por exemplo. Passavam de *rainhas* para *mulas*, e vice-versa, instantaneamente. Assim, que envolvimento as *rainhas* tiveram durante o processo da rebelião prisional? Pois, se os homens foram a *luta*, se solidarizaram com os *irmãos*, *viraram a cadeia* e se sacrificaram em nome do *Partido*, as companheiras cumpriram que funções?

Antes mesmo do *barato ficar loco*⁷⁸, são elas que nas visitas abastecem a prisão com mercadorias perecíveis (pães, frios, doces, requeijão, biscoitos, etc.), produtos de limpeza (sabão em pedra, sabão em pó, desinfetante), produtos de higiene pessoal (creme dental, sabonete, prestobarba, desodorante, papel higiênico, etc.), bebidas (refrigerantes, sucos e leite), dentre outras. Não raro quando fazem depósitos em dinheiro⁷⁹ no pecúlio da unidade prisional para que seus maridos saldem as dívidas adquiridas durante a *caminhada*.

As *rainhas* foram encarregadas de continuarem o movimento de *luta* fora das muralhas. De meras expectadoras assumiram a dianteira da rebelião como mártires, *cunhadas* (esposas dos *irmãos*), enfim como *guerreiras da fé*. De dentro da unidade feminina pude presenciar o modo como as *reeducandas* se articularam entre si, para dar cabo aos *corres*. Atentas às informações do radialista ou noticiários de TV, algumas se desesperaram, outras permaneceram alienadas, mas a maioria se uniu e se revoltou, contra os representantes das autoridades públicas que permaneciam apáticos perante o *sofrimento* dos seus entes queridos.

O CR feminino estancou. Os pedais das máquinas de costura não se moveram, o som estridente dos martelos repousou sobre a mesa, os varais de roupas encolheram-se e as vassouras, rodos e lixeiras permaneceram imóveis num canto qualquer do CR. As *reeducandas* nos corredores da unidade, aguardavam por notícias oficiais advindas da boca da diretora. Essa unidade prisional paralisou suas atividades por um período estimado de uma semana.

Lembro-me de ter acompanhado apenas uma única vez a comunicação extra-oficial de uma das três listas elaboradas pela SAP, com o nome e número de matrícula, dos presos que seriam transferidos para outras unidades prisionais do Estado de São Paulo. Por volta das 9h todas estavam

⁷⁸ Ou seja, de iniciar a rebelião.

⁷⁹ O dinheiro possui um poder de magnetismo intrínseco, pois com ele compra, negocia e se tem poder, principalmente, por quitar dívidas de drogas e de outras quinquilharias. Seja pela via familiar (que pagam as dívidas de seus familiares) ou pelo trabalho informal (fazer uma faxina, lavar roupas, escrever uma carta, fazer um objeto artesanal para presentear alguém, etc.) - o fluxo de dinheiro circula para dentro e para fora da prisão das mãos dos presos para suas esposas, em primeira instância, seguido dos parentes consangüíneos e por fim, dos companheiros de cela.

concentradas em uma rampa que dava acesso ao galpão da fábrica de costura, quando um a um dos nomes com suas respectivas matrículas foram *cantados* em alto e bom som por uma funcionária da SAP.

O alvoroço foi geral. Gritos, choros, empurra-empurra para ouvir com mais nitidez a voz da funcionária deixou em polvorosa a unidade feminina. Duas foram as reações dessas mulheres: ou de alívio pelo fato de seu marido ou amásio estarem no *bonde*, ou de desespero pela imprevisibilidade de uma outra transferência. Observei toda a euforia de um cantinho do corredor. Foi comovente ter presenciado o choro de um *sofrimento* que fora compartilhado por elas, independentemente, da distância que os separavam.

As *rainhas* assumiram os *corres*. Compraram coisas na lojinha da unidade; pediram dinheiro e alimentos emprestados; endividaram-se, solicitaram apoio externo dos familiares, parentes, amigos e funcionários. Encheram caixas e mais caixas de papelão com alimentos, roupas, maços de cigarros, fumo de corda, creme dental, envelopes, etc. Somados ao desespero e *sofrimento*, a entrega dos *jumbos* na penitenciária constituiu um verdadeiro dilema para as *reeducandas*. Ou seja, ou encaminhavam via correio (sedex), ou aguardariam, ansiosamente, pela disponibilidade de tempo por parte do funcionário (motorista) do CR. Os *jumbos* passavam pela rigorosa revista das agentes de segurança. Elas rasgavam, desembulhavam os pacotes dentro das caixas, além de tecerem insinuações e darem risinhos irônicos a respeito dessas atitudes.

Tive a oportunidade de acompanhar o *sofrimento*, a angústia e o desespero das *reeducandas*. Era colocar o pé na unidade prisional para que afoitas, indagassem sobre a decisão do diretor do CR, em transferir ou não seu ente-querido para a unidade masculina. Na verdade, não sei quantas vezes eu fui solicitada pelas *reeducandas* seja verbalmente ou por meio de *pipas*⁸⁰ para intervir

⁸⁰ Pedaco de papel, com o visto de uma funcionária que autoriza o atendimento.

junto ao diretor, no pedido de transferência da penitenciária para o CR masculino. Tentei, mas não obtive êxito.

Como forma de sensibilizar o diretor do CR, elas pediam para que eu lesse as cartas escritas pelos seus maridos. Desse modo foi que tive acesso aos conteúdos das missivas que as fotocopiei, sob autorização das *reeducandas*. Na verdade, essas cartas chegaram até as mãos das destinatárias com atraso, pois foram barradas pelos agentes penitenciários e demais funcionários dessa penitenciária. Conforme descrito nas cartas saciar a fome, o vício, cuidar da higiene, por exemplo, foram consideradas necessidades secundárias, quando comparados ao desejo e fome de amor e saudades sentidas pelos presos.

As promessas de *amor eterno* mantinham-nos esperançosos e confortados por terem uma família. Rendidos ao amor das esposas e amásias se dispuseram a enfrentar o *sofrimento*, para que um dia novamente livres pudessem reencontrar a felicidade. Esse é o conteúdo da próxima missiva, quando o preso se deparou com a carência de recursos materiais e afetivos.

Nunca se esqueça que Eu te Amo

Fernanda é com muita saudades que venho lhe escrever essa simples carta. Paixão espero encontra-la com saúde firme e forte. Eu não te escrevi antes devido aos acontecimentos. Paixão não precisa se preocupar comigo por que indepedente dos acontecimentos eu estou bem e com saúde. Paixão eu recebi a sua carta com a condenação. Tenha paciência e esperança que nos vamos vencer. Nanda avisa o pai e pedi pra ele avisar a mãe que eu estou bem. Paixão espero encontra-la com saúde firme e forte. Nanda nunca se esqueça que eu também te amo e o que eu mais quero é me casar com você. Não vejo a hora de sair deste lugar para poder te ajudar. Quando acabar este sofrimento, só quero trabalhar e viver somente para você e nossos filhos pode ter certeza. Nanda eu acredito e tenho fé que no maximo mais 1 mês eu estarei na rua. Tenha paciência que juntos nos vamos vencer. Paixão eu estou encaminhando esta carta junto com a da mulher do Paulo porque aqui não tem nem envelope. Aqui não tem nada tá osso, mais ai não precisa mandar nada porque não sei pra onde nos vamos daqui. Mais assim que normaliza eu te escrevo entendeu. Você não sabe o quanto foi difícil pra mim te escreve. paixão agi certinho pra você ir embora logo ta. Nunca se esqueça que eu te amo e sou eternamente você. Paixão da um monte de beijos nos nossos filhos fala pra eles que eu amo eles demais. Paixão fala pró meu pai que o que eu tinha aqui, roupa,

chinelo, escova de dente, todos os barato que eu tinha perdermos tudo até a sua foto. Assim que normaliza eu escrevo pra ele me mandar. A única coisa que tenho é uma cueca e a coberta. Deus é justo. Fica com Deus. Até breve.

Assim sendo, as *rainhas* abasteceram a penitenciária por meio dos *jumbos*. Na maioria das missivas, os presos escreviam uma lista solicitando os produtos e os objetos de maior necessidade. Porém, o que sobressaía nos enunciados eram os pedidos de desculpas, as promessas e as juras de amor.

Escova de dente, sabonete, prestobarba, pasta, cigarro...

Gata espero que quando esta simples e humilde mensiva chegar ate suas belas e preciosas mãos possa encontra-la firme e forte e com muita saúde apesar do lugar em que você se encontra. Paixão comigo está tudo bem, apesar das turbulencias que passamos. Paixão igual eu te falei eu não te escrevi antes porque aqui estava osso não tinha se quer um envelope. Mais não era só pra mim não era pra todo mundo nos estamos a mais de 20 dias trancado só em um raio aproximadamente 1500 mano todo mundo junto entendeu. Mais ai parece que agora está começando a melhorar não vejo a hora de acabar este sofrimento. Paixão não é falando da boca pra fora mas ai tenho fé me Deus que nunca mais eu vou voltar pra esse lugar pode ter certeza. Minha deusa fiquei chateado por ter perdido sua foto era a única coisa que eu tinha para matar um pouco a saudade. Mais tenho fé em Deus e muita esperança que logo mais eu estarei na rua para poder te ajudar e viver eternamente para você e nossos lindos e maravilhosos filhos. Paixão eu te peço 1000 desculpas se eu te fiz sofrer antes, quero te dizer também que agora eu sou uma nova pessoa, sou um novo homem e não quero te ver sofrer mais nem um segundo, porque nos já sofremos de mais quero te fazer muito felis. Gata para te provar a minha fidelidade a primeira coisa que eu quero fazer quando estiver nos dois na rua é me casar com você entendeu sonho com isso todos os dias. Paixão quero te dizer também que eu a amo de paixão e que você é a coisa mais importante e preciosa que tenho. Eu não estou te dizendo isto da boca pra fora, mais sim são as palavras mais sinceras e verdadeiras que estão saindo do meu coração. Paixão eu estou morrendo de saudades dos nosso filhos principalmente do B., quando você ver eles da muitos beijos neles eu amo eles demais. Paixão fala pro meu pai que eu estou precisando de algumas coisas como escova de dente, sabonete, pasta, sabão de pedra, antitranspirante, e cigarro e arapiraca. Pedi pra ele se informar aqui na frente quando vai ter visita, essas coisa é só trazer aqui na frente que eles me entregam, agradece ele também pela força que ele está nos dando fala pra ele que eu adoro ele pra mim ele é o melhor pai do mundo. Minha gata fica com Deus.

O *amor eterno* e a fé em Deus constituíram a força que necessitavam para superarem o *sofrimento* e vencerem o perigo, afinal eram *guerreiros*.

Sonho com Você

Meu amor estou barbudo feito prisioneiro de guerra – tudo isso esta parecendo um campo de guerra – o perigo esta em qualquer lugar, nem consigo dormir mais direito, acordo assustado por qualquer barulho, e venho a pensar em você sonho com você sempre, e penso que tudo isso se acaba logo. As nossas coisas a tropa de choque jogou tudo fora e foi tudo queimado estamos sem nada. Agora que liberou para escrever cartas. E fiquei sabendo que pode mandar jumbo. Só que tem que trazer aqui na portaria. Essa semana o jumbo era para ser entregue na quarta das 8 da manha as 4 horas, a semana que vem, eu não sei o dia direito, tem que ligar na penita pra saber o dia certo para entregar o jumbo, vou anotar o que pode mandar se tiver nas suas condições meu amor. Com fé em Deus vou conceguir pasar por todo esse sofrimento e vencer o perigo sou guerreiro de fé! O amor que sinto por você é que me da força para lutar. (...) Finalizo com imençã saudade na esperança de um dia melhor um amanhã para nós dois. Vou anotar o que mais estou precisando urgente: (escova de dente), (sabonete), (pasta de dente), (presto barba), (envelope), (e caneta) (e um caderno) sempre estarei pensando em você, amor ti amo!

Assim, passados mais de trinta dias, aos poucos, o CR feminino retomou sua rotina de trabalho e demais atividades. E as *reeducandas*, lentamente e calmamente, retornaram ao cotidiano prisional. Enquanto isso, os *bondes* esvaziavam a penitenciária. E o pátio acumulava os restos e as sobras da *luta* – roupas, chinelos, vidros, papéis, telhas, ferros, tijolos, alimentos, bagas... Lixo e sujeira nas caçambas. No chão imundo e nauseabundo – que pisei –, o registro de uma memória de *luta*. Esta é a temática do subcapítulo seguinte.

2.3. Lixo Radioativo e Sujeira Radiofônica

Como procurei mostrar ao leitor a rebelião prisional comportou impurezas e sujeiras, que não foram higienizadas ou limpas de pronto, pois constituíram testemunhos, indícios e vestígios da

solidariedade e do espírito de *luta*. A sujeira não causou apenas asco, aos olhos de quem a via, mas também impressionou pela quantidade imensurável de lixo em decomposição espalhado por todo canto da penitenciária. Na verdade, constituiu-se em uma fonte de poder, pois comportou tanto uma ideia de algo positivo como de uma força.

Então, porque limpar, varrer ou lavar se, a sujeira, constituiu na prova legítima que homens encarcerados se uniram em prol do PCC e do cumprimento de seus direitos. A análise dos dados de campo revelou que o sangue escorrido, a galeria molhada e pegajosa, as barricadas de entulhos, as telhas quebradas, os vidros espatifados e as cinzas, compuseram o retrato da *luta* e provaram a cumplicidade da *população* com o PCC.

Tudo foi perdido, destruído e/ou queimado. Os restos e sobras ficaram espalhados pelos corredores, quadra de futebol, galerias e outros espaços. Algumas celas continham terra úmida oriunda dos *tatus*⁸¹, além de um amontoado de coisas como revistas pornográficas, roupas, objetos pessoais, etc. Havia também televisores espatifados, instrumentos e aparelhos musicais, livros, dentre outras coisas. Determinados objetos foram utilizados para fazer barricadas (mesas, cadeiras, grades, armários, etc.), outros para atizar e inflar fogo (roupas pessoais, revistas, jornais, cobertores, etc.), ou seja, esses objetos que foram completamente destruídos, e permaneceram espalhados por todos os anexos da penitenciária, pouco a pouco, se transformaram em misturas, cinzas, sujeiras e entulhos que não possuíam qualquer valor para os presos.

Nas escritas dos presos não verifiquei quaisquer sentimento de pesar com relação ao que fora destruído da estrutura e instalação física do prédio, ou seja, pelos danos causados ao patrimônio público. Em contrapartida, manifestaram profundo pesar pelos seus objetos pessoais, em especial de cunho recordativo como fotografias dos filhos, cartas de amor, objetos pessoais (roupas, tênis, livros, produtos de higiene pessoal, instrumentos musicais, aparelhos eletrônicos, etc.), presentes

⁸¹ Buracos cavados pelos presos, geralmente com as próprias mãos, ou qualquer utensílio que sirva para escavar ou remover a terra, visando à fuga.

das esposas e familiares. Mas, que terminaram por serem dissipados de forma ostentatória durante a represália policial.

Ao contrário, dos valores que foram atribuídos aos objetos destruídos e queimados, os objetos pessoais, então, possuíam graus variados de inalienabilidade (Weiner: 1992). Os fragmentos das duas cartas descritas abaixo, apontaram para sentimentos de indignação e ódio sentidos pelos presos por terem perdido seus *baratos*⁸² durante a rebelião prisional, ou de serem quebrados e destruídos pelos policiais durante as *blitzes*.

O que me deixa no ódio.

Salve, Salve lindona. Firmeza total. Amorção não ia escrever pra você até chegar a resposta das 2 cartas que te escrevi, mas eu não consigo ficar sem te escrever, pois penso 24 horas por dia em você. Eu te amo + que tudo, e não consigo me ver sem você. Você é meu tudo. Você é minha vida. Você é meu alicerse. Amor hoje veio o Direito Humano, de mentira aqui. Só areia – muita conversa e pouca ação. Nós estamos tomando tiro toda hora todo dia, ai preta nós estamos tomando tiro até na hora da alimentação, sem brincadeira o barato é loco, e sem brincadeira os (ninja) porque eles tem medo de mostrar a cara e fica dando tiro em nós... (...) Ai meu tem um mano que cai aqui com nós o vulgo dele é Betinho, e ele corresponde com uma mina daí, inclusive ela mandou um cartão igual você mandou pra mim e ele se formou no curso de cabelereira o nome dela é Amélia. Pó Rainha o que (+) me deixa no ódio que perdi tudo a toalha que você me mandou, o cartão do São Paulo e todas suas fotos e cartas, nossa não queria nada, só os baratos que você mandou.

A Fotografia

Meu Amor Te amo de+. Nega devido a está rebelião a foto da nossa filha foi perdida, e perdi todos os meus pertences, como todos aqui também perderam. Nega está saindo bonde todos os dias, de segunda a quinta. Posso estar envolvido também porque aqui não tem condições de ficar mais. Você já deve estar sabendo de tudo o que aconteceu aqui conosco. Nega mas se eu for de bonde aonde eu chegar eu te escrevo pode ficar socegada que eu jamais vou te esquecer(...). Mas a esperança de ir embora dece lugar é grande nega, para poder ver a nossa família, a dor é demais de ficar nece lugar que nos se encontra. Nega fico feliz por ter você do meu lado, porque se não fosse você eu não saberia o que seria de mim. Porque eu amo muito você e a nossa família, nunca se esqueça diço que e você e a nossa filha. Aqui termino mais esta. Fique com Deus. Te amo demais. Eu nunca esquecerei de você meu amor.

⁸² Objetos de cunho pessoal e afetivo.

Descalços, seminus, estorricados pelo sol ou trêmulos pelo frio, os presos enfrentaram o perigo de serem contaminados com a sujeira e/ou fluidos de seus companheiros de *luta*. Na carta subsequente – redigida após as transferências dos presos para outras localidades –, o preso escreve para sua esposa informando-a do seu estado atual de saúde e necessidade de fazer exames a fim de comprovar que não corria risco de vida.

Hemograma

Saudades Mil. Oi Patrícia, espero que esteja tudo bem com você, saúde e paz. Eu estou bem graças ao nosso bom Deus. Domingo já tive visitas, matei as saudades dos nosso filhos. Como a Adriana está grande!! E o Bi então, tá ficando um rapagão!! Conversei com a minha mãe e pedi para ela vir aqui só uma vez por mês, pois essa penita que eu estou fica no meio da cana à 10 quilômetros da cidade. Não tem nada por aqui. Eu vou fazer uma para poder ir no raio de trabalho. Aqui tem uma metalúrgica que fabrica peças para moto e tem a cozinha. Não quero dar gastos para ela. Conversei muito com ela e minha mãe disse que está cansada, que não estava nem se alimentando quando eu estava naquele inferno. Parece que renasci de novo, agora vou pedir um atendimento com o médico e irei fazer um hemograma completo, pois no dia que fomos rendidos misturamos, ficamos juntos, preso com hepatite A, B, C, HIV, tuberculose e eu pisei em poças de sangue e o meu pé estava todo cortado. Depois que eu receber o resultado é que ficarei tranquilo, sei que não tenho nada, mas é melhor ver se está tudo certo. Patrícia estou aqui no raio X, cela Y, moramos em 17 no barraco.

Em síntese, o estado de *sofrimento* misturado com a sujeira, o perigo e o risco de contágio proporcionou o reconhecimento da *Igualdade*. Eles saíram do *sofrimento* e do *castigo* revitalizados e impregnados de moral, de força e de vontade para continuar na *caminhada*. O tempo de permanência no *castigo* – isolados e reclusos –, serviu para arrefecer a *mente* e remodelar o corpo para que pudessem continuar *firmes e fortes* no aguardo do *bonde*. Só que dessa vez o *faxina* não teve que limpar a galeria, pois os destroços sinalizaram a insurgência criativa da esperança e do retorno da *paz*. A imundície e odor fétido foram os aspectos positivos da mudança e da transformação social.

Na seção seguinte apresento tênues considerações sobre como os *traidores*, tornavam-se vítimas que eram imoladas em prol da manutenção da coesão social da coletividade.

2.4. O Banquete do PCC

A motivação para escrever esse subcapítulo originou do meu profundo espanto, mal-estar e sensação de desmaio quando um agente penitenciário convidou-me para ir a sua sala para ver umas fotografias. Sentado em uma cadeira, ele ligou o microcomputador, e sorrindo indagou-me: — Você tem medo? Eu respondi: — Depende. Em seguida, fez outra pergunta: — Você está vendo aquele rapazinho ali fazendo café? — Sim! Então agora você vai ver o que ele é capaz de fazer.

Recordo-me de ter visualizado umas 10 fotos⁸³ de dentro da sala do setor de prontuários. Embora alguns *reeducandos* comentassem comigo que durante o tempo em que estavam reclusos, presenciaram alguns presos chutando a cabeça do *traidor* durante uma partida de futebol; ou cortando-a com uma serra para depois colocarem-na em cima de um banquinho de madeira, por exemplo; não me deixou tão apreensiva e tensa quanto ao fato de visualizar aquelas fotografias.

Deixo claro que não pretendo causar no leitor qualquer sensação de desconforto ou beirar o sensacionalismo, pois ter acesso a esse tipo de material implicaria em uma série de procedimentos éticos e burocráticos que fugiriam ao escopo do meu objetivo na época. Logo, o que descrevo foi fruto do que minha memória filtrou e absorveu daquelas imagens.

Naquelas fotografias pude ver três policiais militares e cães no fundo de uma quadra de futebol. Havia três corpos decapitados, incinerados e estendidos no chão ensangüentado. Dois deles com as cabeças colocadas em cima de tambores queimados. Cabos de vassouras enfiados dentro dos ânus. Balões de feliz aniversário amarrados nos punhos e troféus entre os dedos das mãos. A primeira cabeça tinha os olhos perfurados, sendo que no olho direito uma rosa feita de papel crepom

⁸³ Essas imagens foram da rebelião ocorrida na penitenciária de Itirapina, no ano de 2001.

servia de adorno; no esquerdo uma baga de cigarro. Boca entreaberta com a língua dilacerada. No outro tambor uma cabeça escarpada. O terceiro corpo não tinha a cabeça decepada, porém havia inúmeras escoriações espalhadas por todo o dorso e abdômen.

Vi essas imagens de vários ângulos e perspectivas à medida que o agente penitenciário teclava *enter*. Apesar de trêmula quis vê-las, atentamente. Ao termino da exibição esse agente fez sua última pergunta: — Agora, você entende o que eu estou dizendo? Não disse nada. Afinal, o que deveria responder a ele? Creio que eu não seria a única a ficar impressionada e extasiada com aquelas imagens.

De pronto fiz os seguintes questionamentos: por que nas rebeliões que os *traidores* eram mortos? Qual significado de se esfacelar os crânios, de torturar, queimar, decorar e condecorar os corpos com diversos objetos (bexigas, enfeites artesanais, etc.)? Qual o sentido de exibir os corpos e as cabeças dos *traidores* nos pátios para que outros presos e atores sociais (polícia, jornalistas, agentes penitenciários, etc.) presenciem tais cenas dramáticas? Por que o inimigo foi completamente destruído? Quais motivos de tantas escoriações nos corpos? De incinerarem os corpos mesmo depois de já o terem mutilado (cortar a língua, furar os olhos, etc.)? Quais seriam as conexões existentes entre essas mortes e o PCC? Que sentido lógico perpassaria a essas mortes e quem se beneficiaria com elas? Quem consumiria os corpos mutilados, escoriados e decapitados? Seria um banquete para alimentar quem e como?

O antropólogo Carlos Fausto (2002) em seu artigo – Banquete de Gente – levantou a seguinte questão: como diferenciar entre “comer como e com alguém” e a noção difundida de que “comer alguém”, pois essa última desencadearia um processo de transformação. De acordo com esse antropólogo tratava-se de uma resposta simples, pois “é preciso separar cuidadosamente as duas operações”. Ou seja, comer e dar de comer para gerar o parentesco é diferente do comer para identificar-se ao outro ingerido, pois a caça tem que ser produzida como comida, já que ela não é

“naturalmente” um objeto. Em outras palavras, é preciso reduzir um animal sujeito à condição de objeto-inerte, é preciso “desagentivá-lo” (p. 16).

Recordo-me que uma das fotografias registrava uma frase que fora escrita na lousa com giz branco: “Foi feito o pedido deles. Trair o PCC é cabeça na bandeja”. De posse dessas imagens somadas às observações realizadas em campo, situei essas mortes na segunda operação apresentada por Fausto, ou seja, de que o modo como os *traidores* foram mortos e, posteriormente, queimados, refletiriam a necessidade de torná-los próprios para o consumo.

E como isso seria feito? Ora, só se tornaria possível mediante as marcas nos corpos e imputando-lhes dor, sublinhando o pertencimento a uma categoria de pessoas tida como “inimigos”. Como se tratavam de legítimos *traidores* não haveria razões de poupá-los da morte, e sim de transformá-los em um corpo-objeto. Novamente, podemos ver que é pelo corpo que o PCC reconhece a inserção de uma pessoa como membro filiado, como *irmão* ou *primo*, por exemplo. Daí a importância fundamental dada aos processos corporais, como nesse caso aqui, da imolação.

O banquete do PCC condensou dois tipos de vítimas. A primeira, a vítima maldita – representada por aquele preso que mente, trai ou não se enquadra nos padrões exigidos pela *disciplina* do PCC, ou seja, pertencem a *oposição*. Tratava-se do corpo de um *traidor* – vestido na pele do inimigo –, que infringiu ou não se enquadrou na ordem moral e nos códigos de conduta. Corpo que envergonhou e desonrou o *Partido*, logo, deveria ser eliminado violentamente do *convívio*. Daí resultou o corpo mutilado, escoriado, a cabeça decepada e as vísceras arrancadas. Foram completamente destruídos pela incineração.

Contudo, equivocada estaria se pensasse que o corpo imolado não possuiu sentido utilitário. Com os produtos desses corpos se fabricam pessoas. Com o odor do sangue, da carne queimada, do cheiro dos corpos nus amontoados no pátio, dotados de agência transformativa, tivemos o fortalecimento dos preceitos *disciplinares* do PCC.

O segundo tipo de vítima englobou todos que ali estiveram, ou seja, mais de mil homens em processo de *luta* e *sofrimento* com a finalidade de pôr fim às opressões e aos maus-tratos aos *irmãos* do PCC. Temática que retomo no subcapítulo 3.2. – Castigos, *Sofrimento* e Justiça de Deus.

Em resumo, vimos neste capítulo que o *sofrimento* desindividualizou os presos, pois movimentou toda a *população* aos confins da “liminaridade”. Este estado produziu a crença que só por meio do sacrifício se libertariam do *inferno* e alcançariam à *paz*. As marcas, as cicatrizes, os machucados, os cortes e os ferimentos conferidos ao corpo, e que foram obtidos porventura durante o *corre-corre* no pátio, no percorrer as galerias ou na transposição do *corredor polonês* foram vistos pelos presos como inerentes ao espírito de *luta*, coragem e solidariedade. Enfim, o corpo foi sede e morada do *sofrimento*.

Após a destruição completa ou parcial dos presídios Estado de São Paulo, a *paz* foi negociada entre o suposto líder do PCC – o Marcola –, e os membros representantes da esfera estatal. Mas, conforme pude aferir pelos dados de campo não tardaria para que os policiais devolvessem com a mesma moeda, ou seja, os presos seriam *castigados*, enquadrados, enfim repreendidos. Temática que abordo no próximo capítulo.

Capítulo 3

Sangue, Suor e Lágrimas derramados em prol da *Paz*.

A sociedade sempre paga a si mesma com a falsa moeda de seu sonho.
Marcel Mauss

Inocentes e refratários às injustiças e opressões do sistema prisional e judiciário, os presos na “mega-rebelião” se mantiveram irredutíveis nas falas, nos gestos, nas fisionomias e posturas ao reivindicar seus direitos e cumprimento das leis. Diziam que não almejavam regalias, mas sim que as autoridades cumprissem com o que fora acordado pelas instâncias judiciais como, por exemplo, os pressupostos contidos na Lei de Execuções Penais (LEP). No depoimento à CPI⁸⁴ – Marcos Willians Herbas Camacho (Marcola) –, ratificou os desejos de ver o cumprimento das leis, com a seguinte colocação ao deputado:

O Sr. Marcos Willians Herbas Camacho (Marcola) - Eu acho que as regras são simples. Só seguir a Lei de Execuções Penais, o que está escrito ali. Se a pessoa, o Secretário seguir exatamente o que está escrito ali, para a gente, tá ótimo. A gente não quer regalia nenhuma.

O Sr. Deputado Arnaldo Faria de Sá - O cumprimento da própria lei.

O Sr. Marcos Willians Herbas Camacho (Marcola) - Só isso.

De fato, muitas versões foram difundidas pela mídia⁸⁵ sobre como os representantes do Estado intervieram para que o PCC cessasse “os ataques” e nas unidades prisionais voltassem a reinar a paz. Todavia, a mais recorrente foi que Marcola teria recebido a visita de advogados com o intuito de fazê-lo comunicar, via celular, o seu estado de saúde e integridade física e psicológica para a *população*.

Marcola se recusou, veementemente. Segundo informações contidas no Relatório da CPI (2005) quem se encarregou de dar o *Salve Geral* foi Luiz Henrique – o LH. No trecho seguinte, Marcola explica aos deputados como LH foi orientado para comunicar a mensagem para a coletividade:

⁸⁴Fonte: http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/20060708marcos_camacho.pdf

⁸⁵ Por exemplo, que os presos haviam reivindicado cerca de 20 televisores (tela plana) para cessarem às rebeliões.

O Sr. Marcos Willians Herbas Camacho (Marcola) - Aí eu falei: eu não falo. Aí ela falou assim: “*Mas tem que alguém falar que vocês estão bem*”. É só isso. Aí eu falei: então eu vou dar uma idéia. Vou ter uma idéia aqui que eu vou falar uma pessoa que talvez possa falar. Pedi para chamar o “LH”, aí conversei com ele: Rapaz é isso, isso, isso. Você acha conveniente você pegar no telefone pra falar com essas pessoas que você está bem de saúde, que nós estamos bem de saúde, que a gente está sendo tratado com a nossa integridade física.

Então, podemos dizer que por meio desse *Salve* cessou a rebelião nessa penitenciária? Aparentemente, sim. Pois, depois de firmado o acordo entre PCC e Estado não tivemos a *paz* propriamente dita dentro da prisão. Além dos presos conviverem com os produtos, os restos e as sobras do que fora engendrado pelos seus próprios comportamentos agressivos, eles se depararam com os *choques dos ninjas*. Portanto, que relação poderia haver entre o processo da rebelião e a *blitz* policial?

Antes de responder a essa questão, não poderia esquecer que durante o período de permanência em campo, tive a minha pequena sala – que servia de depósito de materiais de artesanato –, invadida e revirada pelos policiais da Tropa de Choque. Alguns *reeducandos* que trabalhavam comigo nas oficinas tinham acesso à sala, logo, para os policiais tratava-se de um espaço de risco, pois os presos poderiam *mocoçar* drogas, por exemplo. Recordo-me que numa manhã de inverno encontrei os papéis que usava na oficina de reciclagem espalhados pelo chão; os lápis, os pincéis, as tintas, os retalhos de tecido, os jornais, etc., jogados e pisoteados. Um dos *reeducandos* que me acompanhava – ao perceber a minha indignação –, comentou: “Ah é assim mesmo. Eles fazem isso com a gente”. Fui acometida por um sentimento de revolta que não acredito ter sido tão díspar dos sentimentos que os presos tinham ao terem suas coisas reviradas, quebradas, remexidas e jogadas. Decerto que eu não podia fazer nada a não ser me conformar, arrumar e organizar a salinha e as prateleiras.

Diante do exposto, procurei refletir que relação poderia ser estabelecida entre a rebelião e a retaliação policial, uma vez que o meu trabalho de campo acrescido da análise das missivas forneceu significativos indícios que os *choques dos ninjas* – as blitzes policiais –, poderiam ser explicados como a imagem espelhada da rebelião prisional. Tal analogia remeteu-me a teoria da cismogênese simétrica e complementar de Bateson (2008) que a define do seguinte modo: “um processo de diferenciação nas normas de comportamento individual, resultante da interação cumulativa dos indivíduos” (p. 223). Ela se diferencia em dois tipos: a) a simétrica na qual os dois grupos resultantes teriam a mesma doutrina, mas se distinguiriam e competiriam entre si politicamente; e b) a complementar onde o grupo divergente manteria doutrinas antagônicas àquelas do grupo original.

Assim sendo, a retaliação policial não poderia ser resumida a uma simples resposta agonística frente aos comportamentos agressivos e temperamentos instintivos que os presos manifestaram durante a rebelião prisional. Como descrevo no subcapítulo 3.1 – durante os meses de maio a agosto –, os presos discursaram e reivindicaram seus direitos e conquistas humanitárias, não mais exibindo as atitudes e os comportamentos violentos de outrora, mas sim de submissão. Isso se explica não apenas em função do forte regime de segurança policial, mas por que os *choques dos ninjas* entravam na *mente* e os deixavam letárgicos, cansados, desgastados e minados. Seus enunciados de rivalidade e palavras de vingança direcionada aos agentes da justiça (policiais, agentes penitenciários, juízes, diretores), ou seja, os operadores da *justiça dos homens* não chegavam com a mesma força e ímpeto de antes.

Durante dias e noites os presos aguardavam ou *bonde* ou o *choque dos ninjas*. No subcapítulo 3.3, retomarei como a angústia, o medo e a ansiedade tornaram as emoções mais recorrentes nas falas dos presos que aguardavam pelo *bonde da liberdade*. Por ora detenho-me na represália policial. De acordo com o meu trabalho de campo, os presos tinham consciência que

cessado o quebra-quebra ou o *barato loco*, o *choque* invadiria a cadeia. Mas, que sentido lógico perfazia nas retaliações policiais?

Na realidade eu só pude compreender a lógica existente nas *blitzes* policiais quando procurei analisá-la como uma ação de complementaridade e de continuidade com a rebelião prisional, ou seja, como um processo que possuía pontos de simetrias e complementaridades com o processo da rebelião prisional. De fato, no interior dessa penitenciária configuram-se dois momentos, mas que constituíam faces de um único estado *continuum*, pois as cismas poderiam ser reconexões de equilíbrio; e o equilíbrio – por sua vez –, podia estar associado às perpétuas oscilações. Daí, concluí que o processo de uma rebelião prisional também repousou sob um solo de equilíbrio dinâmico, uma vez que oscilava entre um estado de *paz* entre os presos e de *luta* contra os policiais.

A seguir, decalco uma missiva e um relato de encarceramento com o intuito de mostrar ao leitor como, nessa penitenciária, a represália policial possuiu caracteres de similar-complementaridade com a rebelião. Primeiro, a missiva.

Rainha, o barato foi loco, loco, loco.

Para minha Razão de viver. Salve, Salve Rainha! Aqui quem chega é seu maridão que te ama + que tudo nessa via. Espero que esta ao chegar em suas mãos possa te encontrar firmona, fortuna e lindona, gostosana como sempre. Eu to firmão, fortão, bonitão apesar do lugar e da situação. Amor estou morrendo de saudades de você, e sem noticias nenhuma. É minha Preta, o barato virou (risos) o bang ficou loco, vi vários que bate no peito que é bandido, e na hora da rebelião tremia de medo, muito se escondeu dentro dos barracos (risos). Ai eu já tiro como bunda-mole. Ai Rainha não dá pra escrever detalhes porque é B.O. O que posso disser, e que em 30 minutos o CDP de Araraquara que falavam que era de segurança máxima, ficou destruído, (+) 30 minuto o prédio vai pro chão, parecia de papel, quando vi já estava CDP e Penitenciária todos juntos. As galerias pegando fogo, fumaça que não dava pra respirar, todo mundo de ninja. Os irmãos com os reféns, nossa parecia um inferno. O choque querendo entrar dando tiro de borracha. (+) graças a Deus, foi tudo resolvido sem mortos dos dois lados né. Ai ficamos no CDP sem água, luz e comida. Agora estamos na Penitenciaria Pavilhão B cela [x], eu e o Saulo e (+) 3 numa cela que cabe 2, igual o poti. Estamos 30 dias de castigo, sem visita e trancados sem sol. Ontem o choque entrou n CDP pra transferir nós pra penita e o barato foi loco, loco, loco. A distancia da galeria é a mesma coisa de casa a escola do setor 3 só de galeria, lisa, e o choque entrou daquele jeito, tirou nós só de cueca em trenzinho de 10 em 10, e foi daquele jeito. Neste trajeto, tinha um cordão de

polícia do choque e cachorro. E o pior que nós, tinha que correr e eles no caminho, jogavam manteiga no chão pra ficar liso e colocaram caco de vidro no caminho inteiro (risos) você acredita, é serio, estou com o pé todo cortado e vergão de borrachada (risos). Aí to sem nada, tudo que era meu foi queimado, só restou tênis, as fotos e a roupa da casa. Ontem só dormimos de cueca, um frio que chegava a congelar. Amor pedi pro meu pessoal, pedir meu bonde, dessa Penitenciária. Aqui vou tirar uns 6 anos de cadeia essa Penita é difícil mandar embora. Pedi o bonde pro Pracinha, 400 km daqui (+) ruim sem visita, (+) melhor pra mim ganhar meus benefícios, entendeu. O Emerson escreveu pra mim, e falou que lá (+) de 100 ganhou a colônia, nessa lei nova, é melhor eu ficar no veneno agora, (+) pelo menos Natal poder passar com vocês de saidinha. Me escreve, falando de você como você esta, estou preocupado com você, como foi os exames. Amor eu te amo + que tudo nessa vida. Você é minha razão de viver. Te amo, te amo, te amo. È nós nas pistas até a morte certo. Eu jamais vou te abandonar, entendeu. Preciso de você, assim como você precisa de mim. Vou ficando por aqui deixando um super beijo nessa deliciosa boca. Desse seu leal e fiel marido Carlos. Beijos. Te amo muito.

Dessa leitura extrai alguns pontos os quais chamo atenção do leitor. Primeiro – que nem todos se envolveram na rebelião, ou seja, na *hora do barato loco* teve bandido que preferiu ser visto como um *bunda-mole*; segundo – a velocidade e força dos gestos, do fogo e da fumaça na destruição; terceiro – o *choque* dos policiais por meio do *corredor polonês*, dos cães e cacos de vidros. Observei mais dois outros aspectos, porém relacionados ao desfecho da rebelião, ou seja, o estado de carência alimentar e higiene; e os laços de *amor eterno* entre os *guerreiros* e as *rainhas* que foram mantidos com promessas de seguirem *juntos* nas *pistas* até a morte.

Assim, enquanto a *população* descrente na *justiça dos homens* entrega-se nos braços da *justiça divina*, os *ninjas* enfileiraram-se do lado de fora das muralhas, o helicóptero da polícia militar sobrevoava a penitenciária e lançava bombas de efeito moral. Durante os *choques* os policiais retiravam os presos de um *raio* para outro – só de cueca –, para transporem o *corredor polonês*. Disseram nas missivas que os *ninjas* espalharam manteiga e cacos de vidros pelo chão da galeria; vergões de borrachadas e mordidas de cães marcaram os corpos como forma de *castigos*. Com a entrada do *choque* não houve *primários* que aspiravam e nem *irmãos* que decaíram. Todos

estiveram sujeitos aos mesmos imperativos do poder que emanou de quem os comandava – a Secretaria de Administração Penitenciária (SAP).

A *população* diante dos *castigos* impostos pelos *ninjas*, não revidaram (na verdade, não deveriam) com comportamentos agressivos, mas o contrário disso – o assujeitamento e a submissão. De acordo com o fragmento de uma entrevista – concedida por um preso que me explicou como era os comportamentos dos policiais nas *blitzes* e quais eram os reflexos dessas ações para os presos –, pude constatar que uma relação de complementaridade havia entre rebelião e retaliação. Ou seja, os comportamentos dos policiais nas *blitzes* não só reforçariam como também fomentariam o ódio e a revolta dos presos, durante a rebelião prisional.

Eles pegam, quebram, rasgam, estragam.

O Choque entrou uma vez só. Ahh é humilhante. Em minha opinião, violência só gera violência. Eles entram para fazer aquela revista, para verificar o que tem. O que há de errado. Algo de errado é obvio que tem. Se eu falar para você como entra, eles sabem... Todos eles sabem como é que entra. Não há necessidade da minha pessoa falar como é que entra. Mas eles sabem como é que entra. Entendeu? Então, eles entram com cachorro. Eles deixam você nu. Eles pegam tuas coisas, eles quebram suas coisas, eles rasgam. Tudo que você tem, eles estragam. Então, muitas coisas que são destruídas a própria polícia militar, do choque, eles fazem de propósito. Eles quebram. Porque as vezes, as coisas que você está tendo lá dentro, da penitenciária, ele não tem na casa dele. Então, ele pensa: porque este cara, que é preso, tem um CD e eu não tenho. Ele vem, e quebra. Ele quebra. As pessoas depois ficam extremamente revoltadas. Sabe tipo assim: O dia que eu sair daqui, eu vou matar a polícia. Eu vou isso... Eu vou aquilo... Porque eles mesmos fomentam isso. Sabe, porque é humilhante, é degradante. Eles fazem você agachar três vezes. Eles mandam você abrir a sua boca, para ver se você tem alguma coisa na boca. É extremamente humilhante. Eles vão te jogando, e conforme você vai passando, se você bobear, eles te dão aquelas borrachadas. O cachorro que tá ali vendo aquilo de gente. Aquele cheiro! Oh, Meu Deus dos Céus. Um cheiro indescritível. Não tem como te falar. Não tem adjetivo para eu te falar, o cheiro que é aquilo. Então, aquele cheiro, o cachorro sente. Então, eles jogam o cachorro em cima de você. Aí, você é obrigado a encostar no outro, o outro vem e encosta no outro. Isso é praticamente o dia inteiro... E você fica ali, você fica a mercê deles. E nisso eles acham. É lógico que vão achar: acha ferro, um monte de coisas que não deveriam.

Com base nos dados de campo, foi possível entender que quando o *choque de fora*⁸⁶ (dos *ninjas*) invadiu a penitenciária, a *população* deparou-se com a maximização dos *castigos*, das humilhações, sobretudo depredações dos bens e objetos pessoais. Assim, que saída teriam? Ou, o ataque (incremento da agressão), ou a fuga (submissão). Seguindo as prerrogativas do pensamento batesoniano, uma atitude agressiva poderia reforçar ou ser reforçada por uma outra atitude igualmente agressiva de um outrem (simetria), ou, por uma atitude de sujeição, subordinação (complementaridade). Em outras palavras, trata-se de um sistema circular e corretivo – entre os dois tipos de cismogênese –, uma espécie de “*feedback* negativo” (pp. 317–321) capaz de desencadear a mudança de um padrão de comportamento para um outro de modo a contrabalancear certos estados ou situações como os existentes na rebelião prisional.

Desse modo, o processo da rebelião esteve atrelado à fermentação produzida no interior da penitenciária, de uma simetria complementar – a do policial –, que incorporada à dinâmica institucional proporcionou condições de fazer as metáforas e as associações, aqui aludidas. Ou seja, os comportamentos de revolta dos presos (cismogênese simétrica) desencadearam os comportamentos repreensivos dos policiais (cismogênese complementar). Mas, isso não se esgotaria nessa constatação, pois de acordo com Bateson (2008), “é interessante saber que o elo entre o comportamento simétrico e complementar é duplamente invertido” (p. 319). Para que a *população* conseguisse sair do *inferno* e seguissem na *caminhada* foi necessário que algo a impelisse, ou seja, os *choques* que encarnaram os mesmos elementos e mecanismos, porém duplamente invertidos e complementares da rebelião. A retaliação policial diferenciou apenas no modo como foram dispostos e acionados os mecanismos de contra-ataque, de revide e de desforra.

⁸⁶ Há o que eles chamam de *choque da casa* e *choque de fora* da prisão. O primeiro é mais brando, quase que rotineiro e visa encontrar drogas, celulares, armas. Realizado por um número menor de funcionários da própria prisão, sem cachorros e sem bombas. Os presos reconhecem esse tipo de *blitz* como algo pertencente às normas da *casa* (refere-se à prisão). Já o *choque de fora* envolveria a presença de agentes treinados (GIR – Grupo de Intervenções Rápidas; Tropa de Choque da PM) para essas operações de represália, logo, segundo os presos costumam ser mais duras, pesadas e repressivas.

Em suma, a prisão oscilou entre a *paz* e a *luta*, ou seja, dois processos que pertenceram a um único estado *continuum* de rivalidade simétrica (a dos presos) contrabalanceada por outra complementar (a dos policiais). Do lado de dentro da penitenciária, barricadas foram construídas para bloquear a circulação dos policiais, enquanto bandeiras eram hasteadas nas caixas d'água, o fogo se alastrava, a fumaça sufocava e a destruição continuava nas celas, anexos, salas, galerias, etc. Tanto os presos como os policiais avançaram e recuaram, atacaram e se defenderam – simétrica e complementarmente –, um ao outro, durante as horas do dia e da noite, da disposição e da fadiga, da coragem e do medo. Sem se esquecer que do lado de fora, coexistente ao de dentro, aconteceu uma série de atos isolados como a visita de políticos, tentativas de negociações com o diretor para está-la, denúncias e reivindicações por parte das mulheres e das organizações de Direitos Humanos, alardes jornalísticos, etc.

Observe o leitor que não estou falando de coisas apartadas umas das outras, e sim sobre um mesmo processo que foi capaz de interligar rebelião e retaliação, e vice-versa. De tal modo que a ligação entre o comportamento simétrico do preso e complementar do policial foi duplamente invertida, pois quando o policial apresentou uma atitude simétrica, o preso respondeu, não com uma imposição complementar autoritária e desafiadora, mas com o inverso disso, i.é., uma atitude de submissão e assujeitamento defronte aos imperativos dos *ninjas* e seus *castigos*.

Decorrente disso, a passagem da complementaridade para a simetria pôde ser considerada eficaz na prevenção de fissões e cismas da rebelião prisional. Em outros termos, a oscilação entre o simétrico e o complementar manteve a coesão social, pois de acordo com Bateson, os indivíduos *aprenderiam* “além dos padrões simétricos e complementares, a esperar e a apresentar algumas relações seqüenciais entre o simétrico e complementar (p. 320)”. Enfim, no interior dessa penitenciária não houve apenas uma rede de relações sociais que se alternaram, intermitentemente, a fim de corrigir pela ativação de mecanismos em direção oposta, os processos quem tenderiam para

a desintegração, mas também contou com a presença de homens encarcerados que *aprenderam* como introduzir esse tipo de mudança corretiva nas *lutas* travadas com os policiais.

Nos próximos três subcapítulos descrevo como os presos vivenciaram periodicamente essas oscilações, em especial como delas participaram, interagiram e atualizaram-na para a própria sobrevivência e sustentabilidade do PCC. No próximo subcapítulo detenho-me nos comportamentos dos *ninjas* nas *blitzes*.

3.1. Os *Ninjas* nas Muralhas e os Homens Seminus no Pátio da Prisão

Sem limpeza, sem higiene, sem pureza. Alguns presos dispersos, isolados, em rodinhas de amigos, sem camisas, alguns com calças amarelas, descalços, em pé ou *pedalando* pelo pátio da prisão; enfileirados ou sentados no chão – com pratos de comida e colheres nas mãos –, saciavam a fome. Iminente estado de *paz* contrabalanceado com a ameaça constante dos *maskarados*, dos *jagunços* (ambos são sinônimos para os *ninjas* – os policiais das muralhas) prontos para *esculachar*, ou seja, *sentar o pau*, bater com os cassetetes, chutar, empurrar, dar tapas, etc.

Os *ninjas* caminhavam por cima das muralhas durante o dia e a noite, enquanto vigiavam a *população*. Os *ninjas* – fardados com roupas pretas, armados com armas de calibre doze, metralhadoras e bombas de efeito moral –, ameaçavam e coagiam mais de mil homens que permaneciam em estado de pânico, *pedalando* e expondo-se aos perigos e às ameaças de uma possível invasão por parte da Tropa de Choque. Certa vez um preso explicou-me que uma prática corriqueira dos policiais consistia em colocarem os cães, bem próximos aos ouvidos, enquanto esses latiam, incessantemente. A despeito dos presos estarem rendidos e amontoados, uns atrás das costas dos outros, os *ninjas* gritavam “abaixem a cabeça”, “calem a boca”, etc.

Havia também os ladrões desafortunados que mediam a *febre*, ou seja, que *mulavam* (brincavam) com os demais presos com atitudes de mau gosto, piadinhas ou atitudes que irritavam, provocavam desentendimentos entre os demais, etc. Havia também os *caguetas*, que entregavam para os *ninjas*, os locais dos *tatus*. Porém, era noite (de madrugada) que o clima de tensão aumentava. Sem luz, apenas com refletores os presos permaneceram apertados dentro das celas com medo dos *ninjas*; cavaram enormes buracos dentro dos *bois* (banheiros) vislumbrando a fuga; oraram a Deus, matutaram sobre o futuro, etc.

A seguir, transcrevo trechos de duas missivas que nos colocam a par da realidade desses presos, após o desfecho da rebelião.

Sentar o Pau e Medir a Febre.

A situação aqui Antônia já esteve pior, agora está melhorando um pouco, mas ainda não está boa. Não sei quanto tempo iremos ficar nesta situação, hoje liberou o jumbo, mas ainda estamos durmindo no relento e aqui está cheio D+, para você ter uma base o raio de que é para 128, estamos em 1010 ladrão fora os mascarados, os jagunços que qualquer coisa senta o pau, tem uns ladrões sem futuro que é programado para arrastar e medir a febre. Nos 12 primeiro dias queria até que os mascarados atirarem para matar, assim acabava logo o sofrimento. Mas Deus é mais, me fortaleceu, me guiou e hoje tudo o que passei e que ainda passo só tem a me fortalecer.

Gatos nas Muralhas e Ratos cavando túneis.

Para Você. Pó Rainha, agora deve ser umas 1:00 da manhã, estou no pátio, só com as luzes de 2 refletor, um banco de samba, de um lado, uma roda de capoeira do outro, vários ladrão pedalando, é sim que esta nesse momento (risos), porque tudo sem porta, e estamos sobre vigia dos PMs de ninja tudo fortemente armado, pronto pra nos matar (risos) sem energia, sem rádio, sem Tv, sem nada. Mas to firmão, vamos que vamos, né. Pó rainha, a conversa é que semana que vem vai sair 600 de Bonde, pra Avaré (nossa como eu quero estar nele), já saiu (+) de 100 de Bonde, só que só foi, véinho, irmão da igreja, cozinha enfim só foi os bolinhos de meia (risos), nós primos leal linha de frente e os irmãos monstro estão ficando, então já estamos preparados pra alguma surpresa (risos). Bom a situação aqui é cada dia pior e a hora que explodir, o barato vai ficar loco. Todo dia é túnel pra fugir, ai os passarinhos canta (os filhos da puta cagueta), ai o choque entra. Ontem o choque entrou aqui, sempre daquele jeito fazendo a cena pra nos intimidar, não deixando nós nem olhar pra cara deles em choque nós todos rendidos e eles fazendo a cena,

acharam 1 tunel, (+) não está pronto (risos), estávamos em 450 no raio, acharam outro túnel no raio II, ai tiraram todos do 2, só com a roupa do corpo e colocaram todos juntos com nós ficamos em 700 (+) é assim sempre 1 ajudando o outro. E é isso aí a rotina, Hoje os PMs deram vários tiros de borracha em nós na direção da fila da bóia, vários se jogam, corre, o barato é loco (risos). Mas é nossa cara tentar fugir e a cara dele tentar impedir, é assim vamos, um dia nós consegue né (risos). Te amo D (+).

Os *ninjas* em cima das muralhas não entraram em contato com a imundície do pátio da prisão. A limpeza cedeu lugar à impureza dos dejetos, da sujeira e do lixo, conforme descrevi em momento oportuno⁸⁷. Mas, foi justamente em solo sujo e impuro que a crença na *justiça divina* e o desejo de validarem as leis e os direitos – emergiram como forças. Crenças e desejos estabeleceram uma interlocução com as substâncias e matérias orgânicas que espalhadas pelo pátio e galerias, constituíram verdadeiras fontes de contágio e perigo. Crença e impureza, desejo e contágio estiveram mesclados por meio das seguintes substâncias:

1) A mistura dos corpos. Cansados, mordidos, baleados, castigados, suados... Transpuseram o *corredor polonês* e, em seguida encolheram-se e encostaram-se atrás das costas do companheiro, no canto da quadra de futebol, quase nus. Acuados e rendidos, os presos permaneceram à mercê das decisões da Secretaria, pois não vislumbravam alternativas, senão revivificarem a crença e fé em Deus.

2) O sangue. Esse derramado na galeria significou o risco de contágio para alguns, mas para outros presos foi o testemunho da *luta* e do *sofrimento* empreendido para por fim à opressão, a *humilhação* e aos maus-tratos dos *irmãos* e demais companheiros de *caminhada*.

3) O cheiro. Indescritível. Uma mistura de matéria orgânica em putrefação com produtos de coisas e objetos incinerados; acúmulo de lixo e vazamento de água dos lavatórios e *bois*; substâncias exaladas dos poros e escoriações da pele e mordidas nos corpos. Cheiro de fumaça provido de coisas e objetos queimados. Na ausência de vasos sanitários e papel higiênico, os presos

⁸⁷ Ver subcapítulo 2.2. Lixo Radioativo e Sujeira Radiofônica.

jogaram as fezes através das *ventanas* (buracos) existentes nas paredes dentro dos *bois* e celas que davam para uma área coberta de arbustos e gramíneas.

Na próxima seção apresento como foi o desenrolar da rebelião com a ação dos policiais durante o *choque* e como que os presos enfrentaram esse estado de tensão, de ameaças e de *sofrimento* até o momento da transferência para outras unidades prisionais.

3.2. Castigos, *Sufrimento* e Justiça de Deus.

No final de tarde do dia 13 de abril de 2007, eu vi uma borboleta azul. Sentada no banco de concreto da área de convivência do CR masculino, enquanto os *reeducandos* transitavam de um lado para o outro após mais uma jornada de trabalho, eu observava-os apressados, sujos, fatigados, falantes e esfomeados, pois era o horário em que o jantar era servido. Presenciei esse movimento dos *reeducandos* repetidas vezes, ao longo do período em que estive em campo, mas esse dia me foi peculiar. Não somente em razão de ter sido demitida, mas por ter vivenciado algo que no sistema prisional é tido como um sinal de *liberdade*, ou seja, o vôo de uma borboleta.

Eu estava muito cansada, na verdade, triste. Depois que voltei de férias, senti-me boicotada em diferentes níveis, especialmente no que se referia ao contato corpo a corpo com a *população*. Transcorrido uma semana de trabalho, alguns *reeducandos* que eu havia estabelecido um vínculo de amizade e confiança, meio que à surdina, comunicaram que eu seria demitida. De fato, foi o que aconteceu. Coincidência ou não, mas os presos estavam especialmente mais afetivos e brincalhões comigo em relação aos outros dias. O mais interessante foi que enquanto passavam pela galeria, eles me presenteavam com balas, refrigerantes, doces e até mesmo com café fresco feito no *barraco*.

Enquanto ríamos de uma piada que um deles contara para nós, uma borboleta azul voou pela galeria. Momento esse em que ouço um grito: “Olha a liberdade cantando”. Um, dois, três, cinco ou mais, replicaram: “É a minha!” Porém como se fosse impelida por alguma coisa, eu devolvi: “Essa é a minha”. Dos presos que estavam por ali, todos se calaram e permaneceram cabisbaixos e introspectivos.

* * *

No auto-relato que descrevi acima, além de relatar meu último dia de trabalho no CR masculino, trás inculcado a presença de um elemento carregado de subjetividades, superstições, acasos e misticismos dentro de uma prisão. Durante o período em que estive em campo pude presenciar o *cantar da liberdade* inúmeras vezes, e digo para o leitor, que é um momento incomum. Os presos se agitam, gritam, vibram, batem nas grades, abraçam e brincam com o companheiro de *caminhada*.

Em vias de se tornar um egresso, o futuro homem-livre, corre para o banho. Alguns arrumavam sua mochila, mas a maioria seguia por aquela estradinha⁸⁸ apenas com a roupa do corpo e com algum dinheiro no bolso. Deixavam todos os *pertences* (roupas pessoais, lençóis, cobertores, toalhas, colchão, etc.) aos companheiros de cela ou para os amigos mais íntimos. Eufóricos e extasiados por receberem a notícia de que estavam livres, cumprimentavam todos os técnicos e funcionários da SAP e da ONG, e corriam até a portaria principal.

Alguns iam de táxi, outros de ônibus, com carona de funcionários, a pé e, raramente, com os familiares que vinham buscá-los. No relato seguinte temos um típico dia em que a *liberdade*

⁸⁸ Ver tópico Acessos e Contextualidades.

cantou... Do desânimo se fez o pranto. Do pranto a possibilidade de vislumbrar a rua e ter de volta o aconchego da família.

Vá tomar banho.

Foi um dia assim. Eu tava desanimado, olhando o pátio pensando assim: Acho que eu não vou mais embora. Vou embora só a hora que vencer a pena mesmo. Tava desanimado. Eu tava encostado na grade, e encostou um carcereiro e um investigador pelo lado de dentro: É hoje, hein? Bom se fosse. Não é o juiz já ligou aí... Vamos pro fórum assim que tiver uma vaga (porque antes você tinha que ir pro fórum jurar a condicional, hoje não precisa mais). É sério? É sério pode ir tomar banho e ficar trocado. Me deu uma crise de choro. Fazia 2 anos e meio que eu não via a rua. Sai e corri tomei banho. Fui pro fórum. Cheguei veio o juiz com a minha condicional: Você promete isso... Promete aquilo? E eu tinha mandado uma semana antes, uma carta para juiz, falando que eu não acreditava mais na justiça, porque vi muita gente depois de mim condenado na mesma pena ou uma pena um pouco maior já tinha tido tudo embora, e eu não ia né...

Diferentemente do modo como fora conquistada a *liberdade*, de dentro de um único *raio* da penitenciária, os presos aguardavam pelo *cantar* da *matrícula*. Cercados pelos olhares atentos dos *ninjas* em cima das muralhas, a *população* corria, escondia-se, calava-se e se aquietava enquanto aguardava o *bonde* e orava para saírem do *inferno*. Aqui, não se tratava de conquistar a *liberdade* que os devolveria para a rua, i.é., do direito que os assistiam de ir e vir, mas sim de livrar-se do *sofrimento* de estarem enclausurados por mais de trinta dias de *castigo* sob a opressão e *castigos* por parte dos representantes do Estado.

Diante da falência alegada pelos presos concernente à *justiça dos homens* e eficiência oferecida pela *justiça de Deus*, então, recorreram a essa última tão logo suas forças e esperanças minguaram-se. Momento caracterizado por uma angústia exacerbada, pois não havia mais condições de sobrevivência dado às condições de higiene, superlotação, pressão por parte da Organização dos Estados Americanos (OEA) que exigia uma solução por parte do Estado, etc. Para os presos à *justiça divina* – perfeita e precisa –, livraria os do *sofrimento*, enquanto à *justiça dos*

homens os conduziria à morte, pois os *choques* e os *castigos* dos *ninjas* não cessariam. Logo tinham que dominar a *mente* a fim de enfrentarem os perigos de serem baleados, feridos, etc. Ou seja, para alcançarem a *paz* precisaram transpor o *sofrimento* que fora engenhado pelas mãos dos *homens de justiça*. Mantiveram-se *firmes e fortes* e resistiram ao peso sufocante dos aparatos de poder, i.é., os *castigos*, as humilhações, os cacos de vidros, o frio, a fome, as bombas... Enfim permaneceram inertes, apáticos e complacentes, pois o submeter-se e sujeitar-se aos *castigos* seria o único caminho rumo à *liberdade*.

De acordo com Strathern & Stewart (2008), o sacrifício⁸⁹ é considerado frequentemente, como um dos atos centrais nos rituais religiosos porque constitui em um meio capaz de fazer os homens comunicarem com espíritos e divindades que vêm como tendo poder sobre suas vidas. Acrescenta-se a isso as invocações ou as orações faladas como outro modo de comunicação, mas que, frequentemente, andam juntas e não se encontram separadas do sacrifício.

Seguindo com o pensamento desses antropólogos, o sacrifício pode ser visto sob dois ângulos. Primeiro, na visão clássica, o sacrifício envolveria a tomada ritual da vida de um ser vivo para que fosse dedicado a uma divindade ou espírito. A matança de tal ser representaria um tipo de destruição ou despesa do seu valor de capital no interesse de representar seu corpo e força vital para o mundo do poder espiritual (p: xiii). Acredito que no subcapítulo 2.4, O Banquete do PCC, contribui parcialmente ao tecer frágeis considerações sobre como os *traidores* do PCC ao serem sacrificados inculcaram na *mente* dos presos, a memória viva do princípio da *não-traição* e lealdade ao *Partido*.

No seu sentido específico, o sacrifício referia-se a uma oferta material de algum tipo a uma entidade espiritual. Essa oferta, a princípio podia ser de qualquer tipo, no entanto, deveria possuir

⁸⁹ Esclareço para o leitor que sacrifício e sofrimento não são tomados nesta etnografia como termos equivalentes. Na verdade, o termo sacrifício é aqui utilizado como esforço analítico para se pensar o *sofrimento* como algo intrínseco a *caminhada*. O estar no *sofrimento* (no *veneno*) seria responsável por gerar no indivíduo encarcerado a vivência da dor, da humilhação e condições desumanas como necessárias para sua conversão em um indivíduo que crê na *justiça de Deus* e luta em prol do PCC.

algo de valor, ou seja, ser algo comestível como frutas ou legumes, carne ou peixe ou vinho. Ora, o que o leitor me diria sobre o fato da *população* permanecer dias e noites, e submeter-se a todo tipo de *humilhação* e condições desumanas? O que estava sendo consumido senão o próprio corpo e produtos derivados?

Como apontei acima, o meu trabalho de campo direcionou-me para esses dois vieses, ou seja, que havia dois tipos de vítimas, a maldita e a expiatória, no sacrifício. Detenho-me na segunda vítima a fim de revelar o que estaria subjacente no estado de *sofrimento*. Em outras palavras, que força mobilizou a *população* para o *sofrimento*? Seria o *sofrimento* uma via de acesso a Deus para redenção e obtenção do perdão divino? Uma forma de expiar a culpa pelos delitos? Com a análise dos dados de campo, o ponto de partida para elucidar essas questões, foi verificar que o *sofrimento* que a *população* esteve imposta mediante os *castigos* dos *ninjas* teve sua face útil e positiva, pelas seguintes razões que aponto, a seguir:

1ª. O *sofrimento* os desindividualizou e misturou as relações entre os presos e, conseqüentemente, conduziu às novas conexões, íntimas e significantes, ou seja, se antes eles estavam dispostos em quatro *raios* da penitenciária, agora, estavam todos embolados em um único *raio*. Isso engendrou a mistura, conseqüentemente, novos laços, novas lealdades, novas amizades.

2ª. O *sofrimento* potencializou a expressão dos sentimentos nostálgicos, saudosistas e melancólicos em razão de ter despertado a lembrança da vida que tinham outrora com suas esposas, filhos e familiares. Conectados ao sentimento do *amor eterno*, refletiam na própria vida e projetavam novas perspectivas vindouras. Além disso, por meio dos *jumbos* e dos *sedex*, mulheres e familiares, se envolveram e se sacrificaram em prol dos presos.

A seguir, apresento um trecho de como a nostalgia apareceu nas missivas trocadas entre os presos e suas companheiras. Na verdade, o preso colocou em poucas linhas alguns fragmentos de sua vida passada, um *flashback*, concomitantemente, a uma projeção de futuro para ambos.

P.S : Amo Você.

Olha, durante todo esse tempo pensei muito em você um filme passou em minha cabeça, lembrei dos tempos de escola, da construção (risos), da sua gravidez que você comia aquele feijão velho, dos nossos momentos íntimos, que saudades. Não se preocupe que teremos muito mas muito tempo para por tudo em dia (risos). Agora passar o resto dos dias com você, acho que não vai dar, pois Adriano velho, razinza, rabugento e você com seu gênio nós vamos acabar nos destruindo (risos). Se estou sofrendo hoje e para sorrir amanhã e não precisa fazer nada apenas me escreva. Deus sabe o que faz. Fique com Deus e que Deus te abençoes e te ilumine. Milhões de beijos. P.S. Pensou que eu estivesse esquecido?... Amo você!

3ª. O *sofrimento* interligou os presos entre si pela ideia iminente de morte. Alguns atribuíram o fato de terem saído ilesos da rebelião pelo fator sorte, pela crença na *justiça divina* e por agirem na *paz*. Na verdade, eles se consideraram sagazes ao usarem da *inteligência* para enfrentar a retaliação policial. Ficaram na *paz*, quietos e encorujados como uma forma *inteligente* de se prostrar, de se acovardar e de se submeter. Afinal, revidar com mais violência e agressividade implicaria em mais *castigos* e *sofrimento*, logo, a atitude mais cabível e sagaz foi a de manterem a *mente firme e forte* para saírem do *inferno*.

No trecho seguinte podemos identificar a presença de um componente espiritual, ou seja, de uma força – a crença em Deus –, como o atributo fundamental para que não fossem feridos ou espancados pelos *ninjas*.

Foi só por Deus mesmo.

Gata eu já te falei o que eu queria te falar, agora quero que você saiba que comigo está tudo bem, não me machuquei, não tive se quer nenhum aranhão gatinha dessa vez o barato foi louco eu não sei como eu consegui sair sem nenhum ferimento foi só por Deus mesmo, por que quase 70% da população foi baleado ou espancado pelos PM, graças a Deus a mim nada aconteceu, a minha saúde está ótima, e agradeço pela sua preocupação, mas agora você já sabe que eu estou bem, quero que não se preocupe mais, porque isso pra mim, está sendo apenas uma lição de vida, e que cada vez mais eu estou ficando mais revoltado.

Permanecer em estado de *paz* implicou de acordo com o ponto de vista dos presos, agirem na *inteligência*, na *sabedoria* como um modo consciente de saírem das opressões, do *inferno*. Na verdade, isso me remeteu a uma ideia de racionalidade, pois condensou aspectos de ordem cognitiva e comportamental como uma maneira eficaz de vencerem os obstáculos e os perigos.

Agimos na Paz

Amorção gostaria de saber o que esta acontecendo contigo pois ate este escato momento não obtive noticias sua, pois já escrevi varias cartas para você, e não recebi retorno, compreendo que quando eu me encontrava em Presidente Venceslau os funcionarios estavam dando perdido nas cartas, por motivos de nois estar de obiservação pois a secretaria nos jogou la alegando que nos éramos perigosos, mas não tem nada a ver com o que eles estão pensando de nos, pois somos seres humanos gostamos da paz, a secretaria chegou a nos deixar até passarmos fome, comendo pão e água por doze dias, depois pagaram boia normal com cacos de vidros a intenções deles eram de nos matarmos de um jeito ou do outro, eu de fome, ou fazer igual fizeram no massacre do carandiru, mas somos mentes firmes e todos mentes pensantes agirmos na inteligencia e na sabedoria e ficamos todos na paz até que conseguimos sair daquele lugar horrivel, ao mesmo tempo ficamos contenti por estar saindo daquelas opressões por parte da secretaria, e ao mesmo tempo ficamos triste por varios queridos nossos ter ficado naquele lugar desumano, agora eu me encontro em Lavinia aqui esta mais suave mais esta difícil porque não tem espaço é penitenciaria modelo novo igual a uma C. D. P oito raios todos pequenos, para nos que vem tirando uns dias fica difícil sem te contar que não vou receber visitas por motivos da distancia, aqui é dobradinha e meu pessoal não podí pousar na pensão, por causa que tem crianças pequenas em casa e eles não ficam sem a minha mãe, esta vida que vivemos não é fácil mas somos guerreiros e vamos vencer todos os obstáculos.

Contudo, apesar das orações e dos pedidos de clemência, os presos estiveram provisoriamente nas *mãos dos homens*, razão pela qual o que outrora lhes causaria mal-estar, desespero e aflição, agora, no *sufrimento*, passou a ser algo desejado, almejado e esperado, ou seja, os *bondes*. Enquanto aguardavam pelo *cantar da matrícula*, enunciados bíblicos foram verbalizados e/ou escritos como forças de resistência capazes de reanimarem os ânimos e desejos de *liberdade*.

Os presos não demonstraram esmorecimento diante dos *castigos* e *sufrimento*, pois Deus era justo e os livraria da morte. Essa é a temática do último subcapítulo desta etnografia.

3.3. Os Bondes da Liberdade

Até o presente momento transcrevi de maneira difusa pelo corpo do texto citações bíblicas, referências cristãs, enunciados religiosos, mas não conteúdos evangélicos. Na verdade enfatizei a presença dos discursos de religiosidade, independentemente, se fosse operado por cristãos ou evangélicos, pois não objetivei fazer uma análise de práticas evangélicas, cristãs ou espíritas dentro da prisão. Afinal de contas, o trabalho de campo indicou a presença de discursos cristãos, evangélicos e kardecistas, ou seja, uma mistura de princípios religiosos que foram aceitos por todos – como verdadeiros e legítimos meios –, para se alcançarem tanto a *paz* como a vida, a felicidade e a *liberdade*, independentemente, da mistura de vocábulos, sons e palavras.

Observei que todas as cartas escritas pelos presos faziam referência ao poder divino no tocante à sua força e eficácia na verdadeira e legítima defesa daqueles que se sentiam injustiçados, malogrados e esquecidos pelo Estado. Além disso, constatei que os presos, opunham a *justiça dos homens* da *justiça divina* ao considerarem que só se libertariam do *sofrimento* e adquiririam a *liberdade* quando entregassem suas vidas a Deus. Sublimaram a dor e o *sofrimento* como uma passagem inerente à *caminhada* e que deviam transpô-la sem curvarem-se às leis dos homens opressores.

Contudo não podemos nos esquecer que na rebelião prisional, coexistiu a fé em Deus e a solidariedade ao PCC e que os enunciados religiosos foram usados como palavras de resistência, principalmente, quando adotaram Deus como o único provido de poder e justiça capaz de concretizar a tão aguardada *liberdade*.

Assim, das cartas obtidas em campo separei em torno de quinze folhas escritas por um preso evangélico desde o início da rebelião até a espera do *bonde*. Sua esposa Luiza, trabalhava na cozinha do CR feminino e havia sido presa junto com seu esposo Pedro, por tráfico de

entorpecentes. Recordo-me que durante uma conversa informal contou-me que seu esposo converteu-se evangélico após ter sido condenado e, que intensificou sua devoção quando soube que era portador do vírus HIV.

Devido ao extenso conteúdo, sobretudo pela letra incompreensível de Pedro e exaustiva repetição de palavras como “querida”, “paz de Deus” e “Senhor”, aglutinei-o em uma única carta que transcrevo, abaixo:

Deus está na Prisão.

Querida, a Paz de Deus. Querida tudo bem? Desfrutando de bastante paz e saúde. Sabe o que tem mais aqui? Baratas, ratos, pernilongos. Nuvens de Pernilongos. Isso tem que acabar uma hora em nome do Senhor. Jesus é a Luz, o Caminho e a Salvação. Os irmãos da igreja vêm falar comigo. Recebi ontem as coisas que a Mara mandou. Fui lá na frente pegar. Gostei do pessoal, dei balas a eles querida. São bons, educados não sei por que não gostam deles. Eu gosto de todos. Li a palavra que me mandou e cantei o santo hino. Querida quando estiver trabalhando cante hinos. Louve o nome do Senhor quando estiveres triste, ajoelhe-se perante o Senhor. Nossa vitória pelo nosso eterno amor testemunharemos na casa do Senhor para todos olharem e guardarem em seus corações. Ainda vou ver meus meninos servindo o Senhor. Fiquem em paz querida os anjos são nossos. Não se entregue na angústia e aflição sei que tem o dom de Deus de envergonhar o inimigo. Se sabe que ele é sujo, imundo e com nosso Senhor ele não pode. Os ratos, as baratas e os pernilongos terão que se acostumarem comigo querida, pois eles não me importunam enquanto todos pelejam contra eles nada tenho contra eles. Um homem em paz de tudo já vi nessa vida tudo testemunhei na casa dos justos, na casa do meu Pai ainda que ande na sombra do vale da morte não temerei pois o Senhor serás comigo. Querida é só ficar em paz. Aqui a noite dorme todos no pátio parece até um campo de concentração querida pai Ritlher + o Senhor está aqui também querida. Querida perdi todos os meus pertences aqui virou um campo de guerra que vida + se Deus quizer vai aver paz e entendimento entre os homens. Querida nem só de pão vive o homem, mas sinto fome, frio e cede. Já chegamos ficar sem água para beber querida sem comida sem algo para se cobrir + no frio o Senhor foi meu manto. Quando o chók entrou pela 2ª vez que estávamos na penitenciária estava eu e + uns em um cumbiculo chegaram com escudos e dando tiros querida jogando bombas e dando cacetadas então ficaram pelados e deitados no chão. As paredes cravadas de balas e o incêndio toma conta de tudo querida. Deitei-me em um monte de merdas para não morrer querida. Meu hinário ficou para traz como minha Bíblia, fotos e tudo + querida só não perdi a vida + vi muitos caírem e não levantarem +. Estava eu como sempre em paz em ½ a tempestade com o Senhor dos Exércitos ao meu lado querida. Sou da Paz e não Guerreiro querida + meus irmãos sim + uls pocos eles estão se convertendo o Senhor converte os + remotos corações. Estava eu hoje fazendo barba dos idosos quando do nada veio uma chuva de balas e tiros. Querida as balas passaram a meu lado e a nosso lado do Senhor dos Exércitos + uma vez ele me guardou + alguns foram alvejados e atingidos. Um levou um tiro perto do olho e ficou mau + outros não

tiveram tantas gratidades + foram atingidos. Como sempre eu sou da paz e estou em paz. A questão de fazer as barbas é que temos que ser solidários. O Senhor ensina. Não sou simpático e não pago simpatia faço de coração. Aqui dizem que sou um homem de coração bom. Temos que ser bons não importa o lugar que nos encontramos mesmo ½ tempestades temos que sermos bons. Plante o bem e receba o bem. O cheiro de pólvora + prefiro as rosas querida. Esteja sempre com o Senhor que não importa o lugar ou a hora devemos estar preparados no dia em que o Senhor me recolher quero estar ao lado do Senhor querida. Hoje pagaram as sacolas que estavam retidas lá na frente então já ganhei folhas e vai acabar com o caus de canetas e envelopes. Ganhei cigarros um maço e sabonete. Amanhã cedo o choque vai entrar aqui para separar o povo. Pode ter bonde, mas não fique triste e não chore continue suas atividades onde eu estiver estarei com você e meus filhos. Meu Senhor e meu coração não se deixam abalar por nada.

A carta supracitada acrescida de várias outras linhas que fizeram referência a Deus, presentes em outras missivas, me possibilitou uma segunda via para verificar a que funções se prestaram às orações naquele contexto de *sofrimento*. De fato foi por meio das orações que os presos agiram e pensaram.

A oração é uma palavra. Ora, a linguagem é um movimento que tem uma meta e um efeito; no fundo, é sempre um instrumento de ação. Mas age exprimindo idéias, sentimentos que as palavras traduzem externamente e substantivam. Falar é ao mesmo tempo, agir e pensar: eis porque a prece depende, ao mesmo tempo, da crença e do culto (...). Toda prece é um ato que implica um esforço, um dispêndio de energia física e moral com vistas à produção de certos efeitos. Mesmo quando é totalmente mental, quando nenhuma palavra é pronunciada, quando todo o gesto é quase abolido, ainda é um movimento, uma atitude da alma. (Marcel Mauss: 1999: pp. 230 – 269).

A maioria das cartas que aqui foram transcritas, continham referência ao poder da fé na crença que o Senhor saciaria seus desejos por *liberdade*. E a oração foi precisamente um canal de comunicação e força dada sua eficácia em por em movimento os corpos que estavam à mercê das decisões da Secretaria e dos *vermes*, ou seja, dos policiais.

A partir do momento em que os *bondes* foram acionados para transferirem os presos, a rebelião tornou-se algo relacionado mais às atitudes da alma e do espírito do que, propriamente, do corpo. Os pedidos de ajuda mobilizaram por meio das cartas escritas, esposas e parentes que

complacentes ao *sofrimento* alheio, buscaram uma alternativa de amenizá-lo. Vê-se, então, como que as palavras escritas numa folha de papel causaram um efeito positivo, simplesmente, por serem dotadas de força “porque a oração só age pela palavra e a palavra é o que há de mais formal no mundo” (Mauss: 1999: 249).

Os presos oraram a Deus por sua salvação e liberdade, pois só Ele seria capaz de livrá-los do mal e da morte. Com isso a oração incorporou-se como parte integrante da rebelião, pois expressou às pulsões retidas no pensamento dos presos. Os desejos mais íntimos vieram à tona por almejem e creditarem ao Senhor à salvação coletiva. Assim sendo, se a rebelião comportou uma força especial de resistência, acredito que outras forças *sui generis* também colaboraram para o resultado final como as orações, as substâncias do e no corpo e, evidentemente, o *sofrimento*.

Enfim, a oração foi antes de tudo uma maneira de agir sobre os corpos dos presos; esses foram ressuscitados e reedificados pela crença e fé, pois o sacrifício suscitou metamorfoses e mudança social. A crença no poder de Deus produziu como efeito à expectativa de alcançarem à graça de saírem do *inferno* e do *sofrimento*, pois ambos causariam (ou causaram) significativos danos mentais e físicos, conscientes ou não, na alma e no corpo do preso.

Assim restavam-nos esperar... Esperar o *canto da liberdade*... Todos embotados no pátio aguardavam pelo *cantar* da matrícula. Não restava muito por fazer, apenas manterem-se em comunhão com Deus e proferirem orações. O *sofrimento* apartou-se dos corpos e abrigou-se na espera amarga e insone pelo *cantar do bonde* – é o que se lê no trecho da próxima missiva:

Não Canta a Minha

Amor, todo dia levanto 3 horas da manha pra vê, as matriculas do bonde (risos) e não canta a minha, eu preferia ficar na penita aqui, por ser (+) fácil em tudo, mas se for pra ficar na situação que nós se encontra, rezo todos os dias pra cantar o meu bonde, porque só está ficando os monstrão (risos) e os zicas, então a hora que sobrar só nós vamos apanhar D(+). Ai os (I) [irmãos] que foi pro LAUS, [Presidente Venceslau] o que chegou melhor chegou com 1 braço quebrado e faltando dente. É verdade não é brincadeira não.

Alguns presos foram alçados por meio de cordas, outros quase-nus em forma de trenzinho e assim, pouco a pouco, os presos foram descongestionando o pátio na aurora dos sucessivos dias. Tinham a falsa esperança de que para onde estivessem indo ao menos teriam os processos julgados com mais eficácia e rapidez, logo, não tardariam para *ganharem às pistas*⁹⁰, novamente.

Os *bondes* seguiram por diferentes rotas como a penitenciária de Lucélia, Lavínia, Mirandópolis, Junqueirópolis, dentre outras. Agradeciam a Deus por estarem vivos, afinal os *ninjas* com suas bombas de efeito moral, tiros de balas de borracha, cassetetes e cachorros queriam matá-los. Segundo eles também correram riscos de vida quando compartilharam do mesmo pátio sem assepsia, das mesmas substâncias e fluidos dos corpos feridos, doentes e sujos, enfim do mesmo *sofrimento*.

Na verdade o que os presos vivenciaram durante o processo da rebelião prisional, configurou como um estado virtual da ideia de morte. Ao comunicarem que estavam à mercê do perigo e da morte para suas esposas ou amásias, acabaram por legitimar para si próprios a condição de fiéis e solidários *guerreiros* que superaram os obstáculos, os *choques*, os *castigos* e continuaram na *caminhada*.

Concluo que os *choques* conferiram aos corpos verdadeiros estados de estupor de tal modo a não imporem resistências, conseguinte o estado de morbidez espalhou-se, lentamente. Fracos, oprimidos e *humilhados* restavam-nos aguardarem pelos *bondes*. Em síntese, antes de sucumbirem-se ou de serem engolfadas a esperança, a fé e o espírito de luta, a *matrícula cantou*... E os corpos renasceram e se metamorfosearam nas asas de uma borboleta.

⁹⁰ Rua na concepção nativa. Também denominado de *Mundão*.

Considerações Finais

Nesta etnografia procurei mostrar como a inserção em campo nos Centros de Ressocialização, possibilitou-me acesso nas cadeias públicas e no complexo penitenciário – típicas *faculdades* do PCC. Descrevi como foram definidas e construídas as relações entre presos e policiais no interior dessa penitenciária, a qual foi palco de uma rebelião prisional que iniciou-se em maio de 2006 e, seguiu-se até meados do mês de agosto do corrente ano. Como se pôde ver, não tive a intenção de explicá-la em sua totalidade, mas de revelar por meio da análise antropológica, que, sorrateiramente, corpos solidários e disciplinados pelas regras internas de *convívio* na prisão, consumiram e produziram outros corpos, substâncias e fluidos capazes de configurar a existência de um “eu coletivo”, ou seja, o Primeiro Comando da Capital (PCC).

Antes de explicar o processo da rebelião em si, foi necessário esmiuçar como a dinâmica interna da prisão encontrava-se controlada, fiscalizada e administrada por atores políticos como os *irmãos*, os *primos*, os *pilotos* e os *faxinas*. Especialmente, como estabeleciam seus vínculos sociais com os dissidentes do *Partido*, ou seja, os *coisas* e os *traidores*. O que o meu trabalho de campo apontou foi que, a *oposição* – formada pelos corpos dos *traidores*, *caguetas* e *coisas* –, deviam ser sacrificados em prol do *Partido*.

Vimos neste trabalho que a *luta* empreendida pelo PCC, também contou com uma força externa representada pela família e pelas *rainhas* às quais nutriram seus entes queridos com *jumbos*, força, ânimo, esperança e *amor eterno*. Aqui, por diversas vezes, transcrevi trechos ou missivas inteiras com o intuito de exemplificar ao leitor como os presos expressaram suas tensões, suas angústias, suas indignações e seus medos. Além disso, por meio das cartas solicitaram para suas esposas ou amásias que produtos de higiene, de gênero alimentício e de vestuário, por exemplo, necessitavam. E, assim seguiram na *caminhada*...

A princípio para um pesquisador desavisado, a rebelião cessaria com aquele *Salve Geral* de *LH*. Mas, não foi o que pude aferir por meio do meu trabalho de campo, pois se os presos (todos

eles), direta ou indiretamente, exibiram diferentemente sua revolta ao inferir golpes, atear fogo, armar barricadas, entoar gritos, timbrar vozes, gesticular, etc., conferindo homogeneidades dissonantes, não tardou para que fossem *castigados*, humilhados e *esculachados* por aqueles que representavam o poder estatal, ou seja, os policiais, os *ninjas*.

De fato, eu só pude encontrar uma via de inteligibilidade para explicar o processo da rebelião prisional, quando extrai dos dados de campo, o modo como eram realizadas as *blitzes* policiais. Tinha a convicção que a rebelião prisional não se resumia apenas a uma força de resistência sob a forma de algo compacto, por inferir que os comportamentos simétricos e emocionais dos presos nos revelariam algo mais do que apenas negatividade ou perigo.

Como mostrei nesta etnografia, a rebelião prisional como um ritual simétrico – complementar se diluiu na fumaça, no fogo, na sujeira, na indocilidade dos corpos, no cheiro, na impenetrabilidade das *mentes firmes e fortes*, nas orações e nas cartas de amor e de *luta*. No processo da rebelião prisional, tivemos a fabricação de um corpo distributivamente coletivo, pois não se tratou de uma massa homogênea e tampouco de uma malha de homens in(conscientes) e individualizados. O *sofrimento igualou* os sentimentos, os desejos e as crenças, afinal estavam todos na mesma *caminhada*. Em outras palavras, enquanto os presos produziram-se uns aos outros, os policiais os atualizaram seja no *corredor polonês*, na vigia por cima das muralhas, na imundície do pátio, nas borrachadas dos cassetetes, nas mordidas dos cães, etc.

Os presos foram certamente atores políticos assim como os policiais; mas os primeiros não seriam eficazes sem os últimos, portanto, a rebelião somente se mostrou eficaz enquanto perduraram os *castigos dos ninjas*. Tanto os presos como os policiais pertenceram, cada um a sua maneira, ao mesmo universo de leis e códigos que os construíram e os modelaram com o propósito de os transformarem em leais *guerreiros* que *caminharam* em prol de novas conquistas, novos

territórios. Ou ainda, como *ninjas* que visaram a todo custo se apoderar e aniquilar aqueles que perturbaram a ordem e ameaçaram o poder estatal.

Na rebelião prisional tanto o preso como o policial se nutriram, pois produziram e consumiram os produtos resultantes de suas próprias relações. Porém, nesse caso em especial ocorreu o inverso, em decorrência dessa relação ser constituída à imagem e semelhança do outro. Pois, como procurei mostrar, o preso foi coisificado pelo policial, e vice-versa, pois os presos estiveram em contínua instabilidade seja pelo estado de dispersão promovido pelos *choques* com seus cachorros e helicóptero da PM, seja pelas bombas dos *ninjas* nas muralhas e pelo movimento de transferência dos *bondes*.

Neste sentido, a rebelião como um ritual que primou pela *Igualdade* entre os desiguais e fortalecimento do PCC, só pôde alcançar sua eficácia mediante as relações constituídas – dentro de uma arena política em perpétuo desequilíbrio –, entre preso e policial. Conforme mostrei ao longo desta dissertação, os presos espalharam o ódio, a vingança e revolta; o que, às vezes, os inundaram para seu próprio consumo, prazer e sobrevivência. Os corpos foram as máquinas cujos produtos (as substâncias) e forças (crença e desejo) – resultantes de seus pensamentos e vontades, com suas combinações recíprocas e simétricas –, transpuseram o *sofrimento*.

A rebelião caracterizou-se por ser fonte de amortecimento e rejuvenescimento, pois condensou a transmutação dos corpos dóceis e transigíveis em corpos rebeldes e inegociáveis. Desse modo, o que a princípio seria visto como produtos de algo inferior, os corpos dos presos, tornaram os principais fatores de propulsão do PCC, ou seja, esse conquistou novas territorialidades, membros foram filiados, etc. Em outras palavras, os verdadeiros atores foram os presos que dizemos ser infinitesimais, liminóides ou perigosos.

Disso resultou a sagacidade dos presos em se *juntarem* e se *misturarem* que, a meu ver, pôde ser traduzido como o ápice da crença e da *inteligência*, pois quando o *clímax* da rebelião atingiu a

Igualdade, a homogeneidade e a coesão preteridas, o desejo de *luta* foi consumido e a rebelião se desfez. Por meio do *sofrimento*, os presos condensaram suas crenças na *justiça divina* e almejavam a *liberdade* de várias maneiras diferentes. Afinal de contas, tão logo cessou a balbúrdia, resplandeceu na atmosfera prisional, a *justiça divina*. Superarem o *sofrimento* por meio das crenças e das orações que *os igualaram* quando de suas bocas e mãos foram emitidos e escritos pedidos de ajuda às esposas e familiares, sobretudo, a Deus. Embora cada preso procurasse fazer seu *corre*, a união e a solidariedade revelaram-se pela crença no poder divino e pelo desejo de *luta* em prol do *Partido*.

A *liberdade* esteve presente em cada um dos presos enquadrados que almejavam sair do *inferno*, por isso mantiveram-se *firmes e fortes* contra tudo e todos que se esforçavam por dissolvê-los, sobretudo, o legislador dos homens. Mas, como não pereceram? Como tentei mostrar, no universo prisional coexistiram a *disciplina do Partido* que acoplada a *justiça divina* e *amor eterno* das *rainhas*, foram capazes de abrir verdadeiras fendas de esperança e fé. Algo que do meu ponto de vista foi vital para a consolidação e expansão do PCC, pois fizeram dos próprios cacos de vidros, latidos, frio, escassez e *sofrimento* autênticos instrumentos de resistência e de *luta*.

Os presos executaram movimentos simétricos, saciaram os apetites do PCC e se mobilizaram em prol dos *irmãos* ao usarem da *inteligência* tanto para *lutarem* como para encolherem-se num canto da penitenciária durante os *choques*. Evidentemente, um único preso não realizaria toda essa pródiga rebelião como muitos queriam creditar a Marcola à responsabilidade direta pelos “ataques do PCC”. Como procurei demonstrar no contexto prisional temos laços de amizade e nódulos de inimizade, uma vez que as relações tecidas entre presos (*guerreiros*) e policiais (*ninjas*), ou seja, entre PCC e Estado, esteve marcada pelo seu caráter situacional, momentâneo e transitório. De acordo com a análise e observação do campo, a rebelião foi agenciada pelos comportamentos ritualizados dos presos.

Prodigalidade e frivolidade foram as duas características mais marcantes do como se constituíram as relações de trocas e favores sem nos esquecer das perdas, gastos e sobras decorrentes desse processo. Além da circunstancialidade e brevidade das relações entre esses dois pólos contrários, presos e policiais, o campo apontou como ambos foram se constituindo a imagem e semelhança do outro; ou seja, o contexto prisional oscilava entre a paz e a *luta*. Em outras palavras, no interior da penitenciária coexistiram conflitos e equilíbrios.

Com a teoria da cismogênese simétrica e complementar de Bateson (2008), vimos que esses processos causadores de desordem, perigo e embates, faziam parte de um estado *continuum* caracterizado pela presença de caracteres opostos, porém complementares. Pois, de acordo com Bateson, os padrões simétricos de comportamentos promoviam uma mudança progressiva, por isso se fez necessário explicar porque essa mudança progressiva não acarretou a dissolução da coletividade.

Coube a mim analisar e aos presos e policiais agenciariam um ritual que pôs em comunicação e em circulação o *ideal* de *luta* do PCC, os fluxos de objetos e mensagens escritas (missivas), expectativas econômicas e políticas. Em síntese, um ritual de agregação e desagregação, *vis-à-vis* de todo um coletivo com o intuito de equilibrá-lo, compensá-lo e controlar as relações entre presos e policiais, que caso não fossem contrabalanceadas, tenderiam ao cisma. A rebelião fortaleceu os laços de amizade e de solidariedade ao *Partido*, impedindo a cisão da coletividade que fora evitada por meio dos corpos dos *guerreiros*, ou seja, a coesão foi fabricada e metamorfoseada na tessitura das redes e relações sociais.

Por fim, resta apenas dizer que nesta etnografia, descrevi quais foram as minhas percepções subjetivas nessas unidades prisionais, em especial, sobre o transpor das grades, galerias e olhares estritamente masculinos. Na verdade, tratou-se de uma etnografia polifônica, porém sob o léxico antropológico de quem esteve entre centenas de homens e compartilhou da aurora e do crepúsculo,

do sol e da chuva, do céu e do *inferno* que coexistiram em duas dimensões que ora se contrapunham, ora se complementavam, ou seja, a liberdade da vida e a morte do aprisionamento.

Isso seria tudo? Acredito que não. Falta-nos conhecer um pouco mais, uma vez que esta etnografia não teve a pretensão de esgotar em sua completude tal temática sobre quanto custou para esses homens e mulheres errantes se *juntarem* e se *misturarem* no plasma contagioso e impuro da prisão, e, seguirem titubeando, idolatrando e *caminhando* em torno de algo que outrora fora construído e que continuará sendo sustentado pelos próprios corpos e *mentes* dessa *população* – o Primeiro Comando da Capital.

Referências Bibliográficas

Barbosa, Antônio Rafael (1998). *Um Abraço para todos os amigos: algumas considerações sobre o tráfico de drogas no Rio de Janeiro*. Niterói: EDUFF.

Barnard, Alan & Jonathan Spencer (2002). *Encyclopedia of Social and Cultural Anthropology*. Londres/Nova Iorque: Routledge.

Bataille, Georges (1975). *A Parte Maldita*. Ed. Imago, Rio de Janeiro.

Bateson, Gregory (2008). *Naven: um exame dos problemas sugeridos por um retrato compósito da cultura de uma tribo da Nova Guiné, desenhado a partir de três perspectivas*. São Paulo: EDUSP.

Biondi, Karina (2009). *Junto e Misturado: Imanência e Transcendência no PCC*. Dissertação de Mestrado. UFSCar.

_____ (2006). “Tecendo as tramas do significado: As facções prisionais enquanto organizações fundantes de padrões sociais”. In: Grossi, M. P., Heilborn, M. L., Machado, L. Z. *Antropologia e Direitos Humanos 4*. Florianópolis: Nova Letra, p. 303-350.

_____ (2007). Relatos de uma rebelião: a faceta representativa do PCC. In: *VII Reunião de Antropologia do Mercosul*. Porto Alegre. CD-ROM VII Reunião de Antropologia do Mercosul, v. 1.

Blazquez, Gustavo (1996). Naven ou le donner à voir: essai d'interprétation de l'action rituelle. *Mana* [online], vol.2, n.2, pp. 197-199.

Chaves, Christiane de Alencar (2000). *A Marcha nacional dos sem-terra: um estudo sobre a fabricação do social*. RJ. Relume Dumará. UFRJ. Núcleo de Antropologia Política.

Clastres, Pierre (1982 [2004]). *Arqueologia da Violência*. São Paulo, Brasiliense.

Douglas, Mary (1991) [1966]. *Pureza e Perigo*. Lisboa: Edições 70.

Favret-Saada, Jeanne (2005). “'Ser afetado', de Jeanne Favret-Saada”. Tradução de Paula Siqueira. *Cadernos de Campo*. n. 13, p. 155-161.

Foucault, M (2005 [1977]). *Vigiar e Punir: nascimento das prisões*. Petrópolis, Ed. Vozes.

_____ (1985 [1979]). *A Microfísica do Poder*. Ed. Rio de Janeiro: Graal.

_____ (2006). *Ditos e Escritos*. Vol. IV. Estratégia, Poder - Saber. Rio de Janeiro: Forense Universitária.

Gluckman, Max (1958). *Analysis of a Social Situation in Modern Zululand*. Manchester: Manchester University Press.

_____ (1963). *Order and Rebellion in Tribal Africa*. London: Cohen & West.

Goffman, Erving (1974). *Manicômios, Prisões e Conventos*. São Paulo: Perspectiva.

Leach, Edmund (1996). *Sistema Político da Alta Birmânia*. Edusp.

Mauss, Marcel (2003). Efeito físico no indivíduo da idéia de morte sugerida pela coletividade. In: *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac Naif, p.345-365.

_____ (1974 [1923-24]) “Ensaio sobre a Dádiva - forma e razão da troca nas sociedades arcaicas”, In: *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: EPU/Edusp.

_____ (1999) [1968]. A Prece. *Ensaio de Sociologia*. São Paulo: Perspectiva.

Turner, Victor (2005) [1967]. *Floresta dos símbolos: aspectos do ritual Ndembu*. Niterói: EdUFF, 488 p.

_____ (1968). *The drums of affliction: a study of religious processes among the Ndembu of Zambia*. Oxford: Oxford University Press, 326 p.

_____ (1975). *Dramas, Fields, and Metaphors: Symbolic Action in Human Society*. Ithaca, NY: Cornell University.

_____ (1996) [1957]. *Schism and continuity in an African society*. Manchester: Manchester [University Press]. 348 p.

_____ (1974) [1969]. *O processo ritual: estrutura e anti-estrutura*. Petrópolis: Vozes, 248 p.

Viveiros de Castro, Eduardo B (2002). *A Inconstância da Alma Selvagem e Outros Ensaio de Antropologia*. São Paulo: Cosac & Naify. 552 pp.

_____ (1979) A fabricação do corpo na sociedade xinguana. Rio de Janeiro: *Boletim Museu Nacional*, n° 32.

Weiner, Annette B (1992). *Inalienable Possessions. The Paradox of Keeping- While-Giving*. University of California Press.

Wolf, Eric R. (1969). *Peasant Wars of the Twentieth Century*. New York, Harper & Row.

Apêndice das Regras de *Convívio*

Regras de convívio nas *faculdades* do PCC

Compartilhar seus pertences com companheiros de cela.

Fazer doações para quem não recebe visitas.

Respeitar as seqüências (do banho, da comida).

Não falar palavrões ou palavras de baixo calão.

Pedir licença ao entrar na cela ou ao descer da parte de cima do beliche.

São proibidos cultos não cristãos.

Não usar a Igreja como escudo. Cada preso deve ter o seu Proceder.

Respeitar integralmente as visitas.

Respeitar o preso na presença da visita dele.

Respeitar e ouvir quem está preso a mais tempo.

Não se envolver em discussões.

Nunca chamar alguém para briga.

Nunca agredir ninguém.

Não contar para a visita certas coisas que acontecem na cadeia.

Seguir as normas e colaborar com a organização prisional que orienta as ações da prisão.

Não conversar com funcionários da instituição.

Não roubar nada de outro preso.

Não comer a cota da comida de outro preso.

Não explorar outro preso.

Pagar as dívidas contraídas.

Nunca falar mal de alguém que não está presente.

Não se referir a ninguém com qualquer palavra deselegante.

Não mentir para preso e falar sempre toda a verdade.

Não divulgar para a cadeia o que acontece na cela.

Não olhar a visita.

Não assediar mulher de preso.

Manter a higiene em todos os aspectos.

Escovar os dentes ao acordar.

Lavar-se sempre depois de defecar.

Não pisar ou atravessar a área onde estão limpando ou distribuindo as refeições.

Não manusear comida sem estar vestido com camiseta.

Lavar-se antes de distribuir a comida.

Comer somente na parte debaixo do beliche.

Não descer da parte de cima do beliche quando alguém estiver comendo na parte de baixo.

Instruir sua visita para que ela não cometa ou o faça cometer qualquer falta grave

Não desperdiçar comida

Manter a higiene pessoal e a salubridade do ambiente

Fonte dos dados: Biondi, Karina (2006).

Índice das Cartas

Títulos das Missivas	P.
Ladrão que é ladrão, não abraça a de polícia.	57
Pó, você viu o que o cara fez?	60
Balas, bombas e borrachadas.	74
Mente de homem, Corpo de bicho.	77
Sou Guerreiro de fé em Deus	78
Nunca se esqueça que Eu te Amo	85
Escova de dente, sabonete, prestobarba, pasta, cigarro...	86
Sonho com Você	87
O que me deixa no ódio.	89
A Fotografia	90
Hemograma	90
Rainha, o barato foi loco, loco, loco.	98
Sentar o pau e medir a Febre.	104
Gatos nas muralhas e Ratos cavando túneis.	105
P.S : Amo Você.	111
Foi só por Deus mesmo.	112
Agimos na Paz.	112
Deus está na Prisão.	114
Não Canta a Minha.	117

Glossário de Termos Nativos

Aprendizados: conhecer a *disciplina* do PCC

Baratos: objetos pessoais

Barraco: cela ou *xis*.

Batizado: passagem de “primo” para “irmão”.

Boi: banheiro

Bolinho: grupo formado de presos para brigas.

Bonde: transporte de presos de um lugar a outro.

Burra: cama

Cagüeta: derivado de alcagüete. Termo utilizado pelos prisioneiros para se referir aos delatores.

Caminhada: histórico das cadeias por onde passou o preso e quanto tempo está cumprindo pena.

Casas: cela

Castigo: sanções disciplinares

Choque: entrada dos policiais militares ou do GATE dentro da prisão.

Coisa: inimigo, categoria utilizada para se referir tanto a os presos de outras facções quanto aos funcionários da segurança pública.

Convívio: espaço destinado aos que mostram ter “proceder”.

Dar milho: cometer algum erro.

Debate: briga, discussão.

Disciplina do PCC: conjunto de normas internas de convívio dentro da prisão.

Esculachar: o mesmo que humilhar.

Faculdade: prisões sob o comando do PCC.

Faxina: (1) cela onde moram presos responsáveis por funções políticas e administrativas no interior de um pavilhão. (2) nome dados aos moradores da cela “faxina”.

Fazer o corre: estar “lado-a-lado”.

Firme e Forte: estado de resistencia física e equilíbrio emocional

Fita: ação, tarefa.

Guerreiro: preso que luta em prol do PCC

Ideal do PCC: procedimentos e regras básicas do PCC.

Inferno: situação de caos e sofrimento.

Irmão: membro “batizado” no PCC.

Jack: estuprador

Jumbos: sacola com alimentos, objetos de higiene pessoal, material para artesanato, cigarros levada pelas companheiras dos presos nas visitas.

Lagartear: permitir ser mandado por outro, fazer o que o outro manda ou assumir crimes cometidos por outras pessoas.

Laranja: aquele que lagarteia.

Mancada: falha.

Medir a Febre: grau de tolerância e paciência.

Missivas: cartas, correspondências.

Mixa: chave principal das grades.

Mula: companheira que carrega jumbos, celulares, armas e/ou drogas para dentro da prisão.

Ninjas: policiais

Nóias: usuários de substâncias psicoativas.

Papel: documento da condenação.

Partido: o mesmo que PCC.

Passarinhos: caguetas

Patifaria: comportamento não condizente com a *disciplina do PCC* como extorsão, coerção, estupro e uso de crack.

Pedalar: caminhar no pátio da prisão.

Pilotos da cadeia: Posição política exercida por presos.

Pistas: Ruas, local exterior à prisão.

População: Modo de fazer referência os presos.

Primário: Quem está na cadeia pela primeira vez e ainda não cumpriu um ano de reclusão.

Primo: Presos que residem no “convívio” de cadeias comandadas pelo PCC, mas que não são seus membros “batizados”.

Rainhas: companheiras dos presos

Raio: pavilhão da prisão

Reeducandos: nome dado aos homens e mulheres que cumpriam pena nos Centros de.

Reincidentes: preso que retorna à prisão após reincidir no crime.

Residentes: Quem está preso há mais de um ano, ou que já esteve preso anteriormente.

Saidinha: indulto

Salves: ordens, os comunicados e as recomendações do *Partido*.

Seguro: Espaço destinado aos presos cujas vidas são ameaçadas por outros prisioneiros.

Sufrimento: estar preso e distante dos familiares e da vida em liberdade.

Táio: desequilíbrio

Tamanduá: aquele que acredita na versão do policial sobre determinado preso.

Tatu: buraco cavado dentro do banheiro para fuga.

Torre: Posição política existente no PCC, responsável pelos *salves*.

Veneno: estar no sofrimento

Ventana: buraco dentro da cela para circulação do ar.

Vermes: policiais

Xis: celas